





COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

OBRAS POETICAS

DE

JOSÉ BASILIO DA GAMA

Precedidas

de uma biographia critica e estudo literario do poeta

POR

JOSE VERISSIMO



LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

5, Rue des Saints-Pères, 6
PARIS

OBRAS POETICAS

DE

JOSÉ BASILIO DA GAMA

COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

OBRAS POETICAS

DE

JOSÉ BASILIO DA GAMA

Precedidas de uma biographia critica e estudo literario do poeta

POR

JOSÉ VERISSIMO



LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

| 6, Rue des Saints-Pères 6
PARIS

ADVERTENCIA

do editor literario

O prestantissimo estudioso da historia da nossa literatura, Joaquim Norberto de Souza Silva, tinha reunido elementos para ajuntar á *Brasilia bibliotheca nacional dos autores antigos e modernos*, de que foi o diligente e capaz director, mais um volume, o das obras poeticas de José Basilio da Gama. Principalmente com taes elementos é feita esta edição, com que a casa Garnier, velha editora dos nossos principaes poetas do periodo colonial, completa a louvavel tarefa da sua publicação.

Naquelle empenho, colligira Norberto, directamente ou mediante amigos como José de Castilho, João Lisboa, e padre Corrêa de Almeida e outros, não só os já raros escriptos poeta, mas tambem dados e elementos para a sua biographia. O resultado das suas pesquisas, que talvez não estivessem ainda concluidas, deixou-o informe no Instituto Historico, onde tive delle informação pelo digno bibliothecario da illustre associação, o Sr. Dr. Vieira Fazenda. Tendo disto conhecimento, a livraria Garnier incumbiu-me de lhe preparar uma edição das obras de Basilio da Gama.

Completei o já reunido por Norberto com alguns poemas não conhecidos ainda quando elle tão utilmente trabalhava, ou que escaparam á sua busca. Juntei-lhe, precedendo as obras do poeta, uma biographia critica com apreciação literaria, que estava em mente de Norberto fazer, para a qual colligiu tambem materiaes, mas da qual não escreveu nem a primeira linha.

Verifiquei que a biographia corrente de Basilio da Gama está cheia das maiores inexactidões, tendo sido feita sem exame serio das noticias dos seus primeiros biographos, contentando-se os posteriores com repetil-os, acrescentando-lhes apenas novas inexactidões. Procurei então mediante o confronto e a critica das fontes e dessas differentes biographias, do exame comparativo dos factos e noticias impressas e das manuscriptas encontradas nos papeis de Norberto, e com um estudo tão acurado quanto me foi possivel das circumstancias e particularidades da vida do poeta, refazer por completo a sua biographia. Não sei se, no proposito e desejo de desempenhar-me cabalmente da tarefa, não me excedi em minucias e me não mostrei demasiado pontilheiro. Julguei-me porem obrigado a todo o escrupulo pelas censuras que repetidas vezes tenho feito aos estudiosos da nossa historia literaria, geralmente descuidados e negligentes na averignação e critica das suas informações e noticias. Taes censuras, ainda as repito agora, e o leitor dirá se precedentemente ou não.

Não segui rigorosamente nesta edição o plano adoptado por Norberto, e seguido nas edições dos poetas por elle publicados. Já o Sr. João Ribeiro, editor literario das *Obras poeticas* de Claudio Manoel da Costa (H. Garnier, Rio de Janeiro, 1893, 2 vols.) não se ateve a esse plano. Supprimi o *Juizo critico dos excriptores nacionaes e estrangeiros* sobre Basilio da Gama, que Norberto já tinha reunido e de que costumava acompanhar as suas edições. As notas por elle habitualmente publicadas á parte, após o texto a que se referiam vão no pé das paginas do mesmo texto. Somente as notas feitas aos poemas pelo poeta, os seguem immediatamente. Os documentos reunidos por Norberto, e outros que não conheceu ou não havia ainda recolhido, e tambem os cartas particulares que com informações sobre o poeta lhe foram ou a ontras pessoas escriptas, vão publicados nas *Peças justificativas*. Deixei aliás de aproveitar algumas por me parecerem sem nenhum interesse. Mas todas, como todos os papeis de Norberto relativos a Basilio da Gama, e de que me servi para esta edição serão escrupulosa e integralmente restituídos ao Instituto Historico, onde o leitor os poderá verificar, no mesmo numero e ordem em que me foram con-

fiados. Formam o codice nº 626, de 212 fls, num. lata 9.

Como costumava fazer para justificar a authenticidade e origem dos poemas que colligia, preparara Norberto uma serie de notas, que julguei dever reproduzir taes e quaes, acrescentando-lhes o que me pareceu necessario, assignando por aspas ou comas o que the pertence ou subcrevendo J. V. o que não é d'elle. Faço-o menos por zelo de autoria que por não comprometter a responsabilidade de Norberto.

Eis as suas notas :

« Não obstante ter primado nos sonetos, o autor limitou a publicação das suas poesias neste genero a tres composições, dadas á luz em diversos annos.

« O primeiro soneto que imprimiu é o que saíu a frente do poema *O Uruguay* e principia assim :

Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo¹.

« Os outros dous foram impressos avulsos pela inauguração da estatua equestre do rei dom José I, e são os seguintes :

« Primeiro :

Fundou co'o a forte espada a monarchia.

« Segundo :

Domador do Bucephalo arrogante.

« Em 1809 a 1811 publicaram-se pela primeira vez na *Collecção de poesias ineditas* os quatro seguintes².

« Primeiro :

Achou Fabio um torrão de barro louro, t. I, p. 126.

« Segundo :

Já do leno as prisões se desataram, t. I, p. 127.

1. E' dirigido Ao Illmo e Exmo Sr. Conde de Oyeiras, que era ainda como se chamava Pombal. J. V.

2. O titulo completo da obra é *Collecção de poestas ineditas dos melhores Auctores portuguezes*, Lisboa, 12º, 3 tomos respectivamente de 1809, 1810 e 1811. J. V.

« Terceiro :

Ja, Marfiza cruel, me não maltrata, t. III, p. 36.

« Quarto :

Temam embora a morte os que afferrados, t. III, p. 37.

« Em 1829 foram estampados os seis seguintes no *Parnaso brasileiro*¹:

« Primeiro :

A idade, aquella idade que primeiro, c. I, p. 21.

« Segundo :

Dos curvos arcos açoitando os ares, c. I, p. 64.

« Terceiro :

Não temas não, marquez, que o povo injusto, c. III, p. 13.

« Quarto :

Se eu beijo a praia e vos penduro o voto, c. III, p. 15.

« Quinto :

Em quanto o Potenkin ao turco aterra, c. III, p. 16.

« Sexto :

Entrava afflicta nos celestes paços, c. V, p. 88.

« Em 1839 appareceu o seguinte no *Romancista*, jornal de Lisboa.

O chimico infernal drogas malditas, p. 147.

« Em 1853 divulgou Costa e Sá no seu *Ensaio biographico critico sobre os melhores poetas portuguezes* o seguinte :

1. *Parnaso brasileiro ou collecção das melhores poestas dos poetas do Brasil tanto ineditas como já impressas*, Rio de Janeiro, na Typ. Imperial e nacional 1829-1830. 4º, 4 tomos ou cadernos. O collecter destas poesias foi o Conego Januario da Cunha Barbosa (1780-1846) J.V.

Amo o grego cantor, gosto de ouvil-o, t. VI, p. 285.

« Saem agora nesta collecção, pela primeira vez segundo penso¹, os dous seguintes :

Primeiro :

Bate as azas veloz, fendendo os ares.

Segundo :

Na idade em que brincando entre pastores.

« E' igualmente diminuto o numero de Odes que nos deixou o autor, sendo elle tão famoso lyrico como mui judiciosamente nota o Sr. M. de Araujo Porto Alegre

« Tres odes, publicadas posthumamente, eis tudo quanto nos resta da sua lyrica.

« Estas odes viram a luz da imprensa em 1809 na *Collecção de poesias ineditas* e são as seguintes :

« Primeira, ao rei dom José I :

Os resplendores novos, t. I, p. 5.

« Segunda, ao Conde da Cunha.

Outros cantem as bellicas fadigas, t. I, p. 86

« Terceira, a Vasco da Gama.

Os bellicosos peitos, t. I, p. 153.

1. Devia Norberto dizer donde e como os houve, afim de melhor lhes authenticar a autoria. Infelizmente não o fez. Parece que o ajudou nesta tarefa, e lhe forneceu elementos para o seu trabalho o seu amigo e collega (como lhe chama em uma outra nota) C. A. de Sá, do qual na mesma nota confessa ter recebido « outros de diversos autores brasileiros e portuguezes ». C. A. de Sá era Carlos Augusto de Sá, nascido em Lisboa em 1827. Viveu aqui onde occupou o cargo de Chefe de seccão do Ministerio da fazenda, no qual se aposentou. Publicou poesias, peças de theatro e escreveu em jornaes seus e alheios. V. sobre elle *Innocencio* e *Blake* nos seus *Dicc. bibliographicos*. Como quer que seja, a probidade litteraria e o escrupulo com que trabalhava Norberto, garantem sufficientemente a authenticidade dos sonetos que elle primeiro colligiu e agora saem pel primeira vez á luz. J. V.

Segue-se uma mais estensa nota sobre a attribuição a Basilio da Gama da ode

Não o vil interesse de ouro ou prata

endereçada ao Marquez de Pambal. Desta nota dou o essencial no estudo biographico de que precedo os poemas ora publicados. Norberto a concluiu dizendo :

« O Sr. doutor J. M. Pereira da Silva a tem por (de) Basilio da Gama, e lhe tece elogios pela sua coragem e firmeza de character. Nada diz sobre a incerteza do autor. Inserindo-a nesta collecção, confesso a minha insufficiencia para decidir da questão, pois me faltam os documentos necessarios Lêa-se mas na duvida, até que outro mais feliz a desvanença, e dê a Cesar o que é de Cesar. »

Parece que Norberto a final convenceu-se de que a ode não é de Basilio da Gama, porque, ao contrario da sua promessa, não a inseriu entre as poesias que d'elle recolheu. Tambem não inseriu « a glosa improvisada em decimas ao mote dado pelo duque de Lafões, dom João de Bragança », que começa :

Muitas terras tenho andado

e foi « publicada anonymamente no *Jornal de Coimbra* e faz parte destas obras, segundo a seguinte asserção do Sr. Innocencio Francisco da Silva : « Eu tenho-a indubitavelmente por de José Basilio, segundo o testemunho de alguns contemporaneos seus, que assim m'a certificaram. »

Para a juntar a esta collecção, copiei-a eu, na Bibliotheca Nacional, do *Jornal de Coimbra* VII, nº XXXV, parte 1ª (1814), pag. 213.

« A satyra que se intitula *O Entrudo*, e que se

compõe de 156 versos hendecasyllabos, appareceu no *Ramalhele*, jornal de Lisboa¹ José Maria da Costa e Silva a deu como de Basilio da Gama e o Sr. Innocencio Francisco da Silva ajunta que outros, porem, duvidam que seja delle e querem adjudical-a de preferencia a Ignacio José de Alvarenga.² »

Tambem esta satyra não a recolheu Norberto para a sua collecção. Annotando uma satyra anonyma e inedita o Sr. Th. Braga (*Filinto Elysio*, etc., p. 168) diz que a allusão ao « autor ultramarino que do Entrudo a figura nos pinta » é a Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, em cujo nome, segundo elle, vem publicada no tomo VI do *Ramalhele*, e acrescenta possuir um manuscripto em que a tal satyra traz o nome de Francisco Xavier Lobo. Entretanto, ella figura como de José Basilio da Gama na *Zamperinei da metrica-laudativa-satyrica ou collecção de obras poeticas, pró e contra feitas em Lisboa á cantora italiana Anna Zamperini e ao padre Manoel de Macedo*, 1774, manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, publicado em 1907 pelo Sr. Alberto Pimentel, que, segundo se vê do seu Prefacio e notas, a crê daquelle poeta. Pareceu-me legitimo incluil-a nesta collecção das suas poesias completas, ficando sempre ao leitor o direito de duvidar que delle seja. Tambem na mesma *Zamparineida* impressa vem uma Parodia ao Canto 4º, estancia 94 e seguintes de Camões attribuida por Costa e Silva (*Ramalhele*, p. 395, VI) a Basilio da Gama

Alem da grande incerteza desta attribuição, o seu nenhum merito me desaconselhou a inclusão dessa

1. Jornal de instrucção e recreio, Lisboa. Publicaram se sete tomos em 4º gr. de 1837 a 1844. J. V.

2. E' o nosso Alvarenga Peixoto. J. V.

semsaboria nesta collectanea. Na mesma collecção pícaresca vem ainda a seguinte decima, assignada José Basilio da Gama

Conheceu não muito cedo
 Monteiro seu proprio engano,
 Bateu co' as portas de Jano
 Nos narizes do Macedo :
 Acabou-se em fim o enredo.
 Oh tu que as gazetas fazes,
 Noticia as novas pazes,
 A toda a face da terra
 Dize que só dura a guerra,
 Do Macedo c' os rapazes.

Monteiro (Domingos — de Albuquerque e Amaral) é um dos poetas que tomaram maior parte na Zamperineida e que numa Elegia respondeu á satyra *O Entrudo* de José Basilio. Da decima deste parece poder concluir-se que Monteiro verificou não ser de Macedo a satyra. Macedo é o padre Manoel de Macedo Pereira de Vasconcellos, meio nosso patricio pór ser da Colonia do Sacramento, cuja ode á Zamperini, chamandolhe de « divina » accendeu aquella miseravel briga de poetas da zamperineida. No reforido manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa o titulo da satyra *O Entrudo* é este: *O tourear do Talaya* (ruim poeta do tempo) *as paixões pela cantora Zamperini e as descomposturas do Monteiro, são o objecto da presente satyra.*

Sobre o soneto

O chimico infernal drogas maldictas,
 recolhido por Norberto na collecção que deixou inedita e agora se publica, escreveu elle esta nota :
 « Bem se ve que era de Basilio da Gama que

havia tomado o padre Manoel de Macedo a sua conta; comtudo a satyra poderia ter sido feita pelo poeta fluminense (Silva Alvarenga) que abraçasse então o partido do seu compatriota. Ou de um ou de outro autor faz a satyra parte desta collecção. » (Referia-se á *Brasilia*.)

« As seguintes obras tiveram publicação posthuma, pois viram á luz da publicidade no *Parnaso brasileiro* em 1829 :

« *Epitalamio ás nupcias de D. Maria Amalia* filha do Marquez de Pombal, em 15 oitavas¹

« *Canto ao Marquez de Pombal* em 12 oitavas.

« Foi tambem publicado posthumamente o poema que o auctor dedicou ás bellas artes *A declamação tragica* Contem 238 versos alexandrinos. Sahiu pela primeira vez no *Jornal encyclopedico* de Lisboa² O auctor o compoz em 1772. »

Verificando que a *Declamação tragica*, ao contrario da opinião commum não era original mas traducção « ora obrigada, ora livre » do primeiro canto do poema didactico de Dorat³, poeta francez, que se intitula *La*

1. Engana-se Norberto, como já se enganára Innocencio, dando como posthuma a primeira publicação deste poema. No *Dic. bibl.* deste, continuado por Brito Aranha (XII, 255) vem a corrigenda, verificando se a publicação do Epitalamio em Lisboa, na Officina de Joseph da Silva Nazareth, 1769, 4º de 10 pag. Tambem o Sr. Th. Braga (*Obr. cit.* p. 503), na excellente bibliographia dos obras de Basilio da Gama, dá noticia desta edição.

2. Outro equívoco de Norberto. A *Declamação tragica* foi igualmente publicada em vida do poeta em 1772, na Regia officina in-8º, de 17 pag. V. Innocencio, tomo e pag. cit. e Th. Braga, *Obr.* e pag. cit.

3. Dorat (cavalleiro Claudio José), poeta francez, (1734-1780), cultivou generos diversas, maiormente o alegre. No seu tempo excessivamente apreciado e louvado, está hoje pouco menos de esquecidos. Suas obras completas (Paris, 1764-80, in-8º), formam 20 volumes. Ha pouco escrevia dele Emilio Faguet: « Il y aurait, du reste, à rehabiliter Dorat, dont, pour ne l'avoir pas lu et pour le caractériser toujours avec les épithètes dont les romantiques l'ont drapé, on se fait l'idée la plus fausse. C'est presque un grand poète. » *La Revue*, 1ºº avril 1911.

déclamation théâtrale, deu-se Norberto o trabalho de confrontar os dous poemas verso a verso para nos dizer quaes os traduzidos, quaes os imitados, quaes os originaes do nosso poeta, transcrevendo os do francez para comprovação dos seus assertos. Pareceu-me excusado publicar essas demasiado longas anotações de Norberto.

« Taes são as reflexões, termina Norberto, que julguei necessario juntar á esta edição das obras pela primeira vez colligidas de um dos nossos primeiros poetas. Se as apresentasse sem estas considerações bastante razão haveria da parte do publico para exigil-as, e pelo menos desconfiar da sua authenticidade

« Talvez existam muitas obras de Basilio da Gama ainda ineditas e até impressas anonymamente. Na empresa de tão nobre tarefa fiz o que esteve ao meu alcance, e se não consegui ser mais feliz na minha colheita, não foi por que me poupasse a fadigas e despesas

« Cabe aqui agradecer em nome dos lettras brazileiras aos senhores (ha neste ponto do manuscrito de Norberto um claro onde elle não chegou a escrever os nomes dos seus collaboradores) a parte que tiveram para o bom exito desta edição, porporciando me a aquisição da maior parte das obras de que se compõe, e sobretudo ao meu distincto amigo o commendador João Francisco Lisboa, roubado ás lettras brazileiras em 26 de Abril de 1863. »

Outras notas deixou Norberto, mas nem todas aproveitaveis. Umas são repetições das acima transcriptas, outras estão ainda informes ou são escusadas ou impertinentes. As aproveitaveis são estas

Ao soneto II

« Foi impresso, como fica dito, avulso, sem titulo seguindo-se depois dos versos a assignatura *Termino Sipilio pastor arcade*, e por baixo desta a data 6. de Junho de 1775. Saiu no *Parnaso brasileiro*, c. III, p. 68, e na *Miscellanea poetica ou collecção de poesias diversas de autores escolhidos*, Rio de Janeiro, 1853, 1 vol. in-4º, p. 116. »

Ao soneto III :

« Tem por titulo : *Soneto no dia da feliz inauguração do colosso real* e por baixo dos versos o nome do autor *José Basilio da Gama*. Serve de epigraphe a este soneto a anedota que refere Quinto Curtio a respeito do engano de Sysigambis que tomou a Ephestião por Alexandre. »

Por muito conhecido o caso, não reproduzo a citação. — J. V.

A' ode *Ao rei dom José I* :

« Nota-se nesta ode um erro não só de versificação como anachronico logo na primeira estrophe.

Os resplendores novos
A filha de Hiperion á terra a envia
E o sol brilhando aos portuguezes povos
Traz no adornado coche o claro dia
Em que o *lustro primeiro*
Se completa; eis quando enchendo os ares
As vozes populares
Clamar-se onviram pe o reino inteiro

— Real! Real! por dom José *primeiro*.

« A rima *eiro* do quinto, citavo e nono versos pede tres consoantes e não dous, sendo o ultimo apenas repetição do primeiro. O primeiro *lustro*, isto é, o quinto anniversario da proclamação do rei dom José I foi em 7 de Setembro de 1755. Ora neste anno

ainda Basilio da Gama estava estudando no Collegio dos padres da Companhia no Rio de Janeiro, com seus 15 annos de idade (aliás 16) e não podia achar-se na cidade do Porto, como se infere da ultima estrophe :

E vós, nymphas do Douro,
Virá tempo em que neste alegre dia
Tambem as crespas etc.

« O terremoto de Lisboa foi posterior e ainda mais posterior a reedificação da cidade, e o poeta não podia occupar-se destes factos em tal dia, como se lê na quarta estrophe.

« Tambem nas estrophes seguintes o autor commemora a reforma de Universidade de Coimbra e a guerra com a Hespanha, que a historia data de 17.. e (A guerra cuja data não acudiu á memoria de Norberto é a do pacto de familia, de 1761.)

« Vi, porem, que se o poeta celebrasse a acclamação do rei d José I em annos menos remotos desapareceria o anachronismo e o defeito da metrificacão e ousei emendar o quinto verso da primeira estrophe da sua bella ode. Substituí, pois, a palavra *primeiro* pela palavra *lerceiro* : desapareceu o cahos e a maquina entrou nos seus eixos. O terceiro lustro, isto é, o decimo quinto anniversario da acclamação do rei foi em 7 de Setembro de 1765, quando Basilio da Gama contava 25 annos de idade.

« Na *Collecção de poesias inedilas* apenas se diz que a ode é feita *Ao senhor rei D. José I.* »

Mostra-se nisto o escrupulo de Norberto, mas não será talvez excessivo?

Erro e anachronismo bastavam erros de copias para os explicar, e sabendo se que só muitos annos depois de composta foi a ode reproduzida naquella

collecção nada mais procedente do que admittir esses erros. Quanto á inferencia que tira Norberto dos versos que cita, não me parece plausivel, nem basta aquella estrophe para fazer crer que o poeta estivesse no Porto. Se a ode é de 1765 como quer Norberto só poderia ter sido composta em Portugal se admittirmos que o poeta voltou de Roma mais cedo do que eu supponho, isto é, naquelle anno ou ainda em antes. No Brazil sabemos com certesa que estava até março de 1760 e nos primeiros 'dias de feveireiro de 1768.

A' ode ao Conde da Cunha :

« Na supracitada collecção se não declara a quem seja dirigida esta ode, nem ha nela nota alguma. Vê-se porem, que é feita ao Conde da Cunha, primeiro vice rei que teve o Estado do Brazil com assento no Rio de Janeiro. Juntei-lhe algumas notas. »

Ao soneto V :

« A nau *Serpente* foi construida no Rio de Janeiro no lugar em que está hoje o Arsenal de Marinha conhecido então pos praia de S. Bento. Foi mandada fazer pelo Conde da Cunha então vice rei do estado do Brazil. Passou por um dos mais magnificos vasos de guerra fabricados no Brazil, sendo que depois mudou o nome para *São Sebastião*, mais christão porem menos poetico. Ainda existia em 1817 em Lisboa e servia então de cabrea, Basilio da Gama não só lhe fez este soneto, como outros muitos versos que se léem na ode que dedicou ao Conde da Cunha e no seu poema *Uruguay*. J. V.

As poesias de Basilio da Gama colligidas por Norberto tive a felicidade de poder juntar mais dez sonetos, uma glosa e uma satira. Dous dos sonetos,

Poeta portuguez bem que eloquente e

Lisboa trez de abril. Cheio de sarro

foram pela primeira vez publicados pelo Sr. Th. Braga, o primeiro na *Arcadia Lusitana cit.* p. 337, com a indicação de se encontrar no MS. U-1-51 p. 303 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o segundo em *Filinto Elysio e as dissidentes da Arcadia*, cit. pag. 489, com a indicação de estarem um M. S. da Academia Real das Sciencias de Lisboa, G. 5, Est. 23. nº 33. Este, segundo o mesmo Sr. Th. Braga, seria feito a Nicolau Tolentino em resposta dos seus ataques em verso ao Marquez de Pambal. E', no fundo e na forma, tão ruim o soneto que não inculca grande sinceridade na defesa. *Como tudo o que versejou Basilio da Gama pelo Pombal depois da queda deste ficou inedito. E só o inclúo nesta collecção para que ella saia tão completa quanto passivel. A glosa foi tambem recolhida da. *Obr. cit.* do Sr. Th. Braga, pga. 489, onde saiu pela primeira vez.

Os oito sonetos de nos. XX a XXVII tinham ficado ineditos e, parece, desconhecidos dos mesmos estudiosos destes assumptos. Descobri-os a graciosa e esclarecida diligencia do meu bom amigo, Sr. João Lucio de Azevedo, residente em Lisboa, o notavel historiador e distincto escriptor dos *Jesuitas no Grão Pará* e do *Marquez de Pombal e sua epoca*. Achou-os, o XX, o XXI, o XXII, o XXIII, naquella Bibliotheca, Collecção Pombalina. Poesias, Codice ms. nº 685, fls. 86, 137, 155, 165, respectivamente, o XXIV, o XXV. o XXVI e o XXVII, na mesma livraria publica, numa Collecção de sonetos serios, que se não achão impressos, extrahidos dos ms. antigos e modernos, 1786 ». Codice ms. no 8610, respecti-

vamente fls. 43, 48, 289, 299. Mandou-me mais o Sr. Lucio de Azevedo um soneto inedito de José Basilio de ataque violento e descomposto ao Regedor, Cardeal da Cunha. Por assim ser, e conter obscenidades, julguei dever excluí-lo desta recolta. Os novos sonetos de Basilio da Gama, que agora pela primeira vez saem á luz, não augmentarão infelizmente o renome do poeta. São o correntio mediocre versejar da quella epoca infausta da poesia portugueza. Como quer que seja, não sei como agradeça ao Sr. João Lucio de Azevedo a rebusca e copia dessas producções do poeta do *Uruguay*, assim como outras informações suas, com que mais uma vez tão gentilmente me obrigou.

Desses novos sonetos o XXI parece alludir ao supposto attentado de Pelle contra Pombal, o qual tambem provocou a musa, no ensejo pouco inspirada, de Claudio Manoel da Costa. O XXII, foi provavelmente composto quando a rainha mãe, D. Marianna Victoria, esteve em Hespanha depois da morte de D. José, com motivo e por occasião das negociações que resultaram no celebre tratado de 1 de outubro de 1777, que cedeu definitivamente a colonia do Sacramento aos hespanhoes.

O soneto V, *Acerto individuo que sendo proegido pelo marquez de Pombal incorrera depois no seu desagrado*, reproduzido por Norberto da *Collecção de poesias ineditas* acima citada, traz, segundo a copia do Sr. Lucio de Azevedo, nas *Miscellaneas curiosas*, MS. no. 805 da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fundo antigo) o titulo *Soneto feito por José Basilio quando foi desterrado José de Seabra para as pedras negras (sic)*. Na versão de Norberto o ultimo verso do segundo quarteto é.

Que elle proprio lhe foi funesto agouro

o que não faz sentido, se não violentando a grammatica. Corrigi-o pela versão do MS. da Bibliotheca de Lisboa em que vem :

Que ella mesma lhe foi funesto agouro.

Os historiadores portuguezes destas miudezas não acertam com o motivo da desgraça de José de Seabra da Silva, quando no pinaculo das honrarias, secretario e confidente do Marquez de Pombal. (V Camillo Castello Branco, *Noites de Insomnia*, 12, dezembro de 1874, *Quem desterrou José de Seabra da Silva?*). Os argumentos do Sr. Lucio de Azevedo no *Marquez de Pombal* parecem concludentes que o autor de desterro foi o rancoroso ministro, Aliaz não deixam bem patente o motivo da perseguição ao seu collega e protegido.

O soneto de Basilio da Gama, se não lhe abona a generosidade, antes pelo contrario, revê a influencia da raiva do poderoso ministro contra o seu auxiliar.

Nas copias deixadas por Norberto existe uma do soneto que começa.

Nem fizera a discordia o desatino.

Não posso dizer se elle pensava ou não em incorporal-o ás obras poeticas de Basilio. Resolvi-me, porem, a supprimil-o porque no *Parnaso Brasileiro* de Cunha Barbosa, donde Norberto segundo nota sua o copiou, traz a indicação de « feito aos annos de D. Joanna » e a attribuição clara a Alvarenga Peixoto (*Obr. cit.* c. 1, 21). Sob este vem o de Basilio da Gama, ahi expressamente nomeado, *Á mesma senhora*.

Aidade, aquella idade que primeiro

que o leitor achará adiante Aliás aquelle soneto já Norberto o havia incluído na sua edição das *Obras poeticas* de Alvarenga Peixoto, em cujo unico volume vem á pag. 199.

Verifiquei todos as asserções, citações e indicações de Norberto, achando-as, salvo algum raro equivoco, exactas. As denominações dadas a certos poemas, que primitivamente saíram sem titulo, ou com titulo que lhe não pareceu sufficiente, são delle. Só num caso, o do soneto IX, me pareceu dever alteral-a, por ser expressiva demais a que lhe attribuiu Norberto : *A Tupac Amaru Inca peruano que fez a tentativa inutil mas generosa de sacudir o jugo hepanhol* Substitui-a pela que vae, com a qual foi o soneto publicado no *Parnaso brasileiro*, c. 1, pag 64, donde o recolheu Norberto.

BASILIO DA GAMA

sua vida e suas obras

I

A biographia de Basilio da Gama não pode ainda ser escripta de maneira cursiva. Nem a delle, nem a de nenhum dos antigos poetas brasileiros. Todas quanto existem, feitas pelos aliás benemeritos iniciadores da nossa historia litteraria, os Varnhagens, as Cunhas Barbosas, os Pereiras da Silva, os Norbertos, posto que meritorias e estimaveis, e ainda as posteriormente escriptas pelos que se contentaram de repetil-os, estão erradissimas. São incontestavelmente Varnhagen e Norberto os melhores desses primeiros investigadores da historia da nossa litteratura, os que a começaram a fazer com mais acurada informação e melhor critica. Todos, porem, ainda esses, se resentem, mais do que fôra desculpavel em qualquer epoca, de graves falhas na apuração dos factos, exame das fontes e escolha da documentação, em todos elles falha e defeituosa. Pereira da Silva, em quem ainda hoje se apoiam confiadamente estudiosos da nossa historia litteraria, esse, pode dizer-se que inventou ou reproduziu sem exame, acrescentando-lhes de sua inventiva ou defeituosa informação, as biographias que desses poetas escreveu. Da imaginação de que, como romancista que tam-

bem foi carecia, usava largamente como historiador. Delle se poderia dizer, como de outro disseram, que tinha o genio da inexatidão.

A sua biographia de Basilio da Gama nos *Varões illustres do Brasil*¹, exceptuados os factos já apurados por Varnhagen no seu *Florilegio*, são um puro romance

A primeira biographia de Basilio da Gama, se assim podemos chamar a essas quatro pauperrimas paginas, appareceu anonyma na *Revista do Instituto historico* logo no seu primeiro tomo². Como era legitimo conjecturar, e se confirma por uma fidedigna informação de Norberto, nas notas que deixou, escreveu-a o conego Januario da Cunha Barbosa, o benemerito fundador daquella instituição. Não se sabe, porem, em que documentos, testemunhos ou informes assentam as noticias nella dadas. Essas aliás são minguadas, vagas e incertas.

Vem depois a do *Ramalhete*, jornal de Lisboa tambem anonyma³, pouco adiantando á de Cunha Barbosa. Segue-se a de Varnhagen, nos *Epicos brasileiros*, em 1845. E', de feito, esta a primeira que contem factos bastantes para comporem uma biographia embora ainda desapoitados de documentação. Della derivam todas as mais que do poeta se escreveram.

1. Paris, 1858, 2 vols. E' a segunda edição refundida do *Plutarco Brasileiro* (Rio de Janeiro, 1847, 2 vols) Desde 1859, tinha Innocencio, no tomo III do seu *Diccionario bibliographico* posto de manifesto a escassa confiança que mereciam estes trabalhos de pereira da Silva, quasi apenas reproducções dos de Varnhagen, Cunha Barbosa e outros, palavrosamente ampliados em estylo demasiadamente florido, com que presumia renoval-os e encobri-lhes a vacuidade.

2. *Rev. do Inst.* 1, 139, Rio de Janeiro, 1839.

3. *O Ramalhete*, Lisboa, 2º serie, 2º anno, nº 154, 1841. Innocencio

Ella mesma, porem, deriva do unico documento antigo e contemporaneo de Basilio da Gama que da sua vida temos. E' a *Previa noticia da vida e caracter do autor do poema*, curto capitulo com que os jesuitas abriram a sua *Resposta (sic) apologetica ao poema intitulado O Uruguay por José Basilio da Gama*¹.

A *Resposta* apologetica é, porem, uma obra de polemica e de paixão, naturalmente acrimoniosa contra Basilio da Gama. Bebendo nella o melhor das suas informações, mas aproveitando-as segundo o seu modo de ver e criterio, substituindo a sua simpatia á antipatia jesuitica, e com informes colhidos pessoalmente em Lisboa, onde elaborou os que primeiro houve de Varnhagen a citada biographia dos *Epicos* ampliada e remodelada depois no *Florilegio*².

A *Prévia noticia da Resposta apologetica* não tem datas nem individuações. No seu laconismo e imprecisão antes revê a versão e o conceito dos jesuitas

(*Dicc. bibl.* IV. 268) attribue esta biographia a J. M. da Costa e Silva, o autor do *Eusaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes* (Lisboa, 10 vols. 8º gr.).

1. Lugano (Italia) 1786. Este livro famoso que existe na Bibliotheca Nacional na primeira e unica edição e tambem em manuscripto copia do impresso, foi ultimamente republicado de um manuscripto existente na bibliotheca do Instituto Historico, na sua *Revista* (tomo LXVIII, parte I, p. 93, 1907) com o titulo supposto de *Refutação dos Calumnias contra os jesuitas contidas no poema « Uruguay de José Basilio da Gama*. Nada, pensamos, autorizava ou justificava mudar o titulo com que se tornou famoso este opusculo. O que trazia na copia (copia ligeiramente adulterada e com algumas variantes do impresso) só provava a ignorancia ou irreflexão de quem lá o poz, suppondo-o talvez obra diferente ou nova. No seu *Filinte Elysio e os dissidentes* Arcadia (pag. 499) traz o Sr. Theophilo Braga um documento, do qual se verifica ser autor da *Resposta* o jesuita padre Lourenço Kaulen, com a collaboração do padre Domingos Antonio.

2. F. A. Varnhagen, *Epicos brasileiros*, nova edição, 1845, Lisboa Na Imprensa Nacional. *Florilegio da poesia brasileira*, Lisboa, Na Imprensa Nacional, 1850. Nenhuma destas obras traz no rosto o nome do Autor.

a respeito de Basilio da Gama, do quedá uma noticia exacta deste. Escrip'ta vinte e um annos depois que elle deixara a Companhia¹ não é de estranbrar que assim seja.

Não lhe diz a data do nascimento, que Cunha Barbosa foi o primeiro a indicar, como de 1740, o que repetiram todos os biographos posteriores; tambem não lhe dá o nome dos pais, o que Varnhagen é o primeiro a fazer no *Florilegio*. A noticia da sua extrema pobresa, a que com sentimento bem pouco christão insistentemente se referem os jesuitas da *Resposta apologetica*, reeditada por Varnhagen e os outros, vem igualmente desta unica e suspeitissima fonte. Tambem della procedem os informes da sua orphandade paterna, da sua trazida para o Rio de Janeiro por um religioso leigo franciscano, do seu acolhimento aqui por certo bemfeitor. Nada disto occorre na biographia de Cunha Barbosa, deixando suppor que este desconhecia a *Resposta apologetica*. A sua seria feita de tradições colhidas na familia do poeta, com alguns de cujos parentes, segundo testemunho de um delles, parece esteve Barbosa em relações².

Segundo a mesma fonte original, aquelle bemfeitor que « o sustentava e vestia por esmola » mandou Basilio da Gama estudar com os jesuitas. No Collegio do Rio de Janeiro foi admittido ao noviciado. Noviço era havia seis mezes quando chegou ao Brazil a lei de 3 de setembro de 1759 declarando proscriptos, exterminados, desnaturalizados e expulsos de Portugal e seus dominios os jesuitas. Exceptuado da expulsão por não ser ainda professo, deixando o

1. E' o que resulta do carta do p. Kaulen citada pelo Sr Th. Braga (*Obr. e lug. sit.*).

2. V. nas *Peças justificativas* deste livro a carta do Barão de Nogueira do Gama ao Couselheiro José Feliciano de Castilho.

Collegio dos jesuitas passou Basilio da Gama para o seminario donde, sempre conforme a versão jesuitica que vamos resumindo, fugiu para esquivar o castigo em que incorrera por uma satira que fez. Com a fugida, dizem elles, « evitou a pena mas augmentou a miseria ».

Qual o filho prodigo, caindo em si, resolveu ir a Roma afim de obter do Geral a sua restauração na Companhia. Soccorrido por algumas pessoas caritativas de dinheiro e cartas de recommendações, passou-se á Lisboa e dali á Roma. A versão de Cunha Barbosa é que voluntariamente acompanhou os padres desterrados á Roma, « onde soffreu grandes privações, mormente depois que lhe faltara o pequeno auxilio de substistencia que com elle repartiam os jesuitas que ali foram ter ». Varnhnagen noticia a ida á Roma como de sua espontanea resolução « querendo talvez aquella alma dilatar-se pelo mundo de que tantas cousas havia lido » e com razões improcedentes procura, sem declarar-se, refutar as asserções da *Resposta apologetica*, de haver ali tido Basilio da Gama a protecção dos jesuitas, quer para se empregar num seminario, quer para ser admittido á Arcadia Romana.

Tendo-se desavindo novamente com os seus confrades e protectores, por causa de um escripto satirico, « improvisamente se retirou para Napoles, de Napoles veio a Lisboa e de Lisboa partiu para o Brazil ». Reconhecido aqui por jesuita foi preso e remettido a Portugal « por virtude de uma nova ordem regia a qual estendia o exterminio ainda aos que tinham saído da Companhia ».

Em Lisboa teve de assignar termo de ir para Angola, do que se livrou « valendo-se dos suas

habilidades, isto é, diz o seu biographo jesuita, compondo não sei que versos que dedicou a uma filha de Carvalho (o marquez de Pombal) a qual alcançou de seu pai o livramento ». Com pequenas variantes o mesmo repetem Várnhagen e os outros. Parece entretanto ignoral-o Cunha Barbosa que apenas mui vagamente allude a estes casos.

Dahi data o que a *Resposta apologetica* não sabe se chame fortuna ou desgraça de Basilio da Gama, a protecção de Pombal « que a ninguem premiava mais, nem renumerava melhor, que aos autores de alguns escriptos satiricos contra os jesuitas ».

Eis como explica a genese do *Uruguay* : « occorreu-lhe que para ter que comer o meio mais facil e certo era dar a luz um poema em cujos versos e notas confirmasse quantas imposturas e calumnias tinha Carvalho estendido em prosa na sua celebre *Relação abreviada da republica jesuitica* que os religiosos da Companhia das provincias de Hespanha e Portugal tinham estabelecido nos dominios ultramarinos das duas monarchias etc. Communicou a sua idéa ao ministro, o qual logo approvou, parecendo-lhe que ninguem duvidaria dos factos que elle tinha publicado contra os jesuitas da America, vendo que eram confirmados por um que o tinha sido, e era americano. Tambem lhe facilitou os meios e subministrou documentos tão falsos como elle, e concluida a obra lh' a fez imprimir em bom character na estampa real e approvar pela mesa censoria. Alem disto vendo que o autor tinha escripto tão bem, ou, para dizer melhor, tão mal, contra a Companhia o premio que lhe deu foi o de escrivão da sua secretaria ».

1. *Resposta apologetica* cit. *Previa noticia da vida e character do autor do poema (Uruguay)*.

E' evidentemente a *posteriori* esta explicação da origem do poema, dada dezeseite annos depois da sua publicação, e para fazer effeito contra elle. A nomeação de Basilio da Gama foi certamente um premio, mas revestiu-se delicadamente da circumstancia de não ser, como um pagamento, concedido logo encima do obsequio ou serviço feito. Demorou cinco annos, o que absolutamente não parece da relação jesuitica.

Esta termina ahi, e o que soubemos depois foi Varnhagen que o descobriu e divulgou, como o fallecimento do poeta em 1795, inferencia dos *Epicos* comprovada no *Floriligio* pela certidão de obito de Basilio da Gama, por elle descoberta, mandada extrair e offerecida ao Instituto Historico. Sempre puerilmente cioso dos seus achados e fontes, apezar do muito que fez e divulgou, Varnhagen não publicou ou sequer citou este documento que, se me não engano, é agora pela primeira vez dado a lume nesta edição.

Pereira da Silva no *Plutarco brasileiro* em 1847 e nos *Vorões illustres* em 1858 reedita Varnhagen sem lhe acrescentar nada de essencial antes peiorado pelas suas invenções ou conjecturas desarrazoadas. E' de justiça reconhecer que a Pereira da Silva deve a biographia de Basilio dous importantes documentos, a portaria da sua nomeação para a secretaria do reino e o alvará da sua nomeação de escudeiro e cavalleiro fidalgo da casa real, com vantajosa moradia, feita por D. Maria I em 1787.

1. Este segundo, senão tambem o primeiro document, deveu-o elle a « um parente » de Basilio da Gama que, ao testando-lhe pelo *Jorna do commercio* de 29 de junho de 1847, as noticias dadas na primeira edição do *Plutarco*, o publicou. Pereira da Silva, sem dizer donde o tivera, o transcreveu nos *Vorões illustres*, mas, como no texto mostro, sem lhe prestar muita atenção.

Não obstante haver na segunda edição da sua biographia reproduzido em nota este segundo importante documento, que certificava a origem do poeta, não lhe viu Pereira da Silva todo o valor e significação, pois no texto abusa das lastimas romanticas sobre a sorte de Basilio da Gama, sem perceber que, apezar da *viradeira*, a sua situação em vez de peiorar com a queda de Pombal melhorara muito, como prova exuberantemente este documento. Demonstra ainda este que, ao envéz do que affirma o biographo, Basilio jamais deixara o emprego desde que para elle entrou, o que torna impossivel a sua segunda volta ao Brazil, e tudo o mais que nos dá como certo dessa viagem o mesmo inventivo biographo.

II

No sitio ou chacara do Caxêu, freguesia de santo Antonio da então villa de S. José do Rio das Mortes, S. José d'El-Rey depois e hoje Tiradentes, nasceu, em 1741, José Basilio da Gama. Naquelle sitio construiu o pai deste, Manoel da Costa Villas Boas, em 1740, uma grande casa, ao gosto antigo, onde por ventura nasceu o poeta e passou a sua meninice¹.

Não é conhecida por algum documento authenticico ou testemunho valido a data do seu nascimento, geralmente assentada, desde que a indicou Cunha Barbosa, em 1740. Verificando-se da sua certidão de baptismo² ter sido o seu a 6 de dezembro de 1741, não é possível razoavelmente concluir-se se não que neste anno nascesse. Nesses tempos, como é geralmente sabido, não se demorava o baptismo dos ingenuos com o religioso temor de que de um mal subito viessem a morrer sem elle. Casos em contrario desta pratica seriam extremamente raros, se os havia. E' pois quasi incrível que tendo Basilio da Gama nascido em 1740, como repetem todos os biographos, só fosse baptisado com um anno ou mais. E' infinitamente mais provavel, é quasi certo, tivesse nascido no mesmo anno em que se baptisou, o de 1741.

O escriptor portuguez Sr. Mendes dos Remedios, assigna-lhe a data certa de 22 de julho de 1740³.

1. Veja nas *Pecas justificativas* as n.ºs 5, 6 e 8.

2. V. *Pecas justificativas* n.ºs 1.

3. *Historia da literatura portuguesa*, 3.º edição refundida, Coimbra, França Amado, 1908, 440.

Quer me parecer que essa data precisa a tomou elle á biographia do poeta do escriptor rio grandense do sul Arthur Montenegro, que antecede a edição do *Uruguay* por este publicada¹.

Sendo Arthur Montenegro o primeiro a dar o dia e mez do nascimento do poeta, competia-lhe |autenticar a sua novidade, o que lhe esqueceu fazer.

Fundado em documento que é o primeiro a publicar, uma relação de passageiros do Rio de Janeiro para Lisboa em 1768, na qual figura Basilio da Gama com 26 annos, fal-o o Sr. Th. Braga nascido em 1742². A certidão de baptismo acima citada de todo exclue esta nova hypothese.

Foram seus pais o capitão mor Manoel da Costa Villas Boas e D. Quiteria Ignacia da Gama³. Do pai nada se sabe se não a nome e o cargo ou patente, e que fôra em tempo abastado, fazendo boa casa na freguesia de Sto Antonio de S. José do Rio das Mortes, onde viveu, conforme tradição recolhida já na segundo metade do seculo passado⁴. Da mãe apenas sabemos era filha do Capitão Luiz de Almeida, portuguez, e de sua mulher D. Helena Josepha da Gama, fluminense, legitima descendente do appellido de Gama por sua mãe. Era neta materna de Leonel da Gama Belles,

1. *O Uruguay* par José Basilio da Gama. Poema epico com annotações de J. Arthur Montenegro, Pelotas, Echenique Irmãoe Ca. 1900 IX.

. *Obr. cit.*, 487.

3. Esta filiação resulta e pressamente da certidão de baptismo (que al ás não dá á mãe o nome de Gama) da carta de brazão d'armas concedido a Basilio em 10 de julho de 1771 e registrada (V. Varnhagen, *Florilegio*, I, 276 e nas *Peças* justificativas a carta de Innocencio Francisco da Silva, sob n° 9) no cartorio da nobresa e fidalguia do reino, livro 1º, fls. 1550 v. e de outros documentos adiante publicacados Cp. Visconde de Sanches de Baena, *Archivo heraldido genealogico* Lisboa 1872, 367.

4. V. nas *Peças justificativas* as de nos 6 e 8.

fidalgo e official portuguez, commandante ou governador da Colonia do Sacramento e algum tempo governador da fortaleza de S. João no Rio de Janeiro. D. Quiteria nasceu nesta cidade e casou em Villa Rica com o Capitão Manoel da Costa Villas Boas, natural de Barcelos (Portugal) decendente do antigo solar do Paço de Villas Boas em Ayró de Barcellos, de que foi senhor Diego Rodrigues de Villas Boas.¹ Dos progenitores de Basilio da Gama, portanto apenas eram brasileiros a mãe e a avó materna.

E' tradição ou noticia de todos os seus biographos, a começar de Varnhagen, que o pai de José Basilio lhe morreu deixando-o menino e pobre. Diz esta mesma versão, não verificada ainda devidamente, que de sua terra natal fôra trazido para o Rio de Janeiro por um franciscano de passagem por ali, e a quem a sua precoce intelligencia favoravelmente impressionára. Outros referem que sua mãe mesma o mandara para o Rio, a estudar com os jesuitas, cujas collegios são então os mais acreditados.²

1. *Genealogia das famílias Botelho etc Gama e Villas Boas*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1852, pag. 152 e seg. Cp. Sanchez de Baena, *Obr. cit.*

2. A noticia da orphandade e extrema pobreza de Basilio da Gama é corrente na sua biographia. Não lhe conhecemos entretanto outro testemunho que o dos jesuitas da *Resposta apologetica*, que pos signal bem pouco caridosamente insistem no que chamam a sua miseria. Basilio aliás a confirma num soneto de 1768, adiante citado mas referindo-se as suas circumstancias de então. Se Basilio menino e adolescente, era tão pobre e desvalido que só por esmola poude fazer alguns estudos, como se explica que seu irmão, pouco mais velho ou pouco mais moço do que elle, Antonio Caetano Villas Boas da Gama se tivesse formado em canones em Coimbra e residido em Lisboa, onde se achava no ensejo da inauguração da estatua de D. José I, para cuja copiosa celebração poetica contribuiu de companhia com José Basilio?

O já citado parente deste, que pelo *Jornal do Commercio* de 29 de Junho de 1847 reificou as inexactidões de Pereira da Silva, expressamente lhe contesta, aliás por mera affirmativa e sem provas ou razões do contrario, as asserções do biographo « de ter ficado o infeliz

Vimos já que a versão do franciscano é da *Resposta apologética*. Segundo a mesma suspeitíssima fonte, no Rio de Janeiro « o recebeu em sua casa certo bemfeitor que sustentando-o e vestindo o por esmola o mandou estudar ás aulas dos jesuitas. » Conjecturou Varnhagen, ao seu dizer com justos motivos, fosse esse bemfeitor o brigadeiro Alpoim¹. Quaes esses motivos fossem não declara o grande investigador, mas se é exacto como parece era Alpoim da Colonia do Sacramento, onde fôra governador ou official de elevada categoria o bisavô de José Basilio, cuja mãe também ali estivera, é de crer que entre a familia de Basilio da Gama e Alpoim houvesse relações, por ventura estreitas, determinantes daquella protecção. Sem alludir a ella, porem sensivelmente commovido, em dezeseis bellos versos do 1º canto do *Uruguay*, commemora o poeta a Alpoim e, com terno e saudoso

infante por morte de seu pai, que pouco tempo sobrevivera ao seu nascimento, entregue aos cuidados de sua desgraçada mãe, que nem meios tinha para si quanto mais para criar um filho.

A Ode a D. José, no terceiro lustro da sua aclamação (1765), certamente escripta em Portugal, autoriza a concluir que elle se demo.ou mais do que seria de suppor em vir de Roma ao Brasil, oude o achamos em fevereiro de 1767, fazendo um sonieto a nau Serpente e uma ode ao Conde da Cunha. Com que recursos? Infelizmente aquelle parente limitou se á uma negativa anonyma da miseria de Basilio da Gama, talvez real mas até agora jamais provada.

1. José Fernandes Pinto Alpoim, nascido na Colonia do Sacramento em 1698 e fallecido (no Rio?) aos 72 annos de idade, em 1770 (*apud* Arthur Montenegro, nota 14 á sua citada edição do *Uruguay*) era Cavalleiro professo da Ordem de Christo, sargento mor do batalhão de Artilheria, lente da Academia do Rio de Janeiro (esta informação é de Innocencio, IV, 326, o que elle chama Academia era a aula de fortificação aqui creada por carta regia de 11 de Janeiro de 1699). Foi director de varias obras e edificios do Rio, como os palacios do governo e autor dos livros *Exame de Bombeiros* e *Exame de Artilheria*, que parece foram impressos nesta cidade uma typographia fundada na primeira metade do seculo xviii por Antonio Isidoro da Fonseca, mandada em 1750 fechar pelo governo da metropole. Acompanhou Bobadella na expedição do Uruguay e morreu brigadeiro.

sentimento ao filho deste, Vasco, victima de um naufragio depois da guerra das reduções:

Vês o grande Alpoim; este o primeiro.
 Que entre nós ensinou porque caminho
 Se eleva aos céos a curva e grave bomba
 Prenhe de fogo; e com que força do alto
 Abate os tectos da cidade, e lança
 Do roto seio envolta em fumo a morte.
 Seguiam juntos o paterno exemplo.
 Dignos do grande pae ambos os filhos.
 Justos céos! E é forçoso, illustre Vasco,
 Que te preparem as soberbos ondas,
 Longe de mim a morte e a sepultura?
 Nynfas do mar, que vistes, se é que vistes
 O rosto esmorecido e os frios braços
 Sobre os olhos soltai as verdes tranças.
 Triste objecto de magua e de saudade
 Como em meu coração, vive em meus versos.

Não é fóra de razão conjecturar que a propria mãe de José Basilio o houvesse desde S. José do Rio das Mortes enderegado a Alpoim, por ventura amigo da familia, para o encaminhar nos estudos.

Em 1754, segundo legitima inferencia de Varnhagen, já o menino estava no Rio de Janeiro. Tinha então 13 annos, o que não discorda do « passada a puericia » da versão jesuitica. Fez o seu noviciado no Collegio desses padres, provavelmente na intenção de professar na Companhia. Neste interim chegou, a 31 de Outubro de 1759, a ordem real para a prompta e rigorosa execução da lei de 3 de Setembro que expulsava os jesuitas do reino e seus dominios, exceptuados os que, ainda não professos, se desligassem da Companhia.

Foi Basilio da Gama dos que se aproveitaram da

1. *Epicos brasileiros cit.*, Noticia de José Basilio de Gama, p. 387.

excepção. Só por si, revela este procedimento a sua falta de vocação para o clero ou ao menos o seu desapego á Companhia, para onde talvez por necessidade, ou por ceder aõ seu protector ou á sua propria mãe, tivesse entrado.

Passou-se para o seminário, conforme se tem escripto, ou acompanharia logo, ou pouco depois os seguiria, os jesuitas expulsos, segundo outras versões? Se, como tudo leva a crer, Basilio da Gama era um daquelles « padres não professos que deixaram a roupeta com demissoria do... bispo da diocese Jeronymo de Mattos » qual informa em seu officio de 13 de março de 1760 o vice rei, Conde de Bobadella¹ não se pode admitir tenha acompanhado para Lisboa os 199 padres que em a nau *Nossa Senhora do Livramento e São José* partiram do Rio em 16 do mesmo mez.

Não é, porem, impossivel que, deixado tambem o seminário por qualquer motivo, e achando-se sem emprego e sem carreira, lhe voltasse o proposito de se fazer jesuita e para tal fim se dirigisse á Roma, segundo affirma a *Resposta apologetica*. Como admitir que pobre e desamparado fosse á Roma por mera ambição intellectual segundo imagina Vanrhagen? Mais plausivel parece a versão jesuitica, de que para ali se dirigira se não com o animo de obter do Geral readmissão na Companhia, como assegura a *Resposta*, ao menos na expectativa de boa acolhida e protecção dos seus antigos mestres e confrades.

Segundo os mesmos informes, foi « incrível o bem que lhe fizeram os jesuitas », que ali o sustentaram e vestiram « e lhe alcançaram um lugar em certo

1. Mello Moraes, *Corographia historica*, Rio de Janeiro, 1858-63 VI, 480.

seminario que estava debaixo da direcção desses padres ». Estes « para lhe darem honra e fama o fizeram alistar entre os academicos da Arcadia, fazendo-lhe talvez ou emendando-lhe para maior credito seu as composições que ali havia de recitar »¹.

De parte a malicia posta nestas noticias, a sua manifesta intenção de menoscabar o seu ex neophito, e as duvidas que se levantam no espirito perante tão singular affecto a um que os abandonara e que, segundo elles proprios, não revelava neuhuma vocação para jesuita, creio são ellas em summa aceitaveis. Como, aliás, sem alguma protecção efficaz poderia aquelle jovem americano, obscuro e sem nenhuma recommendação pessoal, pois os talentos que tinha não os havia ainda revelado, não só ter vivido em Roma, mais ali se empregado e sobretudo, ser admitido na Arcadia Romana? A subsistencia, o emprego no seminario, podiam, em fim ser invenção jesuitica, pois disso apenas temos o seu testemunho, suspeito por ser unico e suspeitissimo pela inspiração da sua *Resposta*. A admissão á Arcadia, por mediação delles ou não, isso não é invenção pois no rosto ao primeira edição do *Uruguay* Basilio da Gama se declara « na Arcadia Romana *Termino Sipilio*. » Em que pése a Varnhagen, não tinha então Basilio da Gama « em si mesmo bastante recommendação, até para, independente de protecções entrar, como entrou, na Arcadia Romana »². Esqueceu o benemerito investigador que a esse tempo Basilio da Gama era ainda de todo inedito e que em Roma só lhe podiam conhecer o talento e o estro os jesuitas do Rio de Janeiro para ali deportados.

1. *Resposta apologetica cit.*, pag. 5 e seg.

2. *Ep'cos cit.*, 389.

Sem fazer cabedal da duvidosa informação jesuitica, pode-se antes crer que a indole insubmissa, quicá irrequieta e trefega, de José Basilio, ajudada da sua nenhuma vocação religiosa, senão até repugnancia por esta vida. o determinasse a deixar a Italia pelo Brazil, para onde possivelmente o chamariam saudades da patria e da familia. Por menos fortes ou ternas que fossem então as affeições de familia, e, como é sabido, raro se lhes encontra a expressão na literatura portugueza até o romantismo, a distancia de ambas, a lembrança do que nellas ha de bom e consolador, com a saudade que tudo isto cria e augmenta, poderiam ter despertado no profugo moço brasileiro perdido naquelle mundo da Italia um forte desejo de regresso á sua terra. E talvez, com o desejo, a esperanza de obter recursos para voltar á Europa para concluir os estudos, pois a familia, que daria ainda um capitão mor a S. João d'El-Rey, não seria por ventura tão desvalida como os jesuitas, por se darem mais merito, assoalharam.

A viagem a Roma com a volta do Rio, se devia ter effectuado entre o primeiro trimestre de 1760, ou pouco depois, e fins de 1766 ou principios de 1767, quer dizer entre os 21 e 26 annos de Basilio da Gama. Os jesuitas expulsos partiram daqui a 16 de março de 1760 e Basilio, que quasi certamente só depois delles partiu, já estava de volta no Rio quando foi lançada ao mar, em 8 de fevereiro de 1767, no governo do Conde da Cunha, a nau Serpente, factó que elle celebrou no soneto da pag. 202 desta collecção.

Não se demorou muito no Brazil, o que pode annullar a supposição das saudades, mas confirma a do seu genio, talvez « incapaz de assistir num só terreno » como do proprio diria Bocage. Já em 30 de junho de

768, com o intuito de se formar em Coimbra, partia para Lisboa, em a nau *Senhora da Penha de França*.

Desde o seu biographo jesuita, todos os mais, exceptuado Cunha Barbosa, que tambem não fala da volta da Italia ao Rio, escreveram ter Basilio da Gama daqui partido preso para Lisboa, como ex-jesuita. Esta versão acha-se hoje cabalmente desmentida com a publicação pelo Sr. Theophilo Braga da *Relação das pessoas* que naquella data e nau daqui se embarcaram para Portugal, relação existente na Torre do Tombo¹. Eis o interessante documento, segundo o Sr. Th. Braga : *José Basilio da Gama Villas Boas*, solteiro, natural de Minas, do Rio das Mortes, filho de Manoel da Costa Villas Boas e de D. Quiteria Ignacia da Gama, de idade de 26 annos. Estatura ordinaria, de cabello castanho e crespo, rosto comprido, moreno, olhos pardos, nariz pequeno grosso, pouca barba, com falta de um dente na frente do queixo de cima. Estudante, vai para Coimbra. »

Este facto de ir como estudante para Coimbra onde ainda estaria ou onde acabaria de estar o seu irmão Antonio Caetano, que ali se formou em canones, autoriza a duvidar da lenda de miseria que lhe fizeram os jesuitas.

Já em Lisboa é que foi preso, provavelmente por suspeito de jesuita ou de ter relações com elles, sendo a prisão relaxada mediante termo que foi obrigado a assignar na junta da Inconfidencia de no praso de seis mezes partir para Angola, e ali ficar.

Esta desventura, a primeira authentica que lhe conhecemos, inspirou-lhe o bello soneto *A Resignação*, em que são valiosos como especie biographica os versos :

1. *Obr. cit.* p. 487.

Que eu sem bens e sem casa vagabundo
 Mal coberto com o manto da indigencia
 Já não temo da morte o horror profundo.

Mas é preciso não conhecer os poetas para tomar
 lhes ao pé da letra taes declarações.

Entretanto casa-se uma filha do Marquez de
 Pombal, o ministro todo poderoso, e Basilio da Gama
 publica um poema *As nupcias de D. Maria Amalia
 de Carvalho e Mello*, Epitalamio offerecido ao Mar-
 quez de Pombal¹

No monstruoso acervo de poemas laudatorios,
 congratulatrios, lonvaminheiros, aduladores do tempo,
 essas quinze oitavas têm realmente uma notavel
 distincção. Dão a impressão de sentidas e verdadeiras,
 por ter sabido o poeta, com engenho e arte, insinuar
 nos gabos á filha e votos pela ventura do seu consorcio
 e nos louvores ao pai, a sua propria desgraça numa
 terna e commovedora nota de tristeza :

Eu não verei passar teos doces annos,
 Alma de amor e de piedade cheia :
 Esperam-me os desertos africanos.
 Aspera, inculta e monstruosa arêa;
 Ah! tu fazes cessar os tristes danos
 Que eu já na tempestade escura e feia...
 Mas diviso, e me serve de conforto
 A branca mão, que me conduz ao porto.

Tocada pelos formosos e sentidos versos, a filha
 de Pombal lhe alcançou o perdão daquella especie
 de degredo para a Africa. Os versos lhe valeram ainda
 mais o conhecimento, não direi a amizade, e o começo
 da protecção de Pombal.

1. Lisboa, na officina de José da Silva Nazareth, 1769, in-4º, de
 10 pag. E' a primeira obra impressa do nosso poeta.

A este se antolharia no novo poeta, que tão bem lhe cantava a filha e a elle, mais um dos e escribas que em prosa e verso lhe serviam o odio á Companhia. E este com o sainete de ser um ex-jesuita ou quasi professo na ordem, e americano. A protecção do marquez, salvo o perdão do desterro, não se fez logo conhecida, não a descobre nenhum documento ou testemunho. Continuando, porem, o poeta a viver em Lisboa é de crer se fizesse effectiva mediante liberalidades discretamente feitas.

III

Então a independencia de character, o sentimento da dignidade pessoal, o brio como casticamente se lhes chamava, eram sentimentos peregrinos nos literatos e poetas. Ainda hoje, aliás, não são vulgares. Em Portugal, onde a condição do homem de letras fôra sempre de dependencia e servidão dos grandes e os homens de letras uma espécie de criados de boas casas ou seus parasitas, a subserviencia e o parasitismo eram de regra, quasi sem nenhuma excepção, na vida literaria. Nem podia acaso ser de outro modo, desde que não existia ainda publico de cujo apreço e favor vivessem os literatos, e a maioria das funcções publicas, das quaes poderiam subsistir, iam de direito e costume aos fidalgos ou aos ecclesiasticos. Esse servilismo e parasitismo literario, então explicavel e desculpavel pelas circumstancias do meio, não desapareceu de todo agora que outras e muito melhores são as condições do homem de letras. E' que o vinco ficou, e ha quem se dê bem com elle.

Não nos revolte, pois, nem lh'o exprobremos mais que de razão, o procedimento de Basilio da Gama dedicando a Pombal aquelle epitalamio do casamento da filha tão cheio de louvores e finezas a esta, quanto de applausos e lisonjas a elle. Não seria aliás a belleza e a emoção daquelle canto, ou sequer estes gabos, de que já estaria saciado, que moveriam a marquez.

A' sua congenita rudeza e mediocre intelligencia litteraria pouco sensiveis seriam as excellencias do poema. Com o jesuita da *Resposta apologetica* podemos crer que mais o tocaram os ferinas allusões do poeta aos jesuitas.

Lá vão passando o mar a estranhas terras
Os negros bandos dos nocturnas aves,
Com a inveja, a ignorancia, a hypocrisia
Que nem se atrevem a encarar o dia

No mesmo anno do Epitalamio saiu da Impressão régia o *Uruguay*¹. Conjunctamente com elle, no mes-

I. O Uruguay poema de José Basílio da Gama na Arcadia de Roma Termindo Sipilio Dedicado. Ao Ill. ao e Exmor. Senho. Francisco Xavier de Mendonça Furtado Secretario de Estado de S. Magestade Fidelissima (Vnheta) Lisboa. Na Regia Officina Typographica Anno MDCCCLXIX. Com licença da Real Mesa Censoria in-8º de 3 ff., 102 pp. num. 1 fl.

« A esta edição princeps, diz o laborioso e exacto Valle Cabral (*Annaes da Imprensa Nacional*, Rio de Janeiro, Na Typographia Nacional, MDCCCLXXXI, in-8º gr. pag. 72), ajuntou-se, impr. em formato igual, a *Relação abbreviada da república que os religiosos jesuitas das provincias de Portugal, e Hespanha, estabelecerão nos Dominios Ultramarinos das duas monarchias e da guerra que nella tem movido, e sustentado contra os exercitos hespanhoes, e portuguezes; formada pelos registos das secretarias dos dous respectivos principaes commissarios, e plenipotenciarios; e por outros documentos authenticos*. S. l. n. d. in-8º d. 85 pp. num. Esta Relação já havia sido publicada cerca de onze anno antes, e ainda faz parte dos documentos da *Collecção de breves pontificios e leys regias etc.*, Imprensa na Secretaria de Estado, ... s. d. (1757) in-fol.

Não atino por que teria Basilio da Gama escripto *Uruguay* e não *Uruguay* em todo o seu poema. Suppondo fesse a versão do tempo, folheei grande numero de documentos contemporaneos, cartas e livros, e em nenhum se me deparou esta forma que é exclusivamente sua. Quer seja o nome em guarnani *uruguay*, rio dos caramujos, quer *irugá* madre, leite, canal do rio ou da agua e, *i* rio de canal ou rio principal « com que se designa o Uruguai que nem no tempo da secca deixa de ter agua como as arroyos » (Baptista Caetano, *Années da Bibliotheca Nacional*, VII, 209, 559), não é admissivel, neste caso, a troca do *u* em *a*, para dar *araguay* como Basilio da Gama (e com elle o seu contestador da *Resposta apologetica*) foi talvez o unico a escrever. Por ventura foi a isso levado pela falsa analogia do nome de Paraguay, quando na Europa andasse meio esquecido das cousas da America.

Apezar da persistencia com que nas seis edições do poema que se

mo volume e formato, saíu a já cita da *Relação abreviada*, talvez obra pessoal de Pombal, contra os jesuitas. Este facto é que poderia autorizar a versão jesuitica da influencia do marquez no poema. Tal influencia seria talvez admissivel nas notas que desavisadamente lhe poz Basilio da Gama, mas me parece de todo inaceitavel na composição, ou sequer na inspiração da sua pequena epopéa. Esta é verdadeiramente de inspiração propria, e nem uma obra encommendada ou feita por influxo alheio attingiria á belleza e distincção do *Uruguay*.

O poema, em cinco pequenos cantos, em magnificos versos soltos, como se não escrevera nunca melhores na lingua portuguesa, celebrava successos que muito de perto tocavam a Pombal. Dedicado ao seu irmão querido, o intelligente ex-governador do Grão Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, vinha precedido de um soneto encomiastico ao Conde de Oeiras, como ainda então se intitulava aquelle, e no texto, e muito mais nas notas, era infensissimo aos jesuitas. Todas estas circumstancias, maiormente a ultima, excluido o merito literario que pudesse ter, e que Pombal não seria talvez capaz de avaliar, tornariam o poema bem vindo ao « torvo despota¹ ».

Não precisamos suppor fosse este parte na sua composição ou directamente influisse na animadversão do poeta aos jesuitas, como estes insinua na *Resposta apologetica*.

Declara o poeta em uma nota que os primeiros

seguiram á primeira foi mantida a forma errada *Uruguay* esta não vingou. Todo o mundo diz e escreve *Uruguay* conforme o nome que sempre se deu a esse rio. Por tal o emendei no titulo e em todo o poema.

1. A forte e justa expressão é do Sr. J. Lucio de Azevedo no seu distincto livro. *O Marquez de Pombal e sua epoca*, Lisboa, 1909.

idéas do seu poema lhe nasceram em Roma da curiosidade de muitas pessoas de conhecerem com fundamento dos successos do Uruguay. Não ha por que descreiamos da sua informação. E' natural que essa fosse a genese do poema, cuja elaboração se viria fazendo pelo tempo que medeiou entre a sua estada na Italia e volta do Brazil a Portugal. Não é improvavel que estivesse composto antes do favor de Pombal; como parece não só do facto de vir á luz no mesmo anno em que angariou esse favor, mas ainda de ser dedicado, não ao poderosissimo ministro, mas ao seu irmão, o ex-governador do Pará-Maranhão. Ora se elle o fizesse por influencia de Pombal nada mais natural e conforme com as praxes literarias do tempo do que lh'o ter dedicado.

Custa acreditar que os jesuitas, como se gabam na *Resposta apologetica*, lhe emendassem e ainda menos que lhe fizessem os versos que lhe serviram de titulo á Arcadia Romana. E' uma fôfa jactancia sem viso de verdade. Basilio da Gama era um poeta de nascença e aquelle tempo já seria bastante senhor da technica da sua arte para dispensar o socorro da arte poetica jesuitica. Que poemas poderiam ser esses que em Roma lhe deram entrada na Arcadia, não sabemos. Seriam talvez dessas composições rhetoricas, discursos em verso e quejandas que taes academias particularmente apreciavam. Não fôra devermos suppor que a influencia dos jesuitas na Arcadia Romana não lhe permittiria a entrada com o *Uruguay*, em parte ao menos já talvez composto, esta nos pareceria a conjectura mais provavel. Que o poeta, mediante os jesuitas ou a despeito delles, poderia ter entrado em relações com alguns dos seus membros não é supposição despropositada.

O *Uruguay* termina por aquelles bellissimos versos de todos conhecidos em que tão comovedoramente se lhe revê a legitima confiança na sua obra :

Serás lido Uruguay. Cubra os meus olhos
 Embora um dia a escura noite eterna.
 Tu vive e goza a luz serena e pura.
 Vai aos bosques de Arcadia; e não receies
 Chegar desconhecido aquella arêa.
 Ali de fresco entre as sombrias murtas
 Urna triste a Mireu não todo encerra.
 Leva de estranho ceo, sobre el'a espalha
 Co' a peregrina mão barbaras flores.

Ha nestes quatro ultimos versos uma commemoração saudosa e agradecida de um Mireu que o poeta, mesmo nas notas com que illustrou o seu poema, não declarou quem fosse. Norberto, que no seu indefesso indagar dos nossos Arcades, mediante os nossos diplomatas levou as suas pesquisas até Roma, descobriu, e o seu achado foi divulgado pelo *Jornal do Commercio* da epoca (talvez os annos de 1860 a 1870) que Mireu não era outro se não Michele Giuseppe Morei terceiro Custodio ou presidente da Arcadia Romana, onde tinha a alcunha arcadica de Mireu Rofeatico. Porque faria Basilio da Gama tão commovida e agradecida lembrança delle, se não por que lhe devesse algum grande obsequio? E o que mais naturalmente se apresenta lhe pudesse dever não podia ser outro, outro que o obrigasse a essa commemoração poetica, senão a sua entrada para a Arcadia, cujo presidente era naquella occasião.

Relativamente foi Basilio da Gama, como poeta aulico e cortezão dos menos copiosos e despejados do tempo. A Pombal não consagrou mais de tres poemas,

sendo um na sua desgraça : dous sonetos e um canto ; ao rei outro canto, e apenas se lhe conhece um a outro magnate, o Conde da Cunha, vice-rei do Brazil, alem do epitalamio citado, do canto aos Condes de Redinha e de um soneto á rainha D. Maria I. E' pouco para os costumes da epoca. Salvo os feitos ao rei, nos quaes transparece a insinceridade do louvor, os outros são notaveis pelo tom de verdade dos sentimentos apregoados. E todos, menos justamente os consagrados aos soberanos, são bons trechos de poesia. Não foi um pedinchão miseravel como Nicolau Tolentino, nem um baixo adulator como tantos dos seus confrades.

Parece haveria no fundo do caracter de Basilio da Gama, com a consciencia do seu valor (Cp. *Serás lido Uruguay*) um sentimento de independencia, de altivez de uma alma mais livre do que as então communs.

O seu poema *Uruguay* é de um espirito, como hoje diriamos, liberal, e mais de um verso revê sentimentos então extemporaneos e até impertinentes :

Bem que nossos avós fossem despojo
Da perfidia da Europa.

o rei de Hespanha
não pode dar... os nossos povos.

São voltaireanos os versos consagrados ao irmão Patusca :

De pesada e enormissima barriga.
Jamais a este o som da dura guerra
Tinha tirado as horas do descanso.
De indulgente moral e brando peito,
Que penetrado da fraquesa humana
Soffre em paz as delicias desta vida,
Taes e quaes nol-as dão. Gosta das cousas
Porque gosta; e contenta se do effeito :
E nem sabe, nem quer saber as causas.

E' uma excellente pintura do padre relaxado.

As falas dos sens indios respiram tal gosto de liberdade, que criticos como Garrett, Camillo e o Sr. Th. Braga puderam enganar-se sobre as intenções do poeta.

De um espirito muito moderno é esta sua utopia :

Já tirar-nos não pode a sorte e o fado
Esses alegres dias que estão perto,
Inda ha de ver a patria e reino amado
O ceo todo de nuvens descoberto.
Errar no monte sem pastor o gado;
E sem cultura e sem limite certo,
Ondear pelo campo o trigo loiro,
Imagem da saudosa idade d'oiro.

do *Epitalamio* á filha de Pombal.

O mesmo sentimento se repete no canto aos
Condes de Redinha.

Fogem os dias funebres e amargos,
Foge de arredor d'elle a iniqua guerra,
E sempre ao lado seõ anda abraçada
Co' a candida justiça a paz dorada.

e ainda melhormente no canto a Pombal :

E só com a tua vista amedrontadas
Aos gelos boreaes, ao ponto Euxino,
Fogem de nós as guerras sanguinosas,
Detestadas das mãis e das esposas.
No capacete a abelha favos cria
Curva-se em fouce a espada reluzente
O insecto industrioso as roupas fia,
Ontras fia a serrana diligente.

Na ode ao Conde da Cunha escusando-se de
cantar

E as victorias antigas as bellicas fadigas

de preferencia canta os trabalhos da paz e a boa administração do vice-rei. E' a mesma a inspiração pacifista como lhe chamariamos hoje, da ode a D. José I e do soneto a D. Maria I.

Farás cair por terra
Da mão de Marte a espada que as memorias
Renovar quererá da dura guerra
Nos peitos esquecidos das victorias.

Que melhor prova, porem, do intimo liberalismo do nosso poeta, ainda antes do liberalismo, do que o seu vigoroso soneto a Tupac Amaru, o « inca que no Perú armando algumas tribus declarou guerra aos hespanhoes e por algum tempo os debellou » conforme a epigraphe dedicatoria que lhe poz?

E o *tantum religio potuit suadere malorum* de Lucrecio faz-se nelle.

Tanto a superstição pode nas gentes !

do canto a Pombal. Superstição, recordemos, era o synonymo com que Voltaire disfarçava os seus ataques á religião.

Todos estes factos nos estão a revelar um espirito, digamos uma indole, de raiz avessa ao que era o mesmo espirito e indole da Companhia de Jesus, ás suas praticas, processos e ensinamentos. E é nesta divergencia, nesta antipatia, que devemos procurar a explicação do procedimento de Basilio da Gama para com aquella. São numerosos, e muitos illustres, os exemplos de discipulos da Companhia contra ella revoltados e tornados até seus inimigos e declarados adversarios. A' memoria de todos acode o nome de Voltaire. Os jesuitas e os seus sequases procuram mil razões deprimentes destes discolos para lhes explicar o que, sem discrepanciã chamam sempre de ingra-

tidão, attribuindo-a indefectivamente a motivos ignobeis Os espiritos de todo emancipados e imparciaes procuram, *sine ira ac studio*, comprehender os moveis dessas egressões, e raro os acharão vergonhosos ou infamantes. Determina-as na maxima parte dos casos a radical incompatibilidade desses temperamentos com a vida religiosa ou simplesmente regular, no sentido stricto da palavra, quero dizer, com a sujeição passiva á regra dessa vida. Dahi as revoltas, ás vezes sem nenhum motivo real ou apparente, as evasões escandalosas ou discretas das religiões e congregações. Não raro á essa incompatibilidade, a este espirito de indisciplina, de irregularidade, digamos, junta-se a carencia do sentimento religioso e então a escapula dá-se da propria crença religiosa. E' a este espirito de libertinagem, consoante o sentido antigo desta expressão, ainda sem a licenciosidade de costumes de que a suppunham sempre acompanhada, que devemos attribuir a attitude de Basilio da Gama para com os jesuitas. Só por si, esse espirito levou-o a abandonal-os quando foi da sua expulsão. Mais tarde quiz, talvez de boa fé, voltar a elles, mas a desconformidade do seu humor com elles, cuja conducta por isso lhe pareceria repugnante e antipatica, determinaria a segunda ruptura, sabe Deus por que motivos particulares, que mais o alheiassem delles e lhe augmentassem a aversão por elles. Finalmente, o espirito da epoca, a segunda metade do seculo XVIII que, sob Pombal, e quiçá a despeito deste, começava a entrar em Portugal, a leitura dos principaes fautores desse espirito, acabariam por affeiçoar lhe a alma consoante ás suas tendencias naturaes.

E' sabido que traduzio a tragedia *Mahomet ou o*

Fanatismo de Voltaire, e não seria esta a unica obra que do excelso demolidor conhecesse¹. A só idéa, porem, de o traduzir, e uma semelhante obra, já está revelando simpatia espiritual notavelmente significativa. Na sua obra que agora sae pela primeira vez toda reunida e tão completa quanto possivel, nenhum manifesto signal particular de religiosidade se descobre.

E' escusado e inutil procurar outra explicação que não esta para o procedimento que os jesuitas menos christanamente, esquecendo o sublime preceito de soffrermos com paciencia as fraquezas do nosso proximo, tão raivosamente reprocharam a Basilio da Gama, lançando-lhe em rosto a sua ingratição. Cumpre saber até que ponto este nobre sentimento se haja de transformar em agente de subserviencia e obrigar contra os dictames e os direitos imprescritiveis da nossa consciencia e razão. Por vilissima que possa a ingratição ser, não é menos um factor de progresso na ordem intellectual. E' abandonando os nossos mestres e até insurgindo nos contra elles que fazemos progredir e adiantar as idéas e quanto ellas governam. Deixemos, porem, este dificultoso caso de moral, que os subtilissimos casuistas da Companhia teriam certamente resolvido ao envés do que reprocharam a Basilio da Gama, se por ella e não contra ella fosse a sua apostasia.

A elle o que se lhe póde reprehender não é o seu poema sincero de inspiração e de elevada e bella execução, mas as notas em demasia acrimoniosas que lhe poz, desnecessariamente, e, do ponto de vista

1. Th. Braga, *Obr. cit.*, 159, 481, cita um depoimento no processo feito a Filinto Elysis pela Inquisição de Lisboa, em que a testemunha affirma ter Basilio da Gama traduzido a tragedia *Mahomettismo*. E' sem duvida a obra a que restituimos o nome exacto.

literario, impertinentemente. Manifestando demais, com sacrificio da delicadeza e do bom gosto, a sua animadversão aos jesuitas deu azo a desconfiar-se-lhe do zelo com que os aggride e até calumnía. Mas para que o poema lhe saísse como saíu bastava a feição espiritual do poeta, o seu sentimento intimo da Companhia, augmentado do prestigio de Pombal e do circulo pombalino, sob cuja influencia já se achava quando o deu á estampa. Não podia, e não devia, pois, ter o poema outro tom, sem sacrificio da sinceridade e portanto da emoção esthetica. Esse tom não tem as mesmas demasias das notas e conserva se nobre e bellamente no diapasão convinhavel áquella emoção. Não carecemos, pois, admittir a villan insinuação jesuitica de obra encommendada ou de proposito feita « para ter que comer », como elles assoalhariam dezeseite annos depois della publicada. E a superioridade da obra de arte é justamente pairar acima das circumstancias que a produziram, e se nos impor á admiração independentemente dellas, tal qual a concebeu e realizou o artista.

Fosse como propalaram os jesuitas, demoraria a paga ou premio tanto tempo? Sómente cinco annos depois de publicado o *Uruguay* foi Basilio da Gama nomeado, em 25 de junho de 1774, official da secretaria de Estado dos Negocios do Reino¹

Outro premio, mas este todo honorifico, embora habilitasse para maiores acrescentamentos, teve o poeta depois do epitalamio ás nupcias da filha de Pombal, a carta de nobresa e fidalguia. Foi, porem, antes graça real que recompensa das suas lisonjas, re-

1. V. nas *Peças justificativas* o documento, pela primeira vez publicado por Pereira da Silva noz *Varões illustres cit.* I, 390.

querida por elle, como satisfação de um direito seu e este mesmo só o obteve tres annos depois daquelle poema, em 10 de julho de 1771. Varnhagen que no *Florilegio* ainda ignorava a data da nomeação de José Basilio a dá como anterior a esta mercê³.

O lugar da secretaria era a existencia assegurada e, sob a protecção do ministro omnipotente e prestigioso, commoda e feliz³.

Pombal parece tel-o estimado e distinguido, fazendo o trabalhar no seu gabinete e trabalhando com elle. Ratton nas suas *Recordações* o noticia, e assegura fôra Basilio da Gama que sob dictado de Pombal escreveu tanto o *Regimento da Inquisição* publicado com o nome do Conde da Cunha, como o respectivo Alvará de confirmação, datado de 1 de setembro de 1774⁴.

1. Na publicação de *Um seu parente* no *Jornal do Commercio* de 1847 *cit* vem transcripto o requerimento de Basilio da Gama.

2. *Florilegio*, I, 276. Veja nas *Peças justificativas* a de no. 2.

3. Affirma Innocencio (*Dicc. bibl.*, III, appendice p. 17) que o lugar de official da secretaria de Estado dos Negocios do Reino era na hierarchia administrativa de então « o maior a que podiam aspirar os que mais se distinguiam por meritos e serviços e dava direito á sége.

4. Apud *Innocencio Obr. cit.*, IV, 269 « Com effeito, confirma Innocencio, no fim dos transumptos desta ultima peça vem accusado o seu nome com a declaração, *José Basilio da Gama a fez* ».

IV

Desopresso da perspectiva da Africa ou de qualquer perseguição, coberto pelo patrocínio de Pombal, achou se naturalmente bem em Lisboa Basilio da Gama. Encontravam-se ali varios brasileiros na maioria seus conterraneos. Uns eram já seus camaradas, com outros se relacionaria facilmente. Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, talvez seu antigo condiscipulo no Rio de Janeiro, por ventura Mello Franco e Caldas Barbosa, em summa todo o grupo de poetas compatricios, entre os quaes seu proprio irmão Antonio Caetano¹, que se nos deparam intemperantemente versejando á estatua equestre de D. José I, quando se inaugurou a 6 de junho de 1775, orgia de versos em que Basilio da Gama tambem tomou parte. Por estes camaradas teria entrado em couvivenca com poetas e literatos indigenas. As suas primeiras obras publicados, o *Epitalamio* e o *Uruguay* (ambos de 1769) o saberem-nas graças de Pombal, lhe facilitariam relações.

1. Innocencio (*Dicc. bibl. VIII*, 106) dá-lhe o nome de Antonio Caetano de Almeida e insiste em chamar lhe assim na carta que reproduzimos nas *Peças justificativas*, no 9. Xavier da Veiga (*Ephemérides mineiras IV*, 43 e 437) chama-ó Antonio Caetano Villas Boas da Gama, nome que tambem lhe dá o seu parente, o barão de Nogueira da Gama, na carta das mesmas *Peças*, no. 10. Segundo o testemunho destes, Antonio Caetano foi poeta e orador sacro de merecimento. Por ser padre, dizem, não quiz publicar os seus poemas, o que levaria a suppor que elle proprio os achava desconformes com o seu estado. Morreu vigario de S. João d'El-Rey, segundo o inseguro Blake (*Dccion. bibliographico brasileiro*, I, 122) em 14 de outubro de 1808. E' possivel que depois de vir de Portugal adoptasse o nome de Gama pelo lustre que lhe deu o irmão.

O reconhecimento official da sua nobresa, lhe abria o commercio com a fidalguia, onde por ventura encontrou parentes.

Vemol-o, por exemplo, bem acolhido por uma dama da aristocracia, D. Joanna Isabel de Alencastre Forjaz, dos condes de Camarido, ao que parece muito caroavel de literatos, amiga do poeta philosopho José Anastacio da Cunha e de Nicolau Tolentina, aos quaes, segundo a moda do tempo, offerencia motes a glosar. Tambem os offerencia a Basilio da Gama, como se vê do que sae nestas suas *Obras*¹. Outro porta brasileiro, Alvarenga Peixoto, parece foi da rodã da mesma dama.

Creio que o soneto *A D. Joanna*, o VIII desta collecção, é feito a esta senhora que, d'elle se pode deprehender, impressionou ternamente talvez a Basilio. Achamol-o tambem na roda do duque de Lafões, duplamente illustre pelos seus talentos e pela sua prosapia, glosando uma quadra recitada pelo preclaro fidalgo numa das tertulias em que reunia poetas e homens de letras².

Acamaradando-se com Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio) que aquelle tempo chefiava um grupo de poetas hostis aos da Arcadia Lusitana, grupo alcunhado da Ribeira das Naus, participou Basilio da Gama daquella ridicula briga que ficou famosa na historia anecdotica da literatura portugueza sob a denominação de guerra dos poetas. Não sei se não começaria dahi, na vida literaria dos povos da nossa lingua o pessimo veso das disputas pessoases, das diatribes reciprocas, do gosto e habito das polemicas descompostas em arreganhos labregos de

1. Th. Braga, *Obr. cit.* p. 440, 488 e 665 nota.

2. Veja adiante pag.

arrieiros ou fadistas, que são uma feição peculiar sua ou pelo menos um traço saliente do seu feitio. Criaram o ruim vicio, ou desenvolveram o já acaso preexistente, os poetas e escriptores dessa epoca de decadencia intellectual e moral, legítimos representantes de uma sociedade dessorada de todas as virtudes de character e de intelligencia pela triplice e deleteria influencia da inquisição, do jesuitismo e do despotismo pombalino. E a tara ficaria como um estigma da nossa mentalidade luso-brazileira, multiplicando-se até hoje a descendencia dos José Agostinhos, dos Patos Muníz, dos Lobos de Carvalho, dos Xavieres de Mattos, dos Manoeis de Macédo, dos Bocages e quejandos.

Essa lucta das Arcadias, ou antes da Arcadia lusitana, tendo á frente Garção, e do grupo da Ribeira das naus, capitancado por Filinto, foi antes uma briga pessoal, de vaidades irritadiças de poetas, no geral malcriados, que um conflicto de opiniões estheticas, movido por qualquer sincero amor ou esclarecido sentimento de arte. A miseria moral do meio e a má educação e impolidez da gente que nella tomou parte, explicam a famosa e indecente contenda, em que logo degenerou o primeiro encontro das duas poeticas se se pode dizer que houvesse duas poeticas em conflicto. E como a briga se accendeu mais justamente entre os poetas somenos, sem grande talento e menos elevação moral, resvalou de prompto ás personalidades, á soez descompostura versejada e daí ás sordicias da Zamperineida¹.

1. De uma comica italiana chamada Zamperini que no reinado de D. José esteve em Lisboa, onde fez furor entre poetas e fidalgos provocando um assanhamento de versos pró e contra ella, cuja collecção, ultimamente publicada deu um volume in-8º de perto de 200 paginas: *Zam perineida* segundo um manuscrito da Biblio-

Quer na guerra dos poetas, quer na Zamperineida tomou parte conspicua. Basilio da Gama, dando assim satisfação ao geniõ satyrico de que o malsina o seu biographo jesuita. Alem dos encontros que pessoalmente teve com outros poetas contemporaneos, como com João Xavier de Mattos, então muito festejado e hoje de todo justamente esquecido, apparece o seu nome, ora encomiado, ora enxovalhado nos poemas gerados daquellas rixas. Duraram ellas desde talvez 1760, quando Basilio da Gama ainda não estava em Portugal, até 1744, o anno em que foi nomeado official da secretaria e no qual foi tambem, por ordem de Pombal expulsa a Zamperini. Pode crer-se que esteve mettido nellas desde que chegou a Lisboa, em 1768.

Entrou na lucta respondendo ou atacando (para mim é duvidoso qual fosse o aggressor) a Garção, o maior poeta sem duvida dessa triste epoca¹ E da briga da Zamperini é a satyra o *Entrudo* reproduzida nesta edição

Depois do *Epitalamio* e do *Uruguay*, ambos como já sabemos de 1769, publicou successivamente Basilio da Gama :

Em 1772 *A declamação tragica*, poema dedicado ás bellas artes de 238 versos alexandrinos de treze syllabas. Foi tido sempre por original; no emtanto Norberto, descobriu e mostrou não ser mais que uma traducção e paraphrase do poema *La declamation theatrale* do poeta francez Dorat, que viveu em Lisboa e ali conviveu com Basilio da Gama.

Em 1773, *A Liberdade* traducção de Metastasio,

theca Nacional de Lisboa, publicado e anotado por Alberto Pimentel, Lisboa, Gomes de Cavalho, 1907, in-8º, 239 pag.

1. O sonetos de Basilio da Gama o leitor os achará adiante.

o poeta italiano tão amado do grupo brasileiro de que Basilio da Gama fazia parte.

Em 1776, *Os Campos Elysios* canto offerecido aos Condes de Redinha, filho e nora de Pombal.

Em 1777, soneto á acclamação de D. Maria I.

Em 1788, anonymamente, *Lenitivo da Saudade*, na morte de D. José, Principe do Brazil e finalmente, em 1791, quatro annos antes de fallecer, o poema *Quitubia*, a sua obra mais consideravel depois do *Uruguay*, mas que não soffre comparação com esta.

Das bibliographias que consultei, bem como da nossa Bibliotheca Nacional onde pesquisei, não consta houvesse dado á impressão outras. Mas não parece provavel que a sua producção impressa se limitasse a esta. Cumpre em todo caso acrescentar os avulsos em que, como todos os versos feitos pelo mesmo motivo, foram impressos os seus á inauguração da estatua de D. José I. de que Norberto se serviu.

Aquellas foram as suas obras publicadas em vida. Muitos outras, segundo é tradição, odes, poemetos, sonetos, glosas, contos, e até tragedias teria composto e se divulgaram em manuscrito. Destas algumas só depois de sua morte foram impressas em varias collecções e jornaes portuguezes e brasileiros.

Os dous primeiros biographos de Basilio da Gama, o da *Resposta apologetica* e o da *Revista do Instituto*, muito provavelmente, como ficou dito, o Conego Januacio da Cunha Barbosa, nada dizem de uma sua segundo vinda ao Brazil, depois da queda de Pombal. Varnhagen na primeira noticia que d'elle escreveu, nos *Epicos*, affirma que como official da secretaria se conservou até a morte, e da segunda, no *Florilegio*; se conclue a mesma cousa. Era esta a noção existente

e certa quando Pereira da Silva (se não alguém antes d'elle, que não conheço) inventou que « alvo de intrigas e de odios julgou prudente José Basilio da Gama retirar-se para o Rio de Janeiro, e fixar a sua residencia nesta cidade.

« Era então o vice-rei do estado do Brazil Luiz de Vasconcellos e Souza; accupava o bispado do Rio de Janeiro Dom José Joaquim Justianno Mascarenhas Castello Branco; acolheram ambos com selecta distincção a José Basilio da Gama, que, sob tão valiosa protecção, gozou ainda de alguma tranquillidade: ligou-se José Basilio da Gama em estreita amizade com Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, lente de rhetorica no Rio de Janeiro, e muito estimado do vice-rei, poeta como elle illustre, e literato consciencioso e instruido, e que haviam ambos nascido na capitania de Minas Geraes, em villas collocados na distancia de duas leguas uma da outra. Levados de igual enthusiasmo, e de purissimas intenções, instituiram elles no Rio de Janeiro uma academia litteraria modelada segundo as formas da Arcadia e contando no seu seio as pessoas mais illustres e engenhosas.

« A instancias de Luiz de Vasconcellos concedeu lhe então a rainha D. Maria I o titulo de escudeiro fidalgo de sua casa por carta regia de 6 de agosto de 1787¹. »

Tudo isto é pura invenção. O peor é que tem sido repetido por quantos depois escreveram de Basilio

1. Pereira da Silva, *Obr. citada* 370-371. Basilio da Gama e Silva Alvarenga não eram de villas vizinhas, senão distantes, respectivamente S. José do Rio das Mortes e Villa Rica. A graça que lhe fez a rainha foi a requerimento d'elle e não, nem podia ser-o, a instancias do vice rei Vasconcellos. Aliás isto mesmo já havia sido documentado pelo parente de Basilio da Gama que rectificou algumas asserções de Pereira da Silva na primeira versão da sua biographia.

da Gama. Notavel é, porem, que na mesma occasião publicava Pereira da Silva documento que desmentia a sua versão. E' o alvará, ou como se chame, em que a rainha « attendendo a José Basilio da Gama, natural da freguesia de Santo Antonio da villa de S. José do Rio das Mortes, do Estado do Brasil, filho do Capitão mor Manoel da Costa Villas Boas, *estar servindo ha treze annos, dous mezes e oito dias contados de 25 de junho de mil sete centos e setenta e quatro até o presente*, de official da secretaria do Estado do Reino mostrando *sempre* muito prestimo, aptidão e zelo no meu real serviço *em que continua* » lhe faz mercê de o tomar por escudeiro fidalgo de sua casa, com quatro centos e cincoenta reis de moradia por mez e acrescentando-o logo a cavalleiro fidalgo della « com tresentos réis mais em sua moradia para que tenha setecentos e cincoenta reis de moradia por mez de cavalleiro fidalgo e um alqueire de cevada por dia ». Isto em 6 de agosto de 1787¹. Tambem o Sr. Th. Braga que publicou este documento, e outro inedito que ainda mais claramente mostra não ter Basilio da Gama saído de Lisboa após a demissão do Pombal, e não tornou por tanto ao Brazil, admite, todavia este regresso e todo o romance de Pereira da Silva, ao qual acrescenta novos episodios relativamente á fundação de uma Arcadia, com uns augmentos e desenvolvimentos de todo disparatados². O novo documento divulgado pelo eminente historiador da literatura portuguzza, e no qual parece, a igual de Pereira da Silva, não ter attentado, é a carta de

1. *Varões illustres*, I, 390. V. o documento nas *Peços justificativas* no 3.

2. *Obr. cit.*, 494 e seg. chega a dizer : « effectivamente José Basilio da Gama foi forçado a deixar temporariamente o cargo... regressando outra vez ao Rio de Janeiro ».

padrão da rainha fazendo a Basilio da Gama a mercê do habito de San Thiago da Espada, com 80 milreís de tença effectiva e mais 12 milreís de habito, alem de outra tença de 68 mil reis cada anno, vitaliciamente, com que foi deferido por seus serviços¹.

Quão longe estamos dos 15 milreís de tença de Camões!

Neste documento de 1 de maio de 1790, se declara que Basilio da Gama estava servindo por mais de treze annos « desde 25 de junho de 1774 até 20 de Agosto de 1788, em que ficou continuando sempre com honra e desinteresse. » E como em taes computos se não leva em conta se não o tempo de effectivo exercicio (e de ambos os documentos transparece esta circumstancia) é evidente que Basilio da Gama, apesar da *Viradeira* ou reacção contra Pombal e seus parciaes, continuou tranquillamente, e bem aquinhoado de vencimentos e tenças até a morte, o seu officio burocratico².

Força é pois expungir da biographia de Basilio da Gama este incidente e os mais d'elle derivados, a amizade e patrocínio de Bobadella (a quem é muito provavel apenas de vista houvesse conhecido) e de D. Luiz de Vasconcellos, que é quasi certo de todo não conheceu ao menos no Brasil, donde foi vice-rei de 1779 a 1790, quando Basilio da Gama estava em Portugal, a fundação de Arcadia e outros, que se encontram não só em Pereira da Silva mas em Sacra-

1. Th. Brag. *Obr. cit.* 501 nota. V. o documento reproduzido nas *Peças justificativas* sob no. 4.

2. Th. Braga, *Obr. cit.*, 500-502. Já nos meus *Estudos de literatura brasileira*, IV série, 1905, pag. 179 e seguintes havia eu mostrado a inconsistencia da versão da segunda vinda de Basilio da Gama ao Rio e das noticias sobre este fundamento architectadas ou repetidos pelos seus biographos. Nas *Peças justificativas* reproduzem-se os documentos citados, sob nos. 3 e 4.

mento Blake, em Xavier da Veiga, em A. Montenegro, em Felix Ferreira e os mais.

Não quero entretanto, esconder que o ultimo soneto desta collecção, o XXVIII, que é dos que existiam ineditos na Pombalina, o que começa

Barbara, iniqua terra, ingrata e injusta

desperta nova duvida na biographia do nosso poeta. Parece feito despedindo-se do Brasil, em ida para Roma.

Com toda a acção dos braços me convida
A grande Roma e a patria me desterra
E rende por favor deixar-me a vida.

Se esta partida é a primeira, acima fixada em 1760, não se comprehende a referencia á «minha Arcadia» do 3.º verso do 2.º quarteto, nem as alusões aos favores que lhe devia a patria cuja frente diz ter adornado de «verdes incertos (?) de sagrados louros» pois nessa data não passava Basilio da Gama de um obscuro e inedito discipulo dos jesuitas. Será de quando deixou novamente o Brasil em 1768? Já então era da Arcadia Romana e havia nessa estadia na patria feito alguns poemas. Mas certamente nenhum porque a patria se visse obrigada para com elle. Demais elle declaradamente saíra do Brasil para estudar em Coimbra. O soneto só se comprehenderia depois da publicação do *Uruguay*, mas depois deste julgo ter provado que Basilio da Gama não voltou ao Brasil, pelo menos não voltou depois de nomeado para a Secretaria de Reino, em 1774. Teria acaso vindo entre 1769, anno do *Uruguay* e esta nomeação? Nada a não ser este soneto, que não obstante a attribuição nos manuscritos da Pombalina pode não ser seu, o indica

e autoriza a crer. Nada tambem no sabido ou conjecturado de sua vida leva a supor que alguma vez a terra patria lhe fosse infensa, como muito claramente insinua o soneto.

Não nos assombre ter Basilio da Gama, apesar da sua fidelidade á Pombal, merecido as boas graças de D. Maria I e do seu governo. No meio cortesão em que na ródá de Pombal viveu, teria aprendido já, se a isso não o predispunha o character, a manhosa arte da bajulação, de se fazer esquecido ou lembrado conforme as circumstancias e necessidades, de se não comprometter com os amigos em desgraça, e de se tornar bem aceito dos poderosos e angariar-lhes a benevolencia. Não a tivera e usara elle, certamente o seu caso seria extraordinario. Depois da morte de D. José e conseguinte demissão de Pombal publicou um soneto á aclamação de D. Maria I, e um poema *Lenitivo da Saudade* na morte do principe real D. José, o qual, por isso mesmo que saía discretamente anonymo, devia ser muito grato ao coração da mãe. Não consta porem, haja publicado os que fez ou melhor o que fez ao marquez decaído e villependiado. Esse só veio á luz no seculo seguinte, e se correu antes foi á socapa, entre mãos discretas de intimos do marquez e do poeta, que os não divulgariam ¹.

Ainda procedentes, como as creio, estas considerações não desfazem a justa fama da fidelidade de Basilio da Gama a Pombal. E o se lhe ter conservado fiel mau grado a desgraça é mais um testemunho de que motivos de razão e consciencia, digamos de temperamento, e não simplesmente interesseiros, o levaram a preferil-o e a sua politica aos jesuitas. Estes

1. Nem o marquez, então perseguido, teria interesse na divulgação de apologias que, acirrando odios contrarios, só o podiam prejudicar.

mesmos lhe abonam essa fidelidade. Em carta que um delles desde Lisboa, escrevia para Allemanha em 29 de setembro de 1782, e que foi publicada no *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur* de Murr (Nuremberg, vol. XI, 1783) noticiando, como correspondente desta intessante publicação, tudo quanto em Portugal se passava importante para a Ordem, verificava : « Solus in campo mansit auctor libelli *Uruguai* dicti, contra quem calami gladius jam strictus est. » E' licito ver neste final allusão á *Resposta apologetica* que acaso já se preparava ¹.

Nos papeis de Norberto ha esta nota :

« Attribue-se a Basilio da Gama uma ode feita ao marquez de Pombal por occasião da sua quêda politica; e que principia assim: Não o vil interesse de ouro ou prata. Ha por toda ella versos dignos do lyrico brasileiro, estylo elevado e nobresa de sentimento de uma alma agradecida, que ainda se volta respeitosa para o sol em seu ocaso; mas, como bem nota o Sr. Innocencio Francisco da Silva, é ponto pelo menos questionavel. » E Norberto não a incluiu na collecção que deixou feita das obras de Basilio da Gama. Parece, portanto, chegara a convencer-se de que essa ode não é delle. Acreditando tam bem que não é, julguei dever excluir-a desta colheita².

1 Devo esta preciosa informação ao meu presado amigo, o distinto escriptor Sr. J. Lucio de Azevedo, graças a quem, como ja disse, p. de augmentar esta collecção de alguns sonetos ineditos de Basilio da Gama.

2. Tendo sido pelo primeira vez publicada, ainda em vida do nosso poeta, na *Miscellama curiosa e proveitosa* etc por XXX C. J. (Lisboa, 1782) saiu entretanto anonyma. Na segunda publicação no *Investigador Portuguez* n.º XXIX (novembro de 1813) foi attribuida a Francisco Manoel do Nascimento, o Filinto Elysio (Innocencio, IV, 271). O mesmo Innocencio na carta que vae nos *Peças justificativas* desta edição, escripta a An onio Tor quato Azedo (ou Azevedo?) e Silva e por este communicada a Nor-

A *Resposta apologetica*, que o poderia prejudicar, e e indubitavelmente apontava a isso, só saiu, como notei, dezeseite annos depois do *Uruguay*, a quasi 17 annos da morte de D. José e queda de Pombal, e quatro annos do fallecimento deste. Já pouco mal lia fazer-lhe¹.

Demais seria errado crer que o *Uruguay* foi muito o e estimado dos seus contemporaneos ou lhes a impressão que a nós nos quer parecer devia ter to. Não foi assim. A sua segunda edição só saiuarenta annos depois da primeira, e no Brazil. A literatura contemporanea a unica referencia amarelhe fez Filinto Elysio e essa laconica e de passann quando no seu *Ultimo adeos ás Musas*, recorda seus companheiros da guerra dos poetas :

Novos Camões o nosso reino illustrem
Que cantem novos Gamas e Alburquerque

Basilio em canto altiloquo forceje
Cantar Freire na America famoso
Que serve o rei com honra e valor nobre ;
General muito humano, cujo peito
Mavioso e pio não consente a vista
De cadaveres frios, desangrados
Victimas da ambição do injusto imperio.

É de reparar que tendo Basilio da Gama entrada

o diz que já tinha visto copias dessa odé em que ella é attribua a D. Catharina Michaela de Souza, depois Viscondessa de semão. E' pelo menos singular que esta ode, que somente Pereira Silva, autoridade de pouco valia, attribue positivamente a Basilio Gama, não figure como tal em nenhuma das collecções onde na primeira metade do seculo passado suiram poesias iueditas delle.

Tem causado especie a demoradissima publicação da contestação critica ao *Uruguay*. Alem de motivos circumstanciaes que seria oossivel prescrutar quaes fossem, parece-me que o movel geral da publicação extemporanea é só terem desde 1782 os jesuitas iniciado a presa de sua defesa e rehabilitação contra o que soffreram de Pombal. V. J. Lucio de Azevedo, *O Marquez de Pombal e sua epoca* 459 e seg.

com o Duque de Lafões, de quem glosava quadras, como vimos, não a tivesse para a Academia Real das Sciencias de Lisboa, por aquelle fundada, á qual só muito mais tarde, já em vespervas de sua morte, em fevereiro de 1795, foi admittido, não como socio de numero, conforme a erronea noticia dos seus biographos brasileiros, mas como simples correspondente¹. A forma e o estylo novos do seu poema não eram, aliás, os mais proprios para lhe angariarem a estima dos poetas e literatos, ainda por demais imbuidos aquelle tempo do pseudo classicismo ou do arcadismo que inconscientemente o continuava.

Do soneto de Garção e de varias referencias e allusões a Basilio da Gama nos versos da guerra dos poetas e da zamperineida infere-se elle era havido por maledico e presumido de si

Mas a tua malicia se abalança
A insultar tanto homem grave e honrado :
Mas zunindo o mosquito em vão se cança

dizia-lhe o Monteiro na *Elegia* com que lhe respondeu á satyra *O entrudo*²

Um anonymo, saia-lhe com esta :

Perseguiu sempre a inveja falladora
Pois até a Garção, que o mundo chora,
Mil vezes criticou um maldizente³.

Fosse por que de facto tivesse os defeitos que lhe assacavam os poetas seus contemporaneos, fosse pelo só effeito da intima e indestructivel antipatia que em que pése á fingida rhetorica sentimental dos

1. Th. Brag. *Obr. cit.* 500.

2. *Zamperineida cit.* pag. 191.

3. Th. Braga *Obr. cit.*, p. 149. Na mesma se podem colher outros testemunhos a favor da minha inferencia.

dous povos, separa portuguezes e brasileiros, e os torna incapazes de se estimarem cordialmente, parece que Basilio da Gama não teve em Portugal, dos seus confrades ao menos, o apreço que pelo seu engenho merecia.

Somente o applaudiram e felicitaram os poetas seus patricios, ou por espirito bairrista, ou, como americanos menos eivados das manhas daquellas escolas, sentiriam melhor o poema do seu compatriota, e teriam contra elle menos preconceitos literarios. Os dous sonetos que pela publicação do *Uruguay* lhe consagraram Alvarenga Peixoto e Seixas Brandão, poetas mineiros como elle, revelam com vigor e belleza um enthusiasmo sincero, e a comprehensão do poema. Na nossa literatura daquelle, tempo, é manifesta a sua influencia, não só em referencias ao poeta e ao poema, mas em imitações ou reminiscencias delle

No verso :

Tinta de sangue envolta em fumo a guerra

da sua *Ode a Pombal* Alvarenga Peixoto imita o

Do roto seio envolta em fumo a morte

do *Uruguay*, I, de Basilio da Gama. Tambem do poeta das *Cartas Chilenas*, quem quer que seja, ou antes da *Epistala a Critillo* que as precede, attribuida a Claudio Manoel da Costa, estes versos :

Nem sempre as aguias de outras aguias nascem

Nem sempre de leões leões se geram :

respondem a estes de Basilio da Gama no *Epitalamio* ás nupcias da filha de Pombal :

Que de fortes leões leões se geram

Nem os filhos das aguias degeneram.

O verso de Silva Alvarenga

Por freio ás ondas e dar leis á terra

ro seu soneto *A Estatua equestre* é uma imitação ou deminiscencia do de Basilio da Gama

Dar leis a terra ou por freio aos mares

no soneto *A' nau Serpente*.

O cantor de *Glaura* aliás deixou documentos da sua grande admiração e estima pelo poeta do Uruguay em nada menos de tres poemas que lhe consagrou.

Claudio Manoel da Costa, o mais provecto em annos e em poesia dos poetas do grupo mineiro, o celebrou com grandiloquencia :

Em vós, ó campos, cresça
A vegetante pompa,
Cresça o verde esplendor, em vós floresça
A murta, o loiro, e na doirada trompa
Do monstro sempre errante,
O nome de *Termino* se levante.

Em Lisboa, viveu socegada (as rixas literarias o molestariam pouco) e por ventura folgadoamente os ultimos 27 annos da sua vida, no começo movediça e incerta.

A tradição ainda viva quando a recolheu Varnhagen dava-o como sugeito de bom trato e bastante estimado na melhor roda da corte, de espirito sereno e de veia anecdotica. As anecdotes que se delle contam, mostram-no espirituoso, bem humorado e agúdo. Era, segundo a mesma tradição confirmada pelos seus signaes na lista de passageiros acima citada, de mediana estatura, trigueiro e de olhos vivos, em summa simpatico, que é ainda a melhor das qualidades que se pode ter.

Ao envez dos poetas, e particularmente dos poetas portuguezes e brazileiros, todos namorados e sensuaes, e mais do que sensuaes lascivos, elle não o foi em grao algum. Conhecem-se-lhe muito poucos poemas dos que as poeticas chamam de eroticos, muito poucos mesmo consagrados a senhoras, e nenhum a alguma amante ou amada claramente confessada, se não o bellissimo soneto *A' uma senhora* que exprime finalmente um delicado e terno sentimento, no tom dos melhores de Camões, nessa nota. A unica excepção que a esta gravidade se lhe verifica é o soneto

Já, Marfiza cruel, me não maltrata

no qual porem a malicia graciosa e apurada disfarça a indecencia que acaso se lhe achasse.

Já para o cabo da vida compoz sobre factos das guerras dos portuguezes nas suas colonias africanas um poemeto em um só canto, *Quitubia*, nome do chefe negro heroe do poema, no qual difficilmente se reconheceria o cantor do *Uruguay*. Tinha o poeta 50 annos. Aos 54, talvez incompletos, falleceu em Lisboa a 31 de julho de 1795¹. Viveu os ultimos annos na rua das Mercês, perto da Ajuda, e está enterrado na igreja da Boa Hora². Moreu solteiro.

1. V. a certidão de obito nas *Peças justificativas*, sob nº 5.

2. Varnhagen, *Florilegio* cit., I, 277.

V

Perto de quarenta poemas, entre maiores e menores, sem contar duas glosas, dos quaes cerca de trinta sonetos, constituem a obra poetica de Basilio da Gama. Não é muito para o superabundante ver-sejar do tempo e para um luso-brazileiro que poetou vinte e dous annos.

Repetem a maior parte dos seus biographos, desde que o primeiro, Cunha Barbosa, o divulgou, que um frade que lhe assistio aos ultimos momentos queimara « as suas tragedias e outros poemas » encontrados na sua estancia¹.

Numa das nossas *peças justificativas*, um parente do Basilio da Gama informa de facto identico, como tradição constante na familia, variando apenas a occasião e o autor da queima dos seus autographos². Estes teriam sido incendiados por um irmão e herdeiro do poeta por se forrar ao incommodo que lhe davam com pedidos de copias dos versos não só de José Basilio mas do irmão Antonio Caetano, tambem bom poeta, como elle.

Não é impossivel se tivesse desta segunda versão originado a primeira do padre confessor que, conforme insinuam alguns dos biographos citados, animado

1. *Rev. do Inst.*, I, 1839. Repetiram no, entre outros : Sanctiago Nunes Ribeiro, na edição do *Uruguay* da Minerva Brasiliense, 1844; Blake, *Dicc. bibliog. braz.* IV, 333; Xavier da Veiga, *Ephemerides Mineiras*, III, 182; A. Montenegro. *O Uruguay*, nova edição do poema, Pelotas, 1900, XV. E cada um lhe acrescenta alguma cousa de seu.

2. *Peças justificativas*, nº 10.

contra o poeta detractor dos jesuitas, lhe queimou os versos.

J. M. da Costa e Silva, informador de algum peso, se é elle, como parece, o autor da biographia do *Ramalhete*, em 1841, diz que Basilio da Gama « tendo em seus ultimos annos caído em uma devoção exagerada jamais consentiu em imprimil-as (muitas e diversos composições que havia feito) e as que elle não lançou ao fogo ficaram pelas mãos de seus amigos que nunca cuidaram em publical-as ». E acrescenta : « Igual destino quiz elle dar ao seu poema *Uruguay*, comprando quantos exemplares achou, para os sacrificar em expiação á Companhia de que fizera parte e a quem tinha então remorsos de haver offendido naquella composição. » E' difficil senão impossivel apurar o que por ventura haverá de verdade nestas differentes versões, que talvez não passem de variantes de uma mesma fabula, que se nos depara na historia literaria de todos os paizes.

Ao justo renome, á gloria de Basilio da Gama, basta, porem, o que nos deixou, impresso ou manuscrito, publicado ainda em sua vida ou depois de sua morte. E para lhe assignalar o nome na historia da nossa literatura, e ainda na da portugueza, por ventura bastaria sómente o *Uruguay*.

Esta é de facto a sua obra capital, a de maior folego, a de mais alta inspiração e de mais perfeito acabamento. Por si só revela em Basilio da Gama um maior engenho do que quantos naquelle momento tentaram a forma anachronica, e em Portugal safada, da epopéa heroica ¹.

1. Reconheceu-o o mais lucido espirito literario e maior poeta do Portugal moderno, Garrett : « *O Uruguay...* é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. » *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, XLVII, no *Parnaso Lusitano*, Paris, 1826.

Pouco adequado a um poema epico segundo os moldes classicos era o assumpto de Basilio da Gama : a guerra feita por Portugal, ajudado da Hespanha, aos indios dos Sete Povos das Missões do Uruguay, rebellados contra o tractado de 1750, que os passava ao dominio dos portuguezes, justamente delles odiados, tirando-os aos seus padres, os jesuitas, e á sua terra. Tal thema, sobre insufficiente e ingrato, parece daria apenas um episodio em poema de maior vulto. Faltava ao poeta o recúo necessario no tempo para uma idealização do acontecimento cujos actores ainda viviam ou apenas ha pouco tinham morrido. Havia, pois, a epopéa de ser uma simples narração historica em verso de successo recentissimo, a que as circunstancias politicas davam desmesurado relevo. Limitado pela realidade do facto, ainda a todos presente, peado pela contemporaneidade das personagens, de todos conhecidas e avaliadas conforme as opiniões de cada um, não podia o poeta dar á sua imaginação a liberdade e o allor necessarios á idealização do seu poema. Tinha este fatalmente, pelas condições da sua composição, de lhe sair limitado no tempo e no espaço, e, sobretudo, despido das feições e roupagens propriamente epicas. Notou Varnhagen que a acção do poema não chega a durar meio anno e o leitor attento observará como o poeta se cinge estreitamente á realidade prosaica dos successos cantados.

O primeiro effeito desta situação do poeta diante do seu assumpto foi a redução do seu poema ás mesquinhas proporções de um poemeto; o segundo, a impossibilidade de seguir os moldes classicos, de criar ao redor do facto principal os desenvolvimentos obstados pela sua contemporaneidade. Mais talvez que o engenho do poeta, deram estas duas causas ao

Uruguay a sua feição particular entre os poemas nascidos da corrente camoniana forrando-o ás fastidiosas delongas e ao parvoinho maradilhosos com que aquelles se tornaram insuportaveis: e augmentando-lhe a intensidade da emoção, com a forçosa sobriedade. Nem o genio é a emancipação completa das condições que cercam e limitam o homem. Consiste exactamente em comprehendel-as no que ellas têm de mais subtil, de mais fugaz e de mais difficil. A superioridade de Basilio da Gama está em haver comprehendido, ou antes sentido, por que os poetas são principalmente entes de sensação, que o seu assumpto não dava para uma epopéa a moda dos *Lusiadas* e contra o gosto, a voga, a corrente do seu tempo, avançado muito alem delle dando á litteratura portugueza, em 1769, o seu primeiro poema romantico.

De parte o valor de belleza do poema, este é o merecimento do *Uruguay*: ser na litteratura da nossa lingua o precursor do romantismo e no ramo brasileiro della o criador do que Garret e Herculano chamaram a « poesia americana », isto é, a introdução por Gonçalves Dias-Magachães e outros na poesia classica de elementos indigenas da America, a natureza, os incolas, as costumes, em summa, os exotismos deste novo mundo. E quando vier o Romantismo, e avassalar a intelligencia occidental, será esse « americanismo » a feição principal e caracteristica da litteratura americana.

Com ter evitado desenvolver o seu poema alem do que o assumpto razoavelmente comportava, sobrecarregando-o de episodios e digresões, deu-lhe Basilio da Gama uma intensidade e um relevo que, sem embargo das suas proporções, o destacam entre

as numerosas, insípidos e fatigantes epopéas da época. Único entre todos os epicos daquelle momento literario não quiz ou não procurou imitar Camões, sendo por ventura o só poeta do tempo em que se não encontra sequer reminiscencia deste. Único também a romper com a escravidão das regras classicas ou das praticas consagradas pelos mais illustres exemplos patrios, do inicio pela invocação, do recurso ao maravilhoso pagão ou christão, das formas metricos tradicionaes, e do preconceito da estensão do poema.

Então, e ainda até as nossos dias, era um postulado da arte poetica portugueza, e opinião commum, que o valor do poeta se media por um poema epico bastante estenso para lhe demonstrar o folego¹.

A tudo isto refugiu Basilio da Gama e de toda esta tradicional poetica se emancipou. E sobre lhe não ter repugnado introduzir o selvagem americano na epopéa, o fez em pé de igualdade com o europeu e de tal feitio, dando-lhe tão formoso destaque e tão simpatico realce que criticos se enganaram com o seu papel nella tomando-os por heróes do poema². O critico portuguez Costa e Silva no seu citado artigo do *Ramalhete* de 1841, notava acertadamente que distingue Basilio da Gama entre os poetas seus compatriotas o ser « elle o unico que parece não envergonhar-se de sua patria, nem deixar corromper-se pela educação européa, por que a sua musa é legiti-

1. Este errado conceito inspirou ou servio de criterio á severa critica de José de Alencar nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* por Ig., Rio de Janeiro, 1856, e o estimulou a tentar mais um poema epico nos *Filhos de Tupan* que a *Revista da Academia Brasileira* está agora publicando.

2. Camillo Castello Branco no *Curso de lit. port.*, II, 247, e Mendes dos Remedios *Hist. da lit port.* cit 441. Talvez nem um nem outro houvessem lido o poema do brasileiro com a attenção devida.

mamente americana ». Não menos acertadamente poderia haver notado que o seu poema foi o primeiro a romper com o pseudo classicismo e o vazio arcadismo em que este degenerou.

Na forma e no estylo, na intenção indianista e americana, no colorido sem tintas arcadicas, na poetica sem mitologia, na lingua mais singela, mais livre, menos apurada, sem deixar de ser castiça, na familiaridade das expressões e dos sentimentos, na mistura do comico e do grotesco com o grave, no gosto da discrição pitoresca, o *Uruguay* é já romantico, repito, antes do romantismo. Se este tem no Brazil uma feição propria, e penso que a tem, deu-lh'a exactamente a sua preocupação do indio como o antepassado nacional e das nossas origens historicas no periodo da colonização, como a nossa idade média. Erro crasso, sem duvida, ao menos a primeira destas concepções, mas erro fecundo que produzin o que ha de mais bello na nossa literatura, particularmente na nossa poesia : o *Uruguay* e o *Y-uca-pirama*.

Por uma dessas fortunas com que os genios se aquinhoam, Basilio da Gama abre o seu poema com estes versos que não lhes soubessemos nós a data os diriamos contemporaneos do Garrett do *Camões* ou do Gonçalves Dias dos *Tymbiras* :

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos e impuros,
Em que ondeam cadaveres despídos,
Pastos de corvos. Dura inda nos valles
O rouco som da irada artilheria,
Musa ! Honremos o heroe que o povo rude
Subjugou do Uruguay, e no seu sangue
Dos decretos reaes lavou a affronta.

Menos talvez de estudo que de inspiração, que é

o signal do verdadeiro poeta, mistura Basilio da Gama á eloquencia propria do genero, e superabundante e excessiva na poesia portugueza, a simplicidade justamente a qualidade de que acaso mais ella carece, e que, segundo Nietzsche, é o privilegio do genio. E Basilio da Gama não a tem só no *Uruguay*, onde aliás era mais difficil e mais estimavel, se não, como o lector vai verificar, em toda a sua obra. Toda esta é de expressão muito mais simples, mais natural e mais ingenua do que a da poesia portugueza da epoca. Nenhuma é menos do que ella sobrecarregada de reminiscencias mitologicas ou classicas.

No *Uruguay*, como nos seus demais poemas, soube ser simples, sem cair no prosaismo, que é em poesia o defeito desta virtude. E deu-lhe com ella mais uma feição distincta na epica da nossa lingua. Esta é nelle de uma limpeza classica, sem as affectações puristas ou quinhentistas de Filinto ou ainda de Garção, e com mais vida, mais movimento, cor e brilho do que não tem a lingua, nem o estylo destes. E' já a lingua do seculo XIX, sem as corrupções e os vicios desta. Versos soltos ou brancos como os do *Uruguay*, assim correctos como ducteis, melodiosos e expressivos, não sei que nenhum poeta os fizesse em portuguez antes d'elle. Parece derivarem menos de Filinto e da sua cornea versificação que dos de Basilio da Gama os formosos versos soltos de Garrett. Os criticos que taxaram de errados ou prosaicos alguns dos seus versos que, documentando a sua incapacidade de os julgar citam, apenas demonstram incompetencia no assumpto. Dizer que versos como :

Os fogosos cavallos e os robustos
E tardos bois, que hão de soffrer o jugo
No pesado exercicio das carretas.

OU

Tropel confuso de cavallaria
Que combate desordenadamente

OU

Já dos olhos o véo tinha rasgado
A enganada Madrid etc

são prosaicos ou defeituosos é enganar-se grosseiramente sobre bellezas metricas. Tomaram por defeitos o que principalmente nos dous primeiros exemplos, são das maiores e mais originaes bellezas de versificação do poema, dos mais felizes audacias do poeta.

O poema, sem embargo de lhe sentirmos a falta de mais demorada lima, e de algum pequeno defeito que lhe possamos notar, revê uma livre inspiração, daquella liberdade tão prezada de Goethe, allumiada por um justo sentimento da arte. E' notavel a discrição e o bom gosto com que nelle se distribuem os passos mais formosos de eloquencia ou sentimento, como os falas de Cacambo e Cépé, as visões do primeiro e de Lindoya, o sublime episodio da morte desta e que taes e aquelles em que a narrativa corre apenas limpida, simplesmente, sem recurso aos grandes meios poeticos, concorrendo aliás para maior realce daquelles e dando ao poema a variedade de tom e de estylo com que lhe evita a monotania e a aridez.

A poesia da nossa lingua poucas paginas terá mais bellas do que a centena de versos do episodio de Lindoya, com este lindissimo final :

Inda conserva o pallido semblante
Um não-sei-quê de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte !

em que uma expressão familiar, que é um achado de estylo, dando ao quadro doloroso o maximo de reali-

dade concorre para augmentar a sinceridade da emoção. E o ultimo verso, reminiscença do de Petrarcha.

Morte bella pareo nel suo bel viso.

é muito mais bello e muito mais expressivo que o do cantor de Laura.

Sem ser um poeta do amor, de que, ao contrario de Camões, não tratou nem, parece, viveu, Basilio da Gama é o poeta da ternura São ternos, dizem de ternura ou a exprimem sinceramente os seus mais bellos versos. Já citei alguns que me parecem confirmativos deste conceito : aquelles em que deplora o amigo Vasco, filho do Alpoim, os que acabo de transcrever, com que termina o episodio de Lindoya e os finaes do poema, enderaçados ao seu amigo Mireu. Em todos o sentimento dominante, sempre admiravelmente expresso, é a ternura, uma ternura tocante e commovida, que soa como um queixume. E' tambem exemplo disso a oitava já citada.

Eu não verei passar teos doces annos
Alma de amor e de piedade cheia

do *Epitalamio* á filha de Pombal.

Ou o terceto final do talvez mais bello entre os seus sonetos :

Eu cada vez mais firme, ella mais bella;
Não se lembra ella já de que foi minha.
Eu ainda me lembro que sou della !...

Afóra esta, e uma ou outra rara expressão de sensibilidade, Basilio da Gama é um poeta pouco sentimental e subjectivo. Este feitio do seu temperamento poetico prejudicou-lhe, como é de ver, a emoção lyrica, e o diminuiu como poeta lyrico.

Mesmo nos seus versos lyricos intromete-se ás vezes a tuba canora da epopéa. O seu affecto á forma poetica do canto na oitava rima heroica, relativamente abundante na sua obra, e em que, desapegado da tradição, compôs o epitalamio ás nupcias da filha de Pombal, indica a indole épica do seu estro. Este não foi, entretanto, bastante poderoso para produzir, como obra que fique, mais que poema *O Uruguay*. Ainda com os seus defeitos é elle o mais bello e de maior alcance e ascendencia na poesia brasileira, da qual, por virtude mesmo das suas qualidades estheticas, que lhe realçaram a inspiração americana, foí pode dizer-se, o iniciador.

JOSÉ VERISSIMO.

BIBLIOGRAPHIA DAS OBRAS
DE
José Basilio da Gama¹

1769 (1ª edição)

O URUGUAY; *Poema*. Lisboa, na Reg. Off. Typ. In-8 Appenso no mesmo formato : *Relação abbreviada da Republica que os religiosos jesuitas das Provincias de Portugal e Hespanha estabeleceram nos dominios ultramarinos das duas Monarchias*, etc. (Esta Relação anda junta á Collecção dos Breves pontificios e leis regias). Tambem se publicou em refutação d'elle : *Resposta apologetica ao poema intitulado URAGUAY, composto por José Basilio da Gama*, e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquez do Pombal. Lugano 1786. Com lic. dos superiores. In-8 de 300 pag.

1769

ÈPITHALAMIO ás nupcias da Sra. D. Maria Amalia, filha do Marquez de Pombal. Lisboa, na Offic. de José da Silva Nazareth, 1769. In-4 de 10 pag. (Em 15 outavas).

1772

A DECLAMAÇÃO TRAGICA : Poema dedicado ás Bellas-Artes. (Consta de 238 versos alexandrinos) Lisboa na Reg. Off. Typ. In-8 de 12 pag.

1. Segundo Th. Braga, *Obr. cit* p. 503, 505. Acrescentei a 9ª edição do Uruguay. Não verifiquei a exação de lavor de ilustee litérato.

1773

A LIBERDADE, do Sr. Pedro Metastasio, poeta cesáreo, com a traducção franceza de Mr. Rousseau, de Genebra e a portugueza de TERMINDO, *poeta arcade*. Lisboa na Reg. Off. Typ. 1773, in-8. Id. Burgos. De 15 pag.

1776

OS CAMPOS ELYSIOS. Outavas de Termindo Sipilio aos illmos. e exmos senhores Condes de Redinha. Reg. Off. Typ. In-4 de 7 pag.

1777

SONETO á acclamação da Rainha D. Maria I (Folha avulsa)
Assigna : Termindo, Pastor da Arcadia.

1788

LENITIVO DA SAUDADE, na morte do Ser^{mo} Sr. D. José, Principe do Brasil, por um anonymo. Lisboa, na Offic. de Godinho, 1788, in-4 de 7 pag.

1791

QUITUBIA. Lisboa, na Off. de Galhardo. 1791, in-4 gr. de 13 pag.

1809

NA COLLECÇÃO DE POESIAS INEDITAS DOS MELHORES AUCTORES PORTUGUEZES. Lisboa, 1809, vem no tomo I. — *Ode* ao Sr.D. José (pag. 5). *Odes* (pag. 86 e 153) dois *Sonetos* (tomo III, pag. 126 e 127). *Quitubia* (tomo I, pag. 97).

1811 (2ª edição)

O URUGUAY. Rio de Janeiro. Impr. Regia, 1811. In-8 de VII-87; 2 pag. com dois sonetos em louvor do poema. Reproduz a de 1769.

1814

No JORNAL DE COIMBRA, vol. VII, nº XXXV. P 1º pag. 213.
Glosa improvisada em decimos ao mote : « Muitas terras tenho andado... (Anonyma). Innocencio tem n'a por indubitavelmente de José Basilio, afirmando que o mote fôra dado pelo Duque de Lafões.

1820

No JORNAL ENCYCLOPEDICO DE LISBOA : Vem a *Declamação tragica*.

1822 (3ª edição)

O URUGUAY : Poema. Lisboa, 1822. In-8º.

1829-30

No PARNASO BRASILEIRO, ou *Collecção das melhores Poesias dos Poetas do Brasil, tanto impressas como ineditas*. Rio de Janeiro. Typ. imp. e nac. 1829 e 1830. In-4. Soneto a uma senhora (1º caderno, pag. 21); Epithalamio (ib pag. 27); Canto ao Marquez de Pombal (ib. pag. 31); Soneto ao Inca do Perú (ib. pag. 64); A Declamação tragica (2º-cad., pag. 3); Soneto ao Marquez de Pombal (3º cad., pag. 13); Soneto dedicatorio do Uruguay (ib. pag. 14); Soneto á N. Senhora (ib. pag. 15); á Rainha (ib. pag. 16); á Não Serpente (ib. pag. 25); a elrei D. José (ib. pag. 68).

1839

O ROMANCISTA (jornal) em 1839, pág. 147. Soneto contra o Pº Manoel de Macedo (Atribuido).

1844 (4ª edição)

URUGUAY. Rio-de-Janeiro. Typ. Austral. In-8º de 70 pag. (Forma o tomo I da *Bibliotheca brasílica*, da Minerva Brasiliense).

1845 (5ª edição)

O URUGUAY (Impresso juntamente com o Caramurú, na collecção Epicos brasileiros, por F. Adolpho de Varnhagen Lisboa, 1845.—Substituíram-se antigas notas do auctor por outras do editor, por melindres.

1853

NA MISCELLANEA POETICA ou collecção de poesias diversas. Rio-de-Janeiro. 1853. Vem : Soneto a el rei D. José pag. 116; e a pag. 155 o Soneto ao P. Macedo.

1855 (6ª e 7ª edição)

URUGUAY. Rio-de-Janeiro (Na Empreza typ. Dois de Dezembro). 1855. In-8 de 95 pag. E' reproducção em separado do texto do poema que vem na *Marmota fluminense*, periodico de Paula Brito.

1895 (8ª edição)

O URUGUAY, precedido de um estudo critico por Francisco Pacheco. Livraria Classica de Alves e Comp. Rio de Janeiro. S. Paulo, 1895. 1 vol. in-8, de XXIV, 78 pag. Esta edição foi feita « por occasião do Centenario de Basilio da Gama. O exemplar enviado foi impresso com quinze dias de antecedencia... » (Carta particular de F. Pacheco). Tem o retrato de José Basilio da Gama, e um valioso prologo biographico e bibliographico.

1900 (9ª edição)

O URUGUAY; poema epico com annotações de J. Arthur Montenegro. 1900. Echenique Irmãos e Ca. editores, Pelotas. — Por occasião do 4º centenario do Brasil. O Sr. Th. Braga desconhecia esta edição.

PRINCIPAES DATAS

DA VIDA

de Basilio da Gama

22-VII (?)

1741. Nascimento.	
1753. (?) Vinda para o Rio.....	12 annos
1760-1767. Ausente na Europa(Italia e Portugal)	19-26 —
1765. Em Lisboa.....	24 —
1767. (fevereiro). No Rio.....	27 —
1768. (meiados). De novo em Lisboa.....	27 —
1768-1795. Em Lisboa.....	27-54 —
1769. <i>Epithalamio</i> á filha do Marquez de Pombal.	28 —
1769. Publicação do <i>Uruguay</i>	28 —
1771. Carta de nobreza e fidalguia.....	30 —
1774. Nomeação de official da secretaria do Reino	34 —
1787. Escudeiro fidalgo e cavalleiro da casa real.	46 —
1790. Habito de San Thiago da Espada, com di- versas tenças.....	51 —
1791. Publicação do <i>Quitubia</i>	50 —
1795. (31 de julho). Fallecimento.....	54 —

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

Nº 1

Eu abaixo assignado Presbytero Secular do Habito de S. Pedro, Vigr. da Freguesia de Sancto Antonio da Cidade de S. José del Rei.

Certifico que revendo os Livros de baptisados desta freguesia no livro 2º as ff. 231 se achava o termo de assento na forma seguinte :

Aos seis dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e quarenta e um annos na Igreja Matriz desta Villa baptisei, e puz os Sanctos Oleos a José filho legitimo de Manoel da Costa Villas-Boas e de Dona Quiteria Ignacia: forão Padrinhos Caetano José d'Almeida, e Dona Ignacia Quiteria, mulher de Manoel Gomes Villas-Boas, todos desta freguesia de que fiz este assento.

O Vigrº Dr. José Nogueira Furas,

He o que consta do livro que copiei in fide Parochi. S. José del Rei 28 de Abril de 1876.

VIGRO. COSTODIO SABINO FRANKLIN.

Nº 2

« Tenho nomeado, em virtude da faculdade, que El Rei meu senhor me concede, para um logar de official da secretaria de estado do reino a Joseph Basilio da Gama. Nossa Senhora da Ajuda, em 25 de junho de 1774. — Marquez de Pombal. »

Registrada no livro XII dos Avisos a f. 49.

Reproduzida dos *Varões illustres cit.* pag. 390.

Nº 3

Eu, a rainha, faço saber a vós, Dom Thomaz de Lima Vasconcellos Nogueira Telles da Silva, visconde de Villa Nova da Cerveira, do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino, que servís de meu mordomómór, que, attendendo a José Basilio da Gama, natural da freguesia de Santo Antonio da Villa de S. José do Rio das Mortes, do estado do Brasil, filho do capitão-mór Manuel da Costa Villas-Boas, estar servindo ha treze annos, dois mezes e oito dias, contados de vinte e cinco de junho de mil setecentos setente e quatro até o presente, de official da secretaria de estado dos negocios do reino, mostrando sempre muito prestimo, aptidão e zelo no meu real serviço em que continúa; em consideração do que e do exemplo que allegára, hei por bem e me praz fazer-lhe mercê de o tomar por escudeiro fidalgo de minha casa, com quatrocentos e cincoenta reis de moradia por mez, e juntamente o accrescento logo a cavalleiro fidalgo d'ella, com trezentos reis mais em sua moradia, para que tenha e haja setecentos e cincoenta reis de moradia por mez de cavalleiro fidalgo, e um alqueire de sevada por dia, paga segundo a ordenança; e é a moradia ordinaria. Mando-vos o façais assentar no livro de matricula dos moradores de minha casa, em seu titulo com a dita moradia e sevada. Lisboa seis de agosto de mil setecentos oitenta e sete. — Rainha. Visconde da Villa-Nova da Cerveira. »

Reproduzido dos *Varões illustres cil.* pag. 390.

Vem tambem na obra citada de Theoph. Braga, pag. 500.

Nº 4

D. Maria, por graça de Deus, etc., faço saber aos que esta minha Carta de Padram virem, que em satisfaçam dos serviços de José Basilio da Gama obrados no emprego de Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino e no Gabinete do Marquez de Pombal, dando boa conta de tudo que lhe foi encarregado, por espaço de mais de treze annos, desde 25 de junho de 1774 até 20 de Agosto de 1788, em que ficou continuando sempre com honra e desinteresse, houve

por bem fazer-lhe mercê do habito da Ordem de San Thiago da Espada, e 80\$000 rs de tença effectiva de que se lhe passaram Padrões, que se assentaram nos Almozarifados do Reino, onde couberem, sem prejuizo de terceiro, e não honver prohibição, com o vencimento na forma das minhas reaes ordens, das quaes logrará 12\$000 rs a titulo do Habito da dita Ordem, que lhe tenho mandado lançar, e isto por portaria de 29 de Abril de 1790. Para complemento do que hei por bem e me praz fazer mercê ao dito José Basilio da Gama de 68\$000 de tença effectiva cada anno em sua vida, com que foi deferido pelos seus serviços; e os ditos 68 000 rs de tença lhe serão assentados em um dos Almozarifados do reino em que conberem sem prejuizo de terceiro, e não honver prohibição e o vencimento delles de 29 do mez de Abril do anno presente em diante, dia da data da Portaria desta mercê até a do assento será na fórmula das minhas ordens tudo na conformidade do Alvará de 17 de Abril de 1789. Lisboa, 1 de Maio de 1790.

P. Portaria do secretario de Estado dos Negocios do Reino de 29 de Abril de 1790 (Registado em 5 de Maio de 1790). Livro 25 das Mercês de D. Maria I, fl. 157. — A folha 239V, vem registada a parte relativa á Ordem de San Thiago., V. T. Braga, *Filinto Elysis cit*, 501.

Nº 5

CERTIDÃO DE OBITO DE BASILIO DA GAMA

Attesto e faço certo que vendo o L^o 8^o dos obitos desta Freguesia da Nossa Senhora d'Ajuda, nelle a f. 3 verso se acha o assento do theor seguinte :

Aos trinta e hum dias do mez de Julho de mil setecentas noventa e cinco faleceu José Basilio da Gama, Solteiro, morador na Rua da Mercê : recebeu os Sacramentos da Penitencia e Sagrado Viatico : não fez Testamento : foi sepultado no Convento dos Religiosos de nossa Senhora da Boa hora desta Freguesia. — O Reitor Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo.

E não continha mais o dito assento que fiz copiar do proprio livro sobredito a que me reporto. Parochial Igreja de

Nossa Senhor a da Ajuda 3 de Agosto de 1845. O Par. Manoel Vaz Eugenio Gomes.

Extraido do Manuscrito 2027 Lata 32 do Archivo do Institute historico e geographico brasileiro. Copia extraida e conferida pelo Bibliothecario do mesmo Instituto, Dr. José Vieira Fazenda.

Nº 6

Ex^mo Snr. Conselheiro Castilho.

Barbacena 25 de Abril de 1876.

Chegando de S. João del-Rey, achei uma carta de V. Ex^a, a que respondo. Meu mano Mariano mora no morro de S^{lo} Thereza, rua Aurea nº 22 A, esquina da rua do Aqueducto.

Fui a S. José del-Rey e nem um inedito, ou anedocta sobre José Basilio pude encontrar. Mostraram-me o resto de chacara em que elle morou entre a cidade e o Rio das Mortes, e o nome dessa chacara é Caxeu. Deixei lá pessou incumbida de tirar a certidão de baptismo, e pelo correio mandei daqui o nome dos paes, e o anno do nascimento, conforme se acha no Diccionario bibliographico.

Para mostrar a nem uma importancia que entre nós se dá á misera profissão de poeta basta dizer que tem causado grande admiração o ter o Imperador perguntado por mim, quando chegou á proximidade desta Cidade.

Com toda a consideração, de V. Ex^a.

P^e. JOSÉ JOAQUIM CORRÊA DE ALMEIDA.

Nº 7

Ex^mo Snr. Conselheiro José Feliciano de Castilho.

Barbacena 1.º de Maio de 1876.

Inclusa remetto a certidão de baptismo de José Basilio, bem como as poucas informações que pude obter. Creio que o Manoel Ignacio de que resão as informações é o proprio Manoel da Costa Villas-Boas, pae de José Basilio, reflec-

tindo que entre nós ha o bom ou máo costume de se trocar nomes, com que se assignão os individuos, por outros dos pais, e ás vezes até das mulheres. Na cidade da Pomba uma influencia politica assignava Domingos José da Silveira, mas geralmente era conhecido por Domingos Ignacio, por que esse fôra o nome de seu pae. Francisco J^e dos Santos, que falleceu aqui em um incendio, era conhecido pelo nome de Xico Efigenia, por que este era o nome de sua mulher.

Como sempre, etc.

P^e JOSÉ JOAQUIM CORREA DE ALMEIDA.

N^o 8

Ill^{mo} e respeitavel primo.

Tenho entre mãos o seo estimado favor de 23 do corre mez ao qual respondo, enviando-lhe a certidão de idade de José Basilio, e bem assim, o que pude colher de veracidade acerca do lugar de seo nascimento e residencia, m^or copia de esclarecimentos desejaria eu remetter ao primo, porém que fazer, se não os encontro !...

Aqui está o que pude colher com um e com outro.

Manoel Ignacio teve sua residencia nas vargens denominadas do = Caxêu = em um grande, espaçoso e bem construido predio, segundo o gosto vestuto. As portadas erão recamadas de relevos e molduras, tanto que mais tarde forão doadas a Confraria da S.S. Trindade para serem collocadas na Capella desta invocação. Pelos apagados vestigios dos muros da casa de Manuel Ignacio distanciava esta do rio Turvo ao das Mortes 1 hectometro pouco mais ou menos, e da cidade 1 kilometro. Supponho que Manoel Ignacio concluiu este predio, que era todo de pedra, no anno de 1740, faço esta hypothese, segundo o que s^oe acontecer hodiernamente entre nós, pois, marcamos com a era que corre a conclusão dos nossos edificios publicos como uma reminiscencia para os vindouros, assim julgo que aconteceu a M. Ignacio, porque examinando eu as portadas e vergas que existem ao relento e a mercê do tempo atraz da capella da S. S. Trindade, encontrei com doce alégria na verga mestra (segundo a linguagem dos carpinteiros) escul-

pida a era de = 1740. A soleira da porta desta casa designa com o epitaphio mortuario a campa da Baroneza de Itaverava no atrio da Matriz desta Cidade. Por morte de M. Ignacio, foi possuidor desta casa um seo parente de nome Cap^m Antonio José Ferreira mineiro abastado e que muito aproveitou das auríferas terras do Marçal.

Existe mais um riquissimo oratorio da casa de Villas-Boas, que actualmente pertence a Francisco Alves Lima, tendo lhe vindo as mãos por estes canaes (perdoe-me as minudencias) de Villas-Boas ao Capitam Ferreira, deste a seu filho P^e. Joaquim Ferreira, deste a familia do Conego Rego, desta ao Capitam Severino Alves, deste ao conego Virgulino, finalmente a seo herdeiro o Señor. Francisco Alves Lima; é o que as pessoas mais idosas deste logar disserão-me a respeito de M. Ignacio.

Nota do padre Corrêa d'Almeida :

Cortei parte desta carta por tratar de assumpto particular e alheio O signatario é João Baptista Maciel, professor de primeiras letras em S. José. »

Nº 9

Amº e Snr. Antonio Torquato Azedo (?) e Silva.

Em quanto o estado da minha cabeça, e a vista pouco menos que extincta, não me consintam responder mais d'espago á muito affectuosa carta do Señor conselheiro J.F. de Castilho, que V. S. teve a bondade de entregar-me em mão, vou dizer o que sei com respeito a José Basilio da Gama, para que V. S. conheça que não me descuidei, e que se não faço melhor é porque não posso.

Nada mais tenho alcançado com referencia á quelle insigne poeta brasileiro, além do que já disse no tomo 4.º do Diccionario Bibliographico, quer a respeito de composições, quer das particularidades da sua vida, se não o pouco que se segue.

Existe aqui em Lisboa registrada no Cartorio da Nobrera e Fidalguia destes reinos, no livro 1.º a f. 155 v. a carta de brazão d'armas, concedida a José Basilio da Gama em 10 de Julho de 1771. Verifica-se por esta carta ser elle natural de

Santo Antonio da villa de S. José do Rio das Mortes, filho do capitão-mór Manoel da Costa Villas-Boas, e de sua m^{er}. D. Quiteria Ignacia da Gama; esta filha do capitão Luiz de Almeida e de sua m^{er}. D. Helena Josepha da Gama, a qual era legitima descendente da familia do appellido = Gama = deste reino, por seu pae, que pela sua distincta qualidade e nobreza, e ser das principaes pessoas da colonia, chegara a ser nella Governador. — O brazão concedido é o proprio da familia *Gama*, que vem a ser escudo enxadrezado de ouro e vermelho, de tres peças em faixa, e cinco em palla, oito de ouro e sete vermelho, estas carregadas de duas faixas de prata; timbre uma gama de ouro faixada de tres faixas vermelhas.

Quanto á ode = *Não o vil interesse d'ouro ou prata* = devo accresceter ao que disse no Diccionario Bibliographico que já vi tambem copias dessa ode em que ella é attribuida a D. Catharina Michaela de Souza, que depois foi Viscondessa de Balsemão.

Valha a verdade!

José Basilio teve um irmão mais velho, Antonio Caetano d'Almeida (este não sei porque tomou o appellido do avô materno) que tambem foi poeta e viveu em Lisboa. Ha d'elle uma ode impressa á inauguração da estatua equestre, em 1775. O Sr. Conselheiro João Manoel Pereira da Silva diz, não sei com que fundamento, que este Antonio Caetano foi *pregador de nome* e chama-lhe Villas-Boas.

Na biographia de José Basilio pelo Sr. Pereira da Silva (*Varões illustres do Brasil*) no principio do tomo 2.^o da ultima edição ha varias incorrecções de *facto*, que carecem de emenda. Por exemplo diz que J. Basilio fora *socio de numero da Academia das Sciencias*: tal não foi; nunca passou de correspondente.....

José Basilio teve mais de uma contestação com os poetas seus contemporaneos. Como fosse naturalmente propenso á satyra, assacou-lhes defeitos a quasi todos, e isto deu occasião a que João Xavier de Mattos lhe dirigisse o esguinte soneto:

(Innocencio transcreve o soneto de Mattos que damos noutra parte e bem assim os outros que se trocaram entre Basilio da Gama e o mesmo Xavier de Mattos, e mais o soueto contra o padre Manoel de Macedo:

« O chimico infernal drogas malditas » e termina assim a carta :)

Parece-me que a estopada vai já longa em demasia. Fiquemos por aqui, e se mais alguma cousa for precisa indique m'a e direi o que souber.

Decifrem como poderem estes cangaços de passas, porque os olhos não dão para mais, escrevo quasi pelo tacto.

Seu amigo vor. e servo obrigado.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

S/c 12-9-75.

Nº 10

Ill^{mo} e Ex^{mo} Sr. Conselheiro Dr. José Feliciano de Castilho

Dos dous folhetos que esta acompanhão, e que eu tenho a honra de offerecer a V. Ex^a; — Biographia de Manoel Jacintho Nogueira da Gama, Marquez de Baependy, pr. Justiniano José da Rocha, pagina 8, e — Genealogia (uma lista de nomes) das familias Botelho, etc., pag. 152. Fit. 4, cap. 1.º, 4.ª geração, § 1.º, verá V Ex.º as relações de familia de José Basilio da Gama.

Lembro-me de ter ouvido a meu pae, ao Marquez de Baepenay, seu irmão, e a outros parentes, todos naturaes de S. João d'El-Rey, que o Capitão-Mór daquella cidade mineira, Manoel da Cotta Villas-Boas da Gama, irmão e herdeiro de José Basilio e do Dr. Antonio Caetano Villas-Boas da Gama, caçado de procurar escriptos de seus dous illustrados irmãos, para satisfazer pedidos de copias, tivera um dia a lembrança de fazer delles uma fogueira no quintal da casa em que morava naquella cidade.

As copias obtidas deve-se a existencia de algumas poesias menos conhecidas, de José Basilio, e que constão do *Parnaso Brazileiro*, por Januario da Cunha Barbosa.

E' hoje rarissimo esse livro (4 volumes), e ha muitos annos desapareceu o que eu possuia quando rapaz. Talvez o tenha o Pereira da Silva, que tambem publicou versos de José Basilio, e delle fala, posto que mal informado, no seu *Plutarco Brazileiro*. Se V. Ex.º o tiver, recommendo-lhe a leitura de algumas linhas que vêm no fim da segunda edição¹

1. Aliás primeira.

transcriptas do *Jornal do Commercio* e assignada : Um seu parente.

Aos meus velhos parentes, já referidos, também ouvi que o Dr Antonio Caetano, pr. ser Padre, nunca quiz que apparecessem seus versos, tão bellos como os de José Basilio, seu irmão e condiscipulo na universidade de Coimbra.

Era Antonio Caetano um dos mais eloquentes dos nossos oradores do seu tempo; e por isso, quando aqui chegou a familia real, foi mandado vir de Minas para pregar em uma grande festa da Côrte na Real Capella, hoje Imperial, pelo que fôra aqui mui bem acolhido, e condecorado pelo então Regente, D. João 6.º.

Seus sermões e seus versos alimentaram, como os de José Basilio, a fogueira do *bom* Capitão Mór, seu irmão.

No reinado de D. José 1.º, foi José Basilio, Official Maior da Secretaria d'Estado dos Negociios do Reino, e Official de gabinete do Marquez de Pombal, que deu-lhe as maiores provas de confiança e amisade.

Talvez na bibliotheca da Quinta de Oeiras existão noticias e escriptos de José Basilio, a respeito de quem, como dos dous Padres Caldas e outros contemporaneos, alli conversei um pouco com o actual Marquez, em 1862. Sabia este amavel cavalheiro que José Basilio fôra um *grande amigo* de seu Bisavô; o que não sabia, é que no Brazil fosse este tão justamente apreciado; e sobre tudo, admirou-se de ouvir-me poesias que elle não conhecia, e que aquelles celebres poetas tantos vezes gravaram nos magnificos troncos do antigo bosque que percorriamos.

Entre outras poesias que o Conego Januario a custo obteve e publicou no seu *Parnaso*, distinguem-se umas oitavas ao Marquez de Pombal, das quais só conservo de côr as que vão juntas; e um soneto por elle improvisado na villa de Pombal, quando o Marquez recebeu alli a noticia de ter sido arrancado o seu busto da estatua de D. Jose 1.º, e substituido por um navio a vella.

Sinto não poder melhor satisfazer os desejos que V. Exa. manifestou-me na obsequiosa carta que se dignou dirigir-me em data de 31 do proximo passado mez, e sou com a maior consideração.

De V Exa. muito atento respeitador e cr.

Rio 9 de Janeiro de 1876. BARÃO DE NOGUEIRA DA GAMA.

OBRAS POETICAS

DE

BASILIO DA GAMA

POEMAS

O URUGUAY

CANTO PRIMEIRO

Fumám ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos, e impuros,
Em que ondeam cadaveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos valles
O rouco som da irada artilheria.

MUSA, honremos o heróe, que o povo rude
Subjugou do Uruguay, e no seu sangue
Dos decretos reaes lavou a affronta.
Ai! Tanto custas, ambição de imperio!

E vós¹, por quem o Maranhão pendura
Rotas cadeias², e grihões pezados,
Heróe, e irmão de heróes³, saudosa, e triste,
Se ao longe a vossa America vos lembra,
Protegei os meos versos. Possa em tanto
Acostumar ao vôo as novas azas,
Em que hum dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Aguia, que depois foge á humilde terra,
E vai ver de mais perto no ar vasio
O espaço azul, onde não chega o raio.

Já dos olhos o véo tinha rasgado
A enganada Madrid⁴ e ao novo mundo
Da vontade do rei nuncio severo
Aportava Cataneo : e ao grande Andrade⁵
Avisa que tem promptos os soccorros,

E que em breve sahia ao campo armado.
 Não podia marchar por um deserto
 O nosso general, sem que chegassem
 As conducções, que ha muito tempo espera.
 Ja por dilatadissimos caminhos
 Tinha mandado de remotas partes
 Conduzir os petrechos para a guerra.
 Mas entre tanto cuidadoso, e triste,
 Muitas cousas a um tempo revolvía.
 No inquieto agitado pensamento,
 Quando pelos seus guardas conduzido
 Um Indio com insignias de correio,
 Com cerimonia estranha lhe apresenta
 Humilde as cartas, que primeiro toca
 Levemente na boca, e na cabeça.
 Conhece a fiel mão, e já descança
 O illustre general, que vio, rasgando,
 Que na cera encarnada impressa vinha
 A aguia real do generoso Almeida⁶
 Diz-lhe, que está vizinho, e traz comsigo
 Promptos para o caminho e para a guerra
 Os fogueiros cavalos e os robustos,
 E tardos bois, que hão de soffrer o jugo
 No pesado exercicio das carretas.
 Não tem mais que esperar, e sem demora.
 Responde ao Castelhana, que partia,
 E lhe determinou lugar, e tempo⁷
 Para unir os soccorros ao seu campo.

Juntos emfim, e um corpo do outro á vista,
 Fez desfilar as tropas pelo plano,
 Porque visse o Hespanhol em campo largo
 A nobre gente, e as armas, que trazia.

Vão passando as esquadras : elle em tanto
 Tudo nota de parte, e tudo observa
 Encostado ao bastão. Ligeira e leve
 Passou primeiro a guarda, que na guerra
 E' primeira a marchar e que a seu cargo
 Tem descobrir e segurar o campo.

Depois desta se segue a que descreve,
 E dá ao campo a ordem e a figura,
 E transporta e edifica em um momento
 O leve tecto e as movediças casas,
 E a praça e as ruas da cidade errante.

Atraz dos forçosissimos cavallos
 Quentes, sonoros eixos vão gemendo.
 Co' peso da funesta artilheria.
 Vinha logo de guardas rodeado,
 Fonte de crimes, militar thesouro,
 Por quem deixa no rego o curvo arado
 O lavrador, que não conhece a gloria;
 E vendendo a vil preço o sangue e a vida,
 Move, e nem sabe porque move, a guerra.
 Intrepidos, e immoveis nas fileiras,
 Com grandes passos, firme a testa, e os olhos,
 Vão marchando os mitrados granadeiros,
 Sobre ligeiras rodas conduzindo
 Novas especies * de fundidos bronzes,
 Que amiudam de promptas mãos servidos,
 E multiplicam pelo campo a morte.

— Quem é este, Cataneo perguntava,
 Das brancas plumas, e de azul e branco
 Vestido, e de galões cuberto e cheio,
 Que traz a rica cruz no largo peito?

Gerardo, que os conhece, lhe responde :
 — E' o illustre Menezes*, mais que todos
 Forte de braço, e forte de conselho.
 Todo essa guerreira infantaria,
 A flor da mocidade e da nobreza,
 Como elle, azul e branco e ourò vestem.

— Quem é, continuava o Castelhana,
 Aquelle velho vigoroso e forte,
 Que de branco e amarelo e de ouro ornado
 Vem os seus artilheiros conduzindo?

— Vês o grande Alpoim¹⁰. Este o primeiro,
 Ensinou entre nós, por que caminho
 Se eleva aos céos a curva e grave bomba
 Preenhe de fogo : e com que força do alto
 Abate os tectos da cidade, e lança
 Do roto seio envolta em fumo a morte.

Seguiam juntos o paterno exemplo
 Dignos do grande pai ambos os filhos.
 Justos céos ! E é forçoso illustre Vasco¹¹,
 Que te preparem as soberbas ondas,
 Longe de mim, a morte e a sepultura?
 Nymphas do mar, que vistes, se é que vistes,
 O rosto esmorecido, e os frios braços,
 Sobre os olhos soltai as verdes tranças.
 Triste objecto de magoa e de saudade,
 Como em meu coração, vive em meus versos.

Com os teus encarnados granadeiros
 Tambem te vio naquelle dia o campo,
 Famoso Mascarenhas¹², tu, que agora
 Em doce paz, nos menos firmes annos,
 Igualmente servindo ao rei e á patria,
 Dictas as leis ao publico socego,
 Honra da toga e gloria do senado.

Nem tu, Castro fortissimo¹³, escolheste
 O descanso da patria : o campo e as armas
 Fizeram renovar no indlyto peito
 Todo o heroico valor dos teus passados.

Os ultimos, que em campo se mostraram,
 Foram fortes dragões de duros peitos,
 Promptos para dous generos de guerra,
 Que pelejam a pé sobre as montanhas,
 Quando o pede o terreno; e quando o pede,
 Erguem nuvens de pó por todo o campo
 C'o tropel dos magnanimos cavallos.

Convida o general depois da mostra,
Pago da militar guerreira imagem,
Os seus, e os Hespanhoes, e já recebe
No pavilhão purpureo, em largo giro,
Os capitães, a alegre e rica meza.

Desterram-se os cuidados, derramando
Os vinhos europeos nas taças d'ouro.
Ao som da eburnea cythara sonora
Arreatado de furor divino
Do seu heróe Matusio celebrava
Altas emprezas dignas de memoria.
Honras futuras lhe promete, e canta
Os seus brazões, e sobre o forte escudo
Já de então lhe afigura, e lhe descreve
As perolas e o titulo de grande.

Levantadas as mezas, entretinham
O congresso de heróes discursos varios.
Ali Cataneo ao general pedia,
Que do principio lhe dissesse as causas
Da nova guerra, e do fatal tumulto.
Se aos Padres seguem os rebeldes povos?
Quem os governa em paz e na peleja?
Que do premeditado occulto imperio
Vagamente¹⁴ na Europa se falava.

Nos seus lugares cada qual immovel
Pende da sua boca : attende em roda
Tudo em silencio, e dá principio Andrade.

— O nosso ultimo rei, e o rei de Hespanha
Determinaram, por cortar de um golpe,
Como sabeis, neste angulo da terra,
As desordens de povos confinantes,
Que mais certos signaes¹⁵ nos dividissem.
Tirando a linha, donde a esteril costa
E o cerro de Castilhos o mar lava
Ao monte mais vizinho, e que as vertentes

Os termos do dominio assignalasses.
 Vossa fica a Colonia, e ficam nossos
 Sete povos, que os barbaros habitam
 Naquella oriental vasta campina,
 Que o fertil Uruguay discorre e banha.

Quem podia esperar que uns Indios rudes,
 Sem disciplina¹⁶, sem valor, sem armas,
 Se atravessassem no caminho aos nossos,
 E que lhes disputassem¹⁷ o terreno!
 Emfim não lhes dei ordens para a guerra:
 Frustrada a expedição, emfim voltaram.

C'o vosso general me determino
 A entrar no campo juntos, em chegando
 A doce volta da estação das flores.

« Não soffrem tanto os Indios atrevidos:
 Juntos, um nosso forte em tanto assaltam:
 E os padres os incitam e acompanham;
 Que, á sua discrição, só elles podem
 Aqui mover ou socegar a guerra.
 Os Indios, que ficaram prisioneiros¹⁸,
 Ainda os podeis ver neste meu campo.

« Deixados os quartéis, emfim partimos¹⁹
 Por diversas estradas, procurando
 Tomar no meio os rebellados povos.
 Por muitas leguas de aspero caminho,
 Por lagos, bosques, valles, e montanhas,
 Chegamos onde nos impede o passo
 Arrebatado e caudaloso rio²⁰.
 Por toda a opposta margem se descobre
 De barbaros o numero infinito,
 Que ao longe nos insulta, e nos espera.

« Preparo curvas balsas, e pelotas²¹,
 E em uma parte de passar aceno,
 Em quanto em outra passo occulto as tropas.

« Quasi tocava o fim da empreza, quando
 Do vosso general um mensageiro
 Me affirma, que se havia retirado.²³
 A disciplina militar dos Indios
 Tinha esterilizado aquelles campos.
 Que eu tambem me retire me aconselha,
 Até que o tempo mostre outro caminho.
 Irado, não o nego, lhe respondo :
 Que para traz não sei mover um passô.
 Venha quando puder, que eu firme o espero.

Porém o rio e a fôrma do terreno²³
 Nos faz não vista e nunca usada guerra.
 Sae furioso do seu seio, e toda
 Vai alagando com o desmedido
 Pezo das aguas a planicie immensa.
 As tendas²⁴ levantei primeiro aos troncos,
 Depois aos altos ramos : pouco a pouco
 Fomos tomar na região do-vento
 A habitação aos leves passarinhos.
 Tece o emaranhadissimo arvoredô
 Verdes, irregulares e torcidas
 Ruas, e praças de uma, e de outra banda,
 Cruzadas de canôas²⁵. Taes podemos
 Co'a mistura das luzes e das sombras
 Ver por meio de um vidro transplantados
 Ao seio de Adria os nobres edificios,
 E os jardins que produz outro elemento,
 E batidas do remo e navegaveis
 As ruas da maritima Veneza.

« Duas vezes a lua prateada
 Curvou no céu sereno os alvos cornos,
 E ainda continuava a grossa enchente !

« Tudo nos falta no paiz deserto.
 Tardar devia²⁶ o hespanhol soccorro.
 E de si nos lançava o rio e o tempo.
 Cedi, e retirei-me ás nossas terras. »

Deu fim á narração o invicto Andrade,
E antes de se soltar o ajuntamento,
Com os regios poderes, que occultara,
Sorprende os seus— e os animos alegre,
Enchendo os postos todos do seu campo.
O corpo de dragões a Almeida entrega,
E *Campo das Mercês* o lugar chama.

CANTO SEGUNDO

Depois de haver marchado muitos dias,
Emfim junto a um ribeiro, que atravessa
Seren e manso, um curvo e fresco valle,
Acharam, os que o campo descobrim,
Um cavallo anhelante, e o peito e as ancas
Coberto de suor e branca escuma.

— Temos perto o inimigo : aos seus dizia
O experto general : sei que costumam
Trazer os Indios um voluvel laço,
Com o qual tomam no espaçoso campo
Os cavallos que encontram; e rendidos
Aqui e ali com o continuado
Galoppear, a quem primeiro os segue
Deixam os seus, que em tanto se restauram.

Nem se enganou; porque ao terceiro dia²⁷
Formados os achou sobre uma larga
Vantajosa collina, que de um lado
E' cuberta de um bosque, e do outro lado
Corre escarpada e sobranceira a um rio.

Notava o general o sitio forte,
Quando Menezes, que vizinho estava,
Lhe diz : — Nestes desertos encontramos
Mais do que se esperava, e me parece
Que só por força de armas poderemos
Inteiramente sujeitar os povos.

Torna-lhe o general : — Tentem-se os meios
De brandura e de amor; se isto não basta,
Farei a meu pezar o ultimo esforço.

Mandou, dizendo assim, que os Indios todos
 Que tinha prisioneiros no seu campo,
 Fossem vestidos das formosas cores,
 Que a inculta gente simples tanto adora.
 Abraçou-os a todos, como filhos,
 E deo a todos liberdade. Alegres
 Vão buscar os parentes, e os amigos,
 E a uns e a outros contam a grandeza
 Do excelso coração, e peito nobre
 Do general famoso, invicto Andrade.

Já para o nosso campo vem descendo,
 Por mandado dos seus, dous dos mais nobres,
 Sem arcs, sem aljavas; mas as testas
 De varias e altas pennas coroadas,
 E cercadas de pennas as cinturas,
 E os pés e os braços e o pescoço. Entrára
 Sem mostras, nem signal de cortezia,
 Cepé no pavilhão. Porém Cacambo
 Fez, ao seu modo, cortezia estranha,
 E começou²⁸ : — O' general famoso,
 Tu tens á vista quanta gente bebe
 Do soberbo Uruguay a esquerda margem.

Bem que os nossos avós²⁹ fossem despojo
 Da perfidia de Europa, e d'aqui mesmo
 C'os não vingados ossos dos parentes
 Se vejam branquejar ao longe os valles,
 Eu desarmado e só, buscar-te venho.³⁰
 Tanto espero de ti³¹ ! E em quanto as armas
 Dão lugar á razão, Senhor, vejamos
 Se se póde salvar a vida e o sangue
 De tantos desgraçados. Muito tempo
 Póde ainda tardar-nos o recurso
 Com o largo oceano de permeio,
 Em que os suspiros dos vexados povos
 Perdem o alento. O dilatar-se a entrega
 Está nas nossas mãos, até que um dia,
 Informados, os reis nos restituam
 A doce antiga paz. Se o rei de Hespanha
 Ao teu rei quer dar terras com mão larga,

Que lhe dê Buenos-Ayres, Corrientes,
E outras, que tem por estes vastos climas;
Porém não póde dar-lhe os nossos povos.
E inda no caso que pudesse dal-os,
Eu não sei se o teu rei sabe o que troca;
Porém tenho receio que o não saiba.
Eu já vi a Colonia Portugueza
Na tenra idade dos primeiros annos,
Quando o meu velho pai c'os nossos arcos
As sitiadoras tropas Castelhanas
Deo soccorro e medio comvosco as armas.
E quererão deixar os Portuguezes
A praça, que avassalla e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que poz a natureza
Para servir-vos de limite e raia?
Será; mas não o creio. E depois disto,
As campinas, que vês, e a nossa terra,
Sem o nosso suor e os nosos braços,
De que servem ao teu rei? Aqui não temos³².
Nem altas minas, nem os caudalosos
Rios de arêas d'ouro. Essa riqueza³³
Que cobre os templos dos bemditos Padres,
Fructo da sua industria, e do commercio,
Da folha, e pelles³⁴, é riqueza sua³⁵,
Com o arbitrio dos corpos e das almas
O céo lha deo em sorte. A nós sómente
Nos toca arar e cultivar a terra,
Sem outra paga mais que o repartido
Por mãos escassas misero sustento,
Pobres choupanas e algodões tecidos,
E o arco e as settas e as vistosas pennas
São as nossas fantasticas riquezas;
Muito suor³⁶, e pouco ou nenhum fasto !

« Volta, senhor, não passes adiante.
Que mais queres de nós? Não nos obrigues
A resistirte em campo aberto. Póde
Custar-te muito sangue o dar um passo;
Não queiras ver se cortam nossas flechas;

Vê que o nome dos reis³⁷ não nos assusta.
 O teu está mui longe; e nós os Indios
 Não temos outro rei mais do que os Padres. »

Acabou de fallar; e assim responde
 O illustre general :

— O'alma grande,
 Digna de combater por melhor causa,
 Vê que te enganam : risca da memoria
 Vans, funestas imagens, que alimentam
 Envelhecidos mal fundados odios.
 Por mim te fala o rei : ouve-me, attende,
 E verás uma vez núa a verdade.

« Fez-vos livres o céo; mas se o ser livres
 Era viver errantes e dispersos,
 Sem companheiros, sem amigos, sempre
 Com as armas na mão em dura guerra,
 Ter por justiça a força, e pelos bosques
 Viver do acaso; eu julgo que inda fôra
 Melhor a escravidão, que a liberdade.
 Mas nem a escravidão, nem a miseria
 Quer o benigno rei que o fructo seja
 Da sua protecção. Esse absoluto
 Imperio illimitado, que exercitam
 Em vós os padres, como vós vassallos,
 E' imperio tyrannico que usurpam.
 Nem são senhores, nem vós sois escravos.
 O rei é vosso pai : quer-vos felizes;
 Sois livres, como eu sou; e sereis livres,
 Não sendo aqui, em outra qualquer parte.
 Mas deveis entregar-nos estas terras;
 Ao bem publico cede o bem privado;
 O socego de Europa assim o pede;
 Assim o manda o rei. Vós sois rebeldes,
 Senão obedeceis; mas os rebeldes,
 Eu sei que não sois vós; são os bons padres,
 Que vos dizem a todos, que sois livres,
 E se servem de vós, como de escravos.

Armados de orações vos põem no campo
 Contra o fero trovão da artilheria,
 Que os muros arrebatá, e se contentam
 De ver de longe a guerra : sacrificam
 Avarentos do seu o vosso sangue.
 Eu quero á vossa vista despojal-os
 Do tyranno dominio destes climas,
 De que a vossa innocencia os fez senhores.
 Dizem-vos que não tendes rei? Cacique,
 E o juramento de fidelidade?
 Porque está longe, julgas que não póde
 Castigar-vos a vós e castigal-os?

« Generoso inimigo, é tudo engano !
 Os reis estão na Europa ; mas adverte
 Que estes braços que vês, são os seus braços.
 Dentro de pouco tempo um meu aceno
 Vai cubrir este monte, e essas campinas
 De semivivos palpitantes corpos
 De miseros mortaes, que inda não sabem
 Porque causa o seu sangue vai agora
 Lavar a terra e recolher-se em lagos !
 Não me chames cruel : em quanto é tempo
 Pensa e resolve. »

E pela mão tomando
 Ao nobre embaixador o illustre Andrade,
 Intenta reduzil-o por brandura.
 E o Indio, um pouco pensativo, o braço,
 E a mão retira ; e suspirando, disse :

« — Gentes de Europa, nunca vos trouxera
 O mar e o vento a nós. Ah não de balde
 Estendeo entre nós a natureza
 Todo esse plano espaço immenso de aguas !... »

Proseguia talvez ; mas o interrompe
 Cepé, que entra no meio, e diz :

« — Cacambo
 Fez mais do que devia ; e todos sabem
 Que estas terras**, que pizas, o céu livres

Deo aos nossos avós; nós também livres
 As recebemos dos antepassados.
 Livres as hão de herdar os nossos filhos.
 Desconhecemos, detestamos jugo,
 Que não seja o do céo^o, por mão dos padres.
 As frechas partirão nossas contendidas
 Dentro de pouco tempo; e o vósso mundo,
 Se nelle um resto houver de humanidade,
 Julgará entre nós; se defendemos
 Tu a inustiça, e nós o Deos e a patria. »

« — Emfim quereis a guerra? tereis guerra,
 Lhe torna o general : podeis partir-vos,
 Que tendes livre o passo. »

— Assim dizendo,
 Manda dar a Cacambo rica espada
 De tortas guarnições de prata, e ouro,
 A que inda mais valor déra o trabalho.
 Um bordado chapéo e larga cinta
 Verde, e capa de verde e fino panno,
 Com bandas amarelas e encarnadas.
 E mandou que a Cepé se desse um arco
 De pontas de marfim : e ornada e cheia
 De novas settas a famosa aljava;
 A mesma aljava, que deixara um dia,
 Quando envolto em seu sangue, e vivo apenas,
 Sem arco e sem cavallo, foi trazido
 Prisioneiro de guerra ao nosso campo.

Lembrou-se o Indio da passada injuria,
 E sobraçando a conhecida aljava,
 Lhe disse :

« — O' general, eu te agradeço
 As settas, que me dás, e te prometto
 Mandar-t'as bem de pressa uma por uma
 Entre nuvens de pó no ardor da guerra.
 Tu as conhecerás pelas feridas,
 Ou porque rompem com mais força os ares.

Despediram-se os Indios, e as esquadras
Se vão dispondo em ordem de peleja,
Como mandava o general. Os lados
Cobrem as tropas de cavallaria,
E estão no centro firmes os infantes.
Qual fera bocca de lebreo raivoso
De lisos e alvos dentes guarneçada,
Os Indios ameaça a nossa frente
De agudas baionetas rodeada.
Fez a trombeta o som da guerra. Ouviram
Aquelles montes pela vez primeira
O som da caixa portugueza; e viram
Pela primeira vez aquellos ares
Desenroladas as reaes bandeiras.

Sahem das grutas pelo chão cavadas,
Em que até li de industria se escondiam,
Nuvens de Indios, e a vista duvidava
Se do terreno os barbaros nasciam,
Qual já no tempo antigo o errante Cadmo
Dizem que vira da fecunda terra
Brotar á cruelissima seara.
Erguem todos um barbaro alarido,
E sobre os nossos cada qual encurva
Mil vezes, e mil vezes solta o arco
Um chuveiro de settas despedindo.

Gentil mancebo presumido, e nescio,
A quem a popular lisonja engana,
Vaidoso pelo campo discorria,
Fazendo ostentação dos seus penachos.
Impertinente, e de familia escura,
Mas que tinha o favor dos santos padres.
Contam, não sei se é certo, que o tivera
A esteril mãe por orações de Balda⁴⁰
Chamaram-no Baldetta por memoria⁴¹
Tinha um cavallo de manchada pelle
Mais vistoso que forte : a natureza
Um ameno jardim por todo o corpo
Lhe debuxou, e era Jardim chamado.

O padre na saudosa despedida
 Deo-lho em sinal de amor⁴²; e nelle agora
 Girando ao largo com incertos tiros
 Muitos feria, e a todos inquietava.
 Mas se então se cubrio de eterna infamia,
 A gloria, tua foi, nobre Gerardo.

Tornava o Indio jactancioso, quando
 Lhe sahe Gerardo ao meio da carreira :
 Disparou-lhe a pistola, e fez lhe a um tempo
 C'o reflexo do sol luzir a espada.
 Só de vel-o se assusta o Indio, e fica
 Qual quem ouve o trovão e espera o raio.
 Treme, e o cavallo aos seus volta, e pendente
 A um iado e a outro de cahir acena.
 Deixando aqui e ali por todo o campo
 Entornadas as settas; pelas costas,
 Fluctuavam as pennas, e fugindo
 Soltas da mão as redeas ondeavam.
 Insta Gerardo, e quasi o ferro o alcança,
 Quanto Tatú Guaçu⁴³, o mais valente
 De quantos Indios vio a nossa idade,
 Armado o peito de escamosa pelle
 De um jacaré⁴⁴ disforme, que matára,
 Se atravessa adiante. Intenta o nosso
 Com a outra pistola abrir caminho,
 E em vão o intenta : a verdeneira pelle,
 Que ao indio o largo peito orna, e defende,
 Formou a natureza impenetravel.
 Co'a espada o fere no hombro, e na cabeça,
 E as pennas corta, de que o campo espalha.
 Separa os dous fortissimos guerreiros
 A multidão dos nossos, que a tropella
 Os Indios fugitivos : tão depressa⁴⁵
 Cobrem o campo os mortos e os feridos,
 E por nós a victoria se declara.
 Precipitadamente as armas deixam,
 Nêm resistem mais tempo ás espingardas.
 Vale-lhe a costumada ligeireza,
 Debaixo lhe desaparece a terra,

E voam, que o temor aos pés põe azas,
Clamando ao céo, e encommendo a vida
As orações dos padres. Desta sorte,
Talvez, em outro clima, quando soltam
A branca neve eterna os velhos Alpes,
Arrebata a corrente impetuosa
Co' as choupanas o gado. Afflicto e triste
Se salva o lavrador n'os altos ramos,
E vê levar-lhe a cheia os bois e o arado.

Poucos Indios no campo mais famosos,
Servindo de reparo aos fugitivos,
Sustentam todo o pezo da batalha,
Apezar da fortuna. De huma parte
Tatú Guaçú mais forte na desgraça
Já banhado em seu sangue pertendia
Por seu braço elle só pôr termo á guerra.
Caitetú de outra parte altivo e forte
Oppunha o peito á furia do inimigo,
E servia de muro á sua gente.

Fez proezas Cepé naquelle dia.
Conhecido de todos, no perigo
Mostrava descoberto o rosto e o peito,
Forçando os seus co'exemplo, e co'as palavras.
Já tinha despejado a aljava toda,
È destro em atirar e irado e forte
Quantas settas da mão voár fazia,
Tantas na nossa gente ensanguentava.
Settas de novo agora recebia,
Para dar outra vez principio á guerra.
Quando o illustre Hespanhol, que governava
Montevidéo alegre, airoso e prompto
As redeas volta ao rapido cavallo,
E por cima de mortos e feridos,
Que lutavam co'a morte, o Indio affronta.

Cepé, que o vio, tinha tomado a lança,
E a traz deitando a um tempo o corpo e o braço,
A despedio. Por entre o braço e o corpo
Ao ligeiro Hespanhol o ferro passa :

Rompe, sem fazer damno, a terra dura,
 E treme fóra muito tempo a hastea.
 Mas de um golpe a Cepé na testa e peito
 Fere o governador, e as redeas corta
 Ao cavallo feroz. Foge o cavallo,
 E leva involuntario, e ardendo em ira
 Por todo o campo a seu senhor; e ou fosse
 Que regada de sangue aos pés cedia
 A terra, ou que puzesse as mãos em falso,
 Rodou sobre si mesmo, e na cahida
 Lançou longe a Cepé.

« Rende-te, on morre! »

Grita governador; e o Tape altivo,
 Sem responder, encurva o arco e a setta
 Despede, e nella lhe prepara a morte.
 Enganou-se esta vez. A setta um pouco
 Declina, e açouta o rosto a leve pluma.
 Não quiz deixar o vencimento incerto
 Por mais tempo o Hespanhol, e arrebatado
 Com a pistola lhe fez tiro aos peitos.
 Era pequeno o espaço, e fez o tiro
 No corpo desarmado estrago horrendo.
 Viam-se dentro pelas rotas costas
 Palpitar as entranhas. Quiz trez vezes
 Levantar-se do chão : cahio trez vezes.
 E os olhos já nadando em fria morte
 Lhe cubrio sombra escura, e ferreo somno.

Morto o grande Cepé, já não resistem
 As timidias esquadras. Não conhece
 Leis o temor. Debalde está diante,
 E anima os seus o rapido Cacambo.

Tinha-se retirado da peleja
 Caitetú mal ferido; e do seu corpo
 Deixa Tatú Guaçú por onde passa
 Rios de sangue. Os outros mais valentes
 Ou eram mortos, ou feridos. Pende
 O ferro vencedor sobre os vencidos.
 Ao numero, ao valor cede Cacambo :
 Salva os Indios que póde, e se retira.

CANTO TERCEIRO

Já a nossa do mundo ultima parte
 Tinha voltado⁴⁶ a ensanguentada fronte
 Ao centro luminar; quando a campanha
 Semeada de mortos, e insepultos
 Vio desfazer-se a um tempo a villa errante
 Ao som das caixas. Descontente, e triste
 Marchava o general : não soffre o peito,
 Compadecido e generoso, a vista
 Daquelles frios, e sangrados corpos,
 Victimas da ambição de injusto imperio.

Foram ganhando, e descobriudo terra
 Inimiga, e infiel; até que um dia
 Fizeram alto, e se acamparam, onde
 Incultas varzeas, por espaço immenso,
 Enfadonhas, e estereis acompanham
 Ambas as margens de um profundo rio.

Todas estas vastissimas campinas
 Cobrem palústres e tecidas canas,
 E leves juncos do calor tostados,
 Prompta materia de voraz incendio.
 O Indio habitador de quando em quando
 Com estranha cultura entrega ao fogo
 Muitas leguas de campo : o incendio dura,
 Em quanto dura, e o favorece o vento.
 Da herva, que renasce, se apascenta
 O immenso gado que dos montes desce;
 E renovando incendios desta sorte
 A arte emenda a natureza, e podem
 Ter sempre nedio o gado e o campo verde.
 Mas agora sabendo por espias
 As nossas marchas, conservavam sempre
 Seccas as torradissimas campinas,

Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
 Que a chamma bemfeitora e a cinza fria
 Fertilizasse o arido terreno.
 O cavallo até li forte e brioso
 E costumado a não ter mais sustento
 Naquelles climas do que a verde relva
 Da mimosa campina, desfallece.
 Nem mais, se o seu senhor o affaga, encurva
 Os pés, cava o chão co'as mãos, e o valle
 Rinchando atroa, e açouta o ar co'as clinas.

Era alta noite e carrancudo e triste
 Negava o céu envolto em pobre manto
 A luz ao mundo, e murmurar se ouvia
 Ao longe o rio, e menear-se o vento.
 Respirava descanso a natureza.
 Só na outra margem não podia em tanto
 O inquieto Cacambo achar socego.

No perturbado interrompido somno,
 Talvez fosse illusão, se lhe apresenta
 A triste imagem de Cepé despido,
 Pintado o rosto do temor da morte,
 Banhado em negro sangue que corria
 Do peito aberto, e nos pizados braços
 Inda os signaes da misera cahida.
 Sem adorno a cabeça, e aos pés calcada
 A rota aljava e as descompostas pennas.
 Quanto diverso do Cepé valente,
 Que no meio dos nossos espalhava,
 De pó, de sangue e de suor coberto,
 O espanto, a morte !

E diz-lhe em tristes vozes :

« — Foge, foge, Cacambo. E tu descansas,
 Tendo tão perto os inimigos? Torna,
 Torna aos teus bosques, e nas patrias grutas
 Tua fraqueza, e desventura encobre.
 Ou se acaso inda vivem no teu peito

Os desejos de gloria, ao duro passo
 Resiste valeroso; ah tu, que pódes !
 E tu, que pódes, põe a mão nos peitos
 A' fortuna de Europa : agora é tempo,
 Que descuidados da outra parte dormem.

« Envolve em fogo e fumo o campo, e paguem
 O teu sangue e o meu sangue ». Assim dizendo

Se perdeo entre as nuvens, sacudindo
 Sobre as tendas no ar fumante tocha;
 E assignala com chammas o caminho.

Acorda o Indio valeroso, e salta
 Longe da curva rede e sem demora,
 O arco e as settas arrebatã, e ferê
 O chão com o pé : quer sobre o largo rio
 Ir peito a peito a contrastar co'a morte.
 Tem diante dos olhos a figura
 Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
 Pendura a um verde tronco as varias pennas,
 E o arco e as settas e a sonora aljava;
 E onde mais manso e mais quieto o rio
 Se estende e espraia sobre a ruiva arêa.
 Pensativo e turbado entra; e com agua
 Ja por cima do peito, as mãos e os olhos
 Levanta ao céo, que elle não via, e ás ondas
 O corpo entrega. Já sabia em tanto
 A nova empreza na limosa gruta
 O patrio rio; e dando um geito á urna,
 Fez que as aguas corressem mais serenas;
 E o Indio affortunado a praia opposta
 Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
 Da margem guarneçada, e mansamente
 Pelo silencio vai da noite escura
 Buscando a parte, donde vinha o vento.

Lá, como é uso do paiz, roçando
 Dous lenhos entre si, desperta a chamma,
 Que já se atêa nas ligeiras palhas,

E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
Da perigosa luz; porém na margem
Do rio, quando a chamma abrazadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta,
E temeraria e venturosamente,
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipio ás negras ondas
Outra vez se lançou, e foi de um salto
Ao fundo rio a visitar a arêa.
De balde gritam, e de balde ás margens
Corre a gente apressada. Elle entretanto
Sacode as pernas e os nervosos braços :
Rompe as espumas assoprando, e a um tempo
Suspendido nas mãos, voltando o rosto,
Via nas aguas tremulas a imagem
Do arrebatado incendio, e se alegrava.
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses,
Vaidoso da ruina, que causara,
Vio abraçar de Troia os altos muros,
E a perjura cidade envolta em fumo
Encostar-se no chão, e pouco a pouco
Desmaiar sobre as cinzas. Cresce em tanto
O incendio furioso, e o irado vento
Arrebata ás mãos cheias vivas chammass,
Que aqui e ali pela campina espalha.
Communica-se a um tempo ao largo campo
A chamma abrazadora, e em breve espaço
Cérca as barracas da confusa gente.

Armado o general, como se achava,
Sahio do pavilhão, e prompto atalha,
Que não prosiga o voador incendio.
Poucas tendas entrega ao fogo, e manda,
Sem mais demora, abrir largo caminho
Que os separe das chammass. Uns já cortam
As combustiveis palhas, outros trazem
Nos promptos vasos as vizinhas ondas.

Mais não espera o barbaro atrevido.
A todos se adianta; e desejoso
De levar a noticia ao grande Balda,
Naquelle mesma noite o passo estende.
Tanto se apressa, que na quarta aurora
Por veredas occultas vio de longe
A doce patria e os conhecidos montes
E o templo, que tocava o céo co'as grimpas.

Mas não sabia que a fortuna em tanto
Lhe preparava a ultima ruina.

Quanto seria mais ditoso ! Quanto
Melhor lhe fora o acabar a vida
Na frente do inimigo, em campo aberto,
Ou sobre os restos de abrazadas tendas,
Obra do seu valor ! Tinha Cacambo
Real esposa, a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos
Em verdes annos, com ditosos laços
Amor os tinha unido; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lho arrebatou dos laços
A gloria enganadora. Ou foi que Balda
Engenhoso e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna, e perigosa
Do Indio generoso; e desde aquella
Saudosa manhan, que a despedida
Presenciou dos dous amantes, nunca
Consentio que outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya, e descubria
Sempre novos pretextos da demora.

Tornar não esperado, e victorioso,
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda que Lindoya
Chegue a fallar ao seu esposo; e manda
Que uma escura prisão o esconda, e aparte
Da luz do sol. Nem os reaes parentes.
Nem dos amigos a piedade, e o pranto

Da enternecida esposa abranda o peito
 Do obstinado Juiz : até que á força
 De desgostos, de magoa e de saudade,
 Por meio⁴⁷ de um licor desconhecido,
 Que lhe deo compassivo o santo padré,
 Jaz o illustre Cacambo : entre os Gentios
 Unico que na paz e em dura guerra
 De virtude e valor deo claro exemplo.

Chorado occultamente, e sem as honras
 De regio funeral, desconhecida
 Pouca terra os honrados ossos cobre,
 Se é que os seus ossos cobre alguma terra.

Cruéis ministros, encubri ao menos
 A funesta noticia. Ai que já sabe
 A assustada amantissima Lindoya
 O successo infeliz ! Quem a soccorre !
 Que abhorrecida de viver procura
 Todos os meios de encontrar a morte;
 Nem quer que o esposo longamente a espere
 No reino escuro, aonde se não ama.

Mas a enrugada Tanajura, que era
 Prudente e experimentada, e que a seus peitos
 Tinha criado em mais ditosa idade
 A mãe da mãe da misera Lindoya,
 E lia pela historia do futuro,
 Visionaria , supersticiosa,
 Que de abertos sepulcros recolhia
 Nuas caveiras e esburgados ossos,
 A uma medonha gruta, onde ardem sempre
 Verdes candeias, conduzio chorando
 Lindoya, a quem amava como filha;
 E em ferrugento vaso licor puro
 De viva fonte recolheo. Tres vezes
 Gyrou em roda, e murmurou tres vezes
 Co'a carcomida bocca impias palavras,
 E as aguas assoprou; depois com o dedo
 Lhe impõe silencio, e faz que as aguas note.

Como no mar azul, quando recolhe
 A lisonjeira viração as azas,
 Adormecem as ondas, e retratam
 Ao natural, as debruçadas penhas,
 O copado arvoredado e as nuvens altas:
 Não de outra sorte á tímida Lindoya
 Aquellas aguas fielmente pintam
 O rio, a praia, o valle e os montes, onde
 Tinha sido Lisboa⁴⁶; e vio Lisboa
 Entre despedaçados edificios,
 Com o solto cabello descomposto,
 Tropeçando em ruinas encostar-se.
 Desamparada dos habitadores
 A rainha do Tejo, e solitaria,
 No meio de sepulcros procurava
 Com seus olhos soccorro; e com seus olhos
 So descubria de um, e de outro lado
 Pendentes muros e inclinadas torres.

Vê mais o luso Atlante, que forceja
 Por sustentar o pezo desmedido
 Nos roxos hombros. Mas do céu sereno,
 Em branca nuvem provida donzella
 Rapidamente desce, e lhe apresenta
 De sua mão, espirito constante,
 Genio de Alcides, que de negros monstros
 Despeja o mundo, e enxuga o pranto á patria :
 Tem por despojos cabelludas pelles
 De ensanguentados e famintos lobos,
 E fingidas raposas. Manda⁴⁸ e logo
 O incendio lhe obedece; e de repente
 Por onde quer que elle encaminhe os passos
 Dão lugar⁵¹ as ruinas. Vio Lindoya
 Do meio dellas, só a um seu aceno,
 Sahir da terra⁵² feitos, e acabados
 Vistosos edificios. Ja mais bella
 Nasce Lisboa de entre as cinzas : gloria
 Do grande conde, que co'a mão robusta
 Lhe firmou na alta testa os vacillantes
 Mal seguros castellos. Mais ao longe
 Promptas no Tejo⁵³, e ao curvo ferro atadas

Aos olhos dão de si terrível mostra,
 Ameaçando o mar, as poderosas
 Soberbas náos. Por entre as cordas negras
 Alvejam as bandeiras; geme atado
 Na popa o vento; e alegres e vistosas
 Descein das nuvens a beijar os mares
 As flamulas guerreiras. No horizonte
 Já sobre o mar azul apparecia
 A pintada *Serpente*⁵⁴; obra e trabalho
 Do novo mundo, que de longe vinha
 Buscar as nadadoras companheiras;
 E já de longe a fresca Cintra e os montes,
 Que inda não conhecia, saudava.
 Impacientes da fatal demora
 Os lenhos mercenarios juncto á terra
 Recebem no seu seio, e a outros climas,
 Longe dos doces ares de Lisboa,
 Transportam⁵⁵ a ignorancia e a magra inveja,
 E envolta em negros e compridos pannos
 A discoridia, o furor. A torpe e velha
 Hypocrisia vagarosamente
 Atraz delles caminha; e inda duvida
 Que houvesse mão, que se atrevesse a tanto.
 O povo a mostra com o dedo; e ella,
 Com os olhos no chão, da luz do dia
 Foge, e cubrir o rosto inda procura
 Com os pedaços do rasgado manto.

— Vae, filha da ambição, onde te levam
 O vento, e os mares : possam teus alumnos
 Andar errando sobre as aguas : possa
 Negar-te a bella Europa abrigo e porto.
 Alegre deixarei a luz do dia,
 Se chegarem a ver meus olhos, que Adria⁵⁶
 Da alta injuria se lembra, e de seu seio
 Te lança : e que te lançam do seu seio
 Gallia, Iberia⁵⁷, e o paiz bello, que parte
 O Apenino, e cinge o mar e os Alpes.
 Pareceu a Lindoya, que a partida
 Destes monstros deiechava mais serenos,
 E mais puros os ares. Já se mostra

Mais distincta a seus olhos a cidade.
Mas vio, ai vista lastimosa ! a um lado
Ir a fidelidade portugueza
Manchados os purissimos vestidos
De roxas nódoas. Mais ao longe estava
Com os olhos vendados, e escondido
Nas roupas um punhal banhado em sangue,
O fanatismo, pela mão guiando
Um curvo^{ss} e branco velho ao fogo e ao laço.
Geme offendida a natureza ; e geme,
Ai muito tarde ! a credula cidade.
Os olhos põe no chão a igreja irada,
E desconhece e dsapprova e vinga
O delicto cruel e a mão bastarda.

Embebida na magica pintura
Goza as imagens vãs, e não se atreve
Lindoya a perguntar. Vê destruida
A republica infame, e bem vingada
A morte de Cacambo ; e attenta e immovel
Apascentava os olhos e o desejo,
E nem tudo entendia ; quando a velha
Bateo co'a mão, e fez tremer as aguas.
Desapparecem as fingidas torres,
E os verdes campos ; nem ja delles resta
Leve signal. Debalde os olhos buscam
As náos : ja não são náos ; nem mar, nem montes,
Nem o lugar, onde estiveram. Torna
Ao pranto a saudosissima Lindoya,
E de novo outra vez suspira e geme.
Até que a noite compassiva e attenta,
Que as magoadas lastimas lhe ouvira,
Ao partir sacudio das fuscas azas,
Envolto em frio orvalho, um leve somno,
Suave esquecimento de seus males.

CANTO QUARTO

Salvas as tropas do nocturno incendio
 Aos povos se avizinha o grande Andrade,
 Depois de afugentar os Indios fortes,
 Que a subida dos montes defendiam,
 E rotos muitas vezes, e espalhados
 Os Tapes cavalleiros, que arremeçam
 Duas causas de morte em uma lança,
 E em largo giro todo o campo escrevem.

Que negue agora a perfida calumnia⁶⁶,
 Que se ensinava aos barbaros gentios,
 A disciplina militar, e negue
 Que mãos traidoras a distantes povos
 Por asperos desertos conduziam
 O pó sulphureo e as sibilantes balas
 E o bronze, que rugia nos seus muros.

Tu que viste e pizaste, ó Blasco⁶¹ insigne,
 Todo aquelle paiz, tu só pudeste,
 Co'a mão, que dirigia o ataque horrendo,
 E aplanava os caminhos á victoria,
 Descrever ao teu rei o sitio e as armas
 E os odios e o furor e a incrível guerra.

Pizaram finalmente os altos riscos
 De escavada montanha, que os infernos
 C'o pezo opprime e a testa altiva esconde
 Na região, que não perturba o vento.
 Qual vê quem foge á terra pouco a pouco
 Ir crescendo o horizonte, que se encurva,
 Até que com os céos o mar confina,
 Nem tem á vista mais que o ar e as ondas :
 Assim quem olha do escarpado cume
 Não vê mais do que o céu, que o mais lhe encobre

A tarda e fria nevoa, escura e densa.
Mas quando o sol de lá do eterno e fixo
Purpureo encosto do dourado assento,
Co'a creadora mão desfaz, e corre
O véo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos ! Podem
Daquella altura, por espaço immenso,
Ver as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros, claras fontes,
E lagos crystallinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento,
Engraçados outeiros, fundos valles,
E arvoredos copados e confusos,
Verde theatro, onde se admira quanto
Produzio a superflua natureza.
A terra soffredora de cultura

Mostra o rasgado seio; e as varias plantas
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo, e se divisam
Por entre as sombras da verdura, ao longe,
As casas branquejando e os altos templos.

Ajuntavam-se os Indios entretanto
No lugar mais visinho, onde o bom Padre⁶²
Queria dar Lindoya por esposa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto
E a regia autoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
Do grande templo, e na visinha praça
Se vão dispondo de uma, e de outra banda
As vistosas esquadras differentes.

Co'a chata frente de urucú⁶³ tingida,
Vinha o Indio Kobbé disforme e feio,
Que sustenta nas mãos pezada maça
Com que abate no campo os inimigos
Como abate a seara o rijo vento.

Traz comsigo os selvagens da montanha,
 Que comem os seus mortos; nem consentem
 Que jâmais lhes esconda a dura terra
 No seu avaro seio o frio corpo
 Do doce pai ou suspirado amigo.

Foi o segundo, que de si fez mostra,
 O mancebo Pindó, que succedêra
 A Cepé no lugar; inda em memoria
 Do não vingado irmão, que tanto amava,
 Leva negros penachos na cabeça.
 São vermelhas as outras pennas todas,
 Côr que Cepé usára sempre em guerra.
 Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam,
 E que tem por injuria morrer velhos.

Segue-se Caitetú de regio sangue,
 E de Lindoya irmão. Não muito fortes
 São os que elle conduz; mas são tam dextros
 No exercicio da frecha, que arrebatam
 Ao verde papagaio o curvo bico
 Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
 O peixe prateado está seguro
 No fundo do ribeiro. Vinham logo
 Alegres Guaranis de amavel gesto.
 Esta foi de Cacambo a esquadra antiga
 Pennas da côr do céu trazem vestidas;
 Com cintas amarellas : e Baldetta
 Desvanecido a bella esquadra ordena
 No seu *Jardim* : até o meio a lança
 Pintada de vermelho, e a testa, e o corpo
 Todo coberto de amarellas plumas.
 Pendente a rica espada de Cacambo;
 E pelos peitos ao través lançada
 Por cima do hombro esquerdo a verde faxa,
 De donde ao lado opposto a aljava desce.

Num cavallo da côr da noite escura
 Entrou na grande praça derradeiro
 Tatú guaçu feroz, e vem guiando

Tropel confuso de cavalleria,
 Que combate desordenadamente.
 Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem
 Pelles de monstros os seguros peitos.

Revia-se em Baldetta o santo padre;
 E fazendo profunda reverencia,
 Fóra da grande porta, recebia
 O esperado Tedêo activo e prompto,
 A quem acompanhava⁶⁴ vagaroso.
 Com as chaves no cinto o irmão Patusca,
 De pezada, enormissima barriga.
 Já mais a este o som da dura guerra
 Tinha tirado as horas do descanso.
 De indulgente moral e brando peito,
 Que penetrado da fraqueza humana
 Soffre em paz as delicias desta vida,
 Taes e quaes nol-as dão. Gosta das cousas,
 Porque gosta, e contenta-se do effeito,
 E nem sabe, nem quer saber as causas.
 Ainda que talvez, em falta de outro,
 Com grosseiras acções o povo exhorte,
 Gritando sempre, e sempre repetindo,
 Que do bom pai Adão a triste raça
 Por degrãos degenera, e que este mundo
 Peiorando envelhece. Não faltava,

Para se dar principio á estranha festa,
 Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
 Todas de brancas pennas revestidas
 Festões de flores as gentis donzellas.
 Cansados de esperar, ao seu retiro
 Vão muitos impacientes a buscal-a.
 Estes de crespa Tanajura aprendem
 Que entrara no jardim⁶⁵ triste e chorosa,
 Sem consentir que alguém a acompanhasse.
 Um frio susto corre pelas véas
 De Caitetú, que deixa os seus no campo,
 E a irmã por entre as sombras do arvoredo
 Busca co'a vista e treme de enconral-a.

Entram emfim na mais remota, e interna
 Parte de antigo bosque, escuro e negro,
 Onde ao pé de uma lapa cavernosa
 Cobre uma rouca fonte, que murmura,
 Curva latada de jasmims e rosas.
 Este lugar delicioso e triste,
 Cansada de viver, tinha escolhido,
 Para morrer, a misera Lindoya.

Lá reclinada, como que dormia,
 Na branda relva e nas mimosas flores,
 Tinha a face na mão, e a mão no tronco
 De um funebre cipreste, que espalhava
 Melancolica sombra. Mais de perto
 Descobrem que se enrola no seu corpo
 Verde serpente, e lhe passeia e cinge
 Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
 Fogem de a vêr assim sobressaltados,
 E param cheios de temor ao longe;
 E nem se atrevem a chamal-a, e temem
 Que desperte assustada e irrité o monstro,
 E fuja e apresse no fugir a morte.
 Porém o dextro Caitetú, que treme
 Do perigo da irmã, sem mais demora
 Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
 Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
 Entre a ira e o temor. Emfim sacode
 O arco, e faz voar a aguda setta,
 Que toca o peito de Lindoya, e fere
 A serpente na testa, e a boca e os dentes
 Deixou cravados no visinho tronco.
 Açoita o campo co'a ligeira cauda
 O irado monstro, e em tortuosos giros
 Se enrosca no cipreste, e verte envolto
 Em negro sangue o livido veneno.

Leva nos braços a infeliz Lindoya
 O desgraçado irmão, que ao despertal-a
 Conhece — com que dor! — no frio rosto
 Os signaes do veneno, e vê ferido

Pelo dente subtil o brando peito.
 Os olhos, em que amor reinava um dia,
 Cheios de morte; e muda aquella lingua,
 Que ao surdo vento e aos échos tantas vezes
 Contou a larga historia de seus males.

Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
 E rompe em profundissimos suspiros,
 Lendo na testa da fronteira gruta
 De sua mão já tremula gravado
 O alheio crime, e a voluntaria morte,
 E por todas as partes repetido
 O suspirado nome de Cacambo.

Inda conserva o pallido semblante
 Um não sei que de magoado e triste,
 Que os corações mais duros enternece.
 Tanto era bella no seu rosto a morte!

Indifferente admira o caso acerbo
 Da estranha novidade alli trazido
 O duro Balda; e os Indios, que se achavam,
 Corre co' a vista, e os animos observa.
 Quanto póde o temor! Seccou-se a um tempo
 Em mais de um rosto o pranto, e em mais de um peito
 Morrêram suffocados os suspiros.
 Ficou desamparada na espessura,
 E exposta ás feras e ás famintas aves,
 Sem que alguém se atrevesse a honrar seu corpo
 De poucas flores e piedosa terra.

Fastosa Egypcia⁶⁶, que o maior triumpho
 Temeste honrar do vencedor latino,
 Se desceste inda livre ao escuro reino,
 Foi vaidosa talvez da imaginada
 Barbara pompa do real sepulchro.

Amavel Indiana, eu te prometto
 Que em breve a iniqua patria envolta em chamas
 Te sirva de urna, e que misture e leve
 A tua e a sua cinza o irado vento!

Confusamente murmurava em tanto
 Do caso atroz a lastimada gente,
 Dizem que Tanajura lhe pintara
 Suave aquele genero de morte,
 E talvez lhe mostrasse o sitio e os meios.
 Balda, que ha muito espera o tempo, e o modo
 De alta vingança, e encobre a dor no peito,
 Excita os povos a exemplar castigo
 Na desgraçada velha, Alegre em roda
 Se ajuncta a petulante mocidade
 Co'as armas, que o acaso lhe offerece.
 Mas neste tempo um Indio pelas ruas
 Com gesto espavorido vem gritando,
 Soltos e arrepiados os cabellos :

— Fugi, fugi da mal segura terra,
 Que estão já sobre nós os inimigos.
 Em mesmo os vi, que descem do alto monte,
 E vem cubrindo os campos; e se ainda
 Vivo chego a trazer-vos a noticia,
 Aos meus ligeiros pés a vida eu devo. »

— Debalde nos expomos neste sitio,
 Diz o activo Tedêo : melhor conselho
 E' ajunctar as tropas no outro povo :
 Perca-se o mais, salvemos a cabeça.

— Embora seja assim : faça-se em tudo
 A vontade do céo; mas entre tanto
 Vejam os contumazes inimigos
 Que não tem que esperar de nós despojos;
 Falte-lhe a melhor parte ao seu triumpho.

Assim discorre Balda; e em tanto ordena,
 Que todas as esquadras se retirem,
 Dando as casas primeiro ao fogo e o templo.
 Parte, deixando atada a triste velha
 Dentro de uma choupana, e vingativo
 Quiz que por ella começasse o incendio.
 Ouviam-se de longe os altos gritos

Da miseravel Tanajura. Aos ares
Vão globos espessissimos de fumo,
Que deixa ensanguentada a luz do dia.

Com as grossas camaldulas á porta,
Devoto e penitente os esperava
O irmão Patusca, que ao rumor primeiro
Tinha sido o mais prompto a pôr-se em salvo,
E a desertar da perigosa terra.

Por mais que o nosso general se apresse,
Não acha mais que as cinzas inda quentes,
E um deserto, onde ha pouco era a cidade.

Tinham ardido as miseras choupanas
Dos pobres Indios, e no chão cahidos
Fumegavam os nobres edificios,
Deliciosa habitação dos Padres.

Entram⁶⁷ no grande templo, e vem por terra
As imagens sagradas. O aureo throno,
O throno, em que se adora um Deos immenso,
Que o soffre e não castiga os temerarios,

Em pedaços no chão. Voltava os olhos
Turbado o general : aquella vista
Lhe encheo o peito de ira e os olhos de agua.

Em roda os seus fortissimos guerreiros
Admiram⁶⁸, espalhados, a grandeza
Do rico templo, e os desmedidos arcos,
As bases das firmissimas columnas;
E os vultos animados, que respiram.
Na abobada o artifice famoso
Pintára..... mas que intento ! as roucas vozes
Seguir não podem do pincel os rasgos.

Genio da inculta America, que inspiras
A meu peit o furor, que me transporta;
Tu me levanta nas seguras azas.
Serás em paga ouvido no meu canto,
E te prometto, que pendente um dia
Adorne a minha lyra os teus altares.

CANTO QUINTO

Na vasta e curva abobada⁶⁹ pintára
 A destra mão de artifice famoso,
 Em breve espaço, e villas e cidades
 E provincias e reinos. No alto solio
 Estava dando leis ao mundo inteiro
 A Companhia. Os sceptros e as corôas,
 E as tairas e as purpuras em torno
 Semeadas no chão. Tinha de um lado
 Dativas corruptoras; do outro lado
 Sobre os brancos altares suspendidos
 Agudos ferros, que gottejam sangue.
 Por esta mão, ao pé dos altos muros,
 Um dos Henriques⁷⁰ perde a vida e o reino,
 E cahe por esta mão — ó céos! — debalde
 Rodeado dos seus o outro Henrique⁷¹,
 Delicia do seu povo e dos humanos.
 Principes, o seu sangue é vossa offensa.
 Novos crimes⁷² prepara o horrendo monstro.
 Armai o braço vingador; descreva
 Seus tortos sulcos o luzente arado
 Sobre o seu throno⁷³; nem aos tardos netos
 O lugar, em que foi, mostrar-se possa.

Viam-se ao longe errantes, e espalhados
 Pelo mundo os seus filhos ir lançando
 Os fundamentos do esperado imperio,
 De dous em dous⁷⁴; ou sobre os coroados
 Montes do Têjo; ou nas remotas praias,
 Que habitam as pintadas Amazonas,
 Por onde o rei das aguas⁷⁵ escumando,
 Foge da estreita terra e insulta os mares;
 Ou no Ganges sagrado; ou nas escuras
 Nunca de humanos pés trilhadas serras,
 Aonde o Nilo tem⁷⁶, se é que tem, fonte.
 Com um gesto innocente aos pés do throno

Via-se a Liberdade americana,
 Que arrastando enormissimas cadêas,
 Suspira, e os olhos e a inclinada testa
 Nem levanta⁷⁷ de humilde e de medrosa.
 Tem diante riquissimo tributo,
 Brilhante pedraria e prata e ouro,
 Funesto preço, por que compra os ferros.

Ao longe o mar azul, e as brancas vélas⁷⁸,
 Com estranhas divisas nas bandeiras,
 Denotam que aspirava ao senhorio,
 E da navegação e do commercio.
 Outro tempo, outro clima, outros costumes,

Mais além⁷⁹ tam diversa de si mesma
 Vestida em larga roupa fluctuante,
 Que distinguem barbaricos labores,
 Respira no ar chinez o molle fasto
 De asiatica pompa; e grave e lenta
 Permite⁸⁰ aos Bonzos⁸¹ a pezar de Roma⁸²,
 Do seu legislador⁸³ o indigno culto.
 Aqui entrando no Japão fomenta
 Domesticas discordias. Lá passêa
 No meio dos estragos, ostentando
 Orvalhadas de sangue as negras roupas.
 Cá desterrada em fim dos ricos portos,
 Voltando a vista ás terras, que perdêra⁸⁴,
 Quer pizar⁸⁵ temeraria e criminosa...
 O' Céos! que negro horror! tinha ficado

Imperfeita a pintura, e envolta em sombras.
 Tremeo a mão do artifice ao fingil-a,
 E desmaiaram no pincel as cores.

¶ Da parte opposta, nas soberbas praias
 Da rica Londres, tragica e funesta,
 Ensanguentado o Tamega esmorece,
 Vendo a conjuração⁸⁶ perfida e negra,
 Que se prepara ao crime; e intenta e espera
 Erguer ao céu nos inflammados hombros,
 E espalhar pelas nuvens denegridos
 Todos os grandes e a famosa salla.

Por entre os troncos de umas plantas negras,
 Por obra sua, viam-se arrastados
 A's ardentes arêas africanas
 O valor e alta gloria portugueza.
 Ai mal aconselhado, quanto forte,
 Generoso Mancebo ! eternos lutos
 Preparas á chorosa Lusitania.
 Desejado dos teus, a incertos climas
 Vás mendigar a morte e a sepultura
 Já satisfeitos do fatal designio,
 Por mão de um dos Filippes, affogavam
 Nos abysmos do mar⁸⁷, e e emudeciam
 Queixosas linguas e sagradas boccas,
 Em que ainda se ouvia a voz da patria.
 Crescia o seu poder, e se firmava
 Entre surdas vinganças. Ao mar largo
 Lança do profanado occulto seio
 O irado Tejo os frios nadadores.
 E deixa o barco e foge para a praia
 O pescador que attonito recolhe
 Na longa rede o pallido cadaver
 Privado de sepulcro. Em quanto os nossos

Apascentam a vista na pintura,
 Nova empreza, e outro genero de guerra
 Em si revolve o general famoso.

Apenas esperou que ao sol brilhante
 Dêsse as costas de todo a opaca terra ;
 Precipitou a marcha, e no outro povo
 Foi surprender os Indios. O cruzeiro,
 Constellação dos Europeos não vista,
 As horas, declinando, lhe assignala.
 A córada manhã serena e pura,
 Começava a bordar nos horizontes
 O céu de brancas nuvens povoado,
 Quando, abertas as portas, se descobrem
 Em trages de caminho ambos os Padres,
 Que mansamente do lugar fugiam,
 Desamparando os miseraveis Indios,
 Depois de expostos ao furor das armas.

Lobo voraz, que vai na sombra escura
 Meditando traições ao manso gado,
 Perseguido dos cães e descoberto,
 Não arde em tanta colera, como ardem
 Balda e Tedêo. A soldadesca alegre
 Cérca em roda o fleugmatico Patusca,
 Que pródigo de longe os acompanha,
 E mal se move no jumento tardo.
 Pendem-lhe dos arções de um lado e de outro
 Os paios saborosos e os vermelhos
 Presunços europeus; e a tiracolo,
 Inseparavel companheira antiga
 De seus caminhos, a borracha pende.

Entra no povo, e ao templo se encaminha
 O invicto Andrade; e generoso em tanto
 Reprime a militar licença, e a todos
 Co'a grande sombra ampara alegre, e brando
 No meio da victoria. Em roda o cercam,
 (Nem se enganaram) procurando abrigo
 Chorosas mãis e filhos innocentes
 E curvos pais e timidas donzellas.

Socegado o tumulto, e conhecidas
 As vis astucias de Tedeo, e Balda,
 Cahe a infame republica por terra.
 Aos pés do general as toscas armas
 Já tem deposto o rude Americano,
 Que reconhece as ordens, e se humilha,
 E a imagem do seu rei prostrado adora.

Serás lido, Uruguay. Cubra os meus olhos
 Embora um dia a escura noite eterna.
 Tu vive e goza a luz serena e pura.
 Vai aos bosques de Arcadia : e não receies
 Chegar desconhecido áquella arêa.
 Ali de fresco entre as sombrias murtas
 Urna triste a Mirêo não todo encerra.
 Leva de estranho céu, sobre ella espalha
 Co'a peregrina mão barbaras flores.
 E busca o successor, que te encaminhe
 Ao teu lugar, que ha muito que te espera.

NOTAS DO AUTOR

AO « URUGUAY »

1. O Illm. e Exm. Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi governador e capitão general das capitánias do grão Pará e Maranhão, e fez ao norte do Brasil o que o conde de Bobadela fez da parte do Sul: encontrou nos Jesuitas a mesma resistencia, e venceu-a da mesma sorte.

2. Os Indios lhe devem inteiramente a sua liberdade. Os Jesuitas nunca declamaram contra o cativoiro destes miseraveis racionaes, senão porque pretendiam ser só elles os seus senhores. Ultimamente foram, nos nossos dias, nobilitados e admittidos aos cargos da república. Este procedimento honra a humanidade.

3. Em huma só familia achou o rei tres irmãos dignos de repartirem entre si todo o peso do governo. Com quanto maior gloria nossa podem os estranhos dizer da côrte de Lisboa, o que já se disse de Roma, ao vê-la nas mãos dos tres famosos Horácios (*Corneil., Horac.*),

Et son illustre ardeur d'oser plus que les autres

D'une seule maison brave toutes les nôtres.

Ce choix pouvait combler trois familles de gloire.

4. Os Jesuitas por si, e pelos seus fautores tinham feito na côrte de Madrid o ultimo esforço para impedir a execução do tratado de limites,

5. O Illm. e Exm Sr. Gomes Freire de Andrade.

6. O coronel José Ignacio de Almeida.

7. O dia 16 de janeiro de 1765 em Santo Antonio o Velho.

8. As companhias de granadeiros levaram a esta expedição peças de amiudar, que foram as primeiras que passaram ao Brasil.

9. O coronel Francisco Antonio Cardoso de Menezes, hoje governador da Colonia.

10. O brigadeiro.

11. Vaseo Fernandes Pinto Alpoim, filho do brigadeiro e particular amigo de autor, morreo tenente coronel na flor dos seus annos em huma embarcação, que se perdeu, vindo da Colonia para o Rio de Janeiro.

12. Fernando Mascarenhas, capitão de granadeiros, depois sargento mór.

13. O tenente coronel Gregorio de Castro Moraes, de illustrissima familia, que teve o governo de Rio de Janeiro no tempo da invasão do famoso Du Guay Trévin.

14. Os Jesuitas tem tido a animosidade de negar por toda Europa o que se acabou de passar na America nos nossos dias, á vista de dous exercitos. O autor o experimentou em Roma, onde muitas pessoas o buscavam só para saberem com fundamento as noticias do Uruguay; testemunhando o estranho contentamento de encontrarem um Americano, que os podia informar miudamente de todo o succedido. A admiração, que causava a estranheza de factos entre nós tão conhecidos, fez nascer as primeiras ideias deste poema.

15. O tratado de limites das conquistas celebrou-se a 16 de janeiro de 1750 entre os Srs. reis D. João o V de Portugal, e D. Fernando o VI de Hespanha. Este tratado feria os Jesuitas na alma, porque por elle se entregavam aos Portuguezes as terras, que a companhia depois de muito tempo possuia como suas da parte oriental do rio Uruguay.

16. Como naquelle tempo se imaginava.

17. Os officiaes militares, que foram fazer a demarcação, chegaram ao posto de Santa Tecla, e nelle acharam fortificados os Indios que lhes impediram os passos.

18. Foram cincoenta estes prisioneiros; alguns dos principaes vieram remettidos ao Rio de Janeiro, onde o autor os vio e fallou com elles. Confessavam ingenuamente, que os padres tinham vindo em sua companhia até o Rio Pardo, e se tinham deixado ficar da outra banda. Mostravam-se sorprendidos da doçura, que encontravam no trato dos Portuguezes. Diziam que os Padres não cessavam de lhes intimar nas suas pregações, que os Portuguezes tinham o diabo no corpo, e que eram todos feiticeiros. Que em matando algum, para que não tornasse a viver, era necessario por-lhe a cabeça hum palmo longe do corpo; o que elle religiosamente observavam.

19. Sahio e general portuguez do Rio Grande de S. Pedro a 28 de julho de 1754.

20. Jacuí. Chegaram a elle aos 7 de setembro.

21. Especie de barcos, em que os nossos paßsam naquelle paiz os maiores e mais profundos rios. Fazem-se de couros de boi. Levam no fundo as cargas, e em cima os homens com os cavallos nadando á mão. Os Indios, que são robustissimos, e grandes nadadores, tiram toda esta machina por huma corda, cuja ponta tomam nos dentes. Quem vai dentro leva na mão a outra ponta, largando-a mais ou menos conforme julga ser necessario.

22. Retiraram-se as tropas castelhanas, enfraquecida a cavallaria. Tinham-se mettido muito pela margem do rio, que estava rapada dos gados jesuiticos. Finalmente não tinham vontade de entrar em Missões; nem até então estavam inteiramente persuadidos da intenção do rei. A maior razão de duvidar nascia das cartas que vinham da côrte de Madrid por huma occulta cabala; os Jesuitas tudo revolviam e machinavam mais que nunca.

23. Todos aquellos bosques e varzeas por muitas e muitas leguas são alagadiços, e suietos a enchentes. Ha nações inteiras de Indios que fazem as suas choupanas, e vivem sobre as arvores São destrissimos em subir e descer sem cordas, nem genero algum de escada. As arvores são altissimas, e tem a maior parte do anno as raizes na agua.

24. Talvez não se achará na historia outro successo semelhante. Foi necessaria toda a constancia do conde de Bobadella para ter dous mezes hum exercito abarracado sobre as arvores.

25 Pequenas embarcações dos Indios feitas de hum só tronco : nellas vinham occultamente fazer commercio com os Portuguezes, e Hespanhoes.

26. *Post bellum auxilium.*

27 Aos 10 de fevereiro de 1756.

28. Todos os padres aprendiam a lingua dos Indios, e prohibiam a estes, contra a intenção do rei, usar de outra lingua, que não fosse a sua nacional. Desta sorte ficava impossibilitada a communição com os Portuguezes, e Castelhanos, e impenetravel o segredo do que se passava naquelles sertões. E o que he mais, he que os mesmos jesuitas se jactavam desta especie de tyrannia na face de toda a Europa :

Nescia gens nostri vivit....

.....ad interiora venire

Regna vetent homines cupidos audita videndi.

VANIER. *Præd. rust. Lib. XIV.*

29. « Por estes Portuguezes se nos trazem a casa todos os presentes prejuisos. Lembrai-vos que nos tempos passados mataram a vossos defuntos avós. Mataram mais milhares delles por todas as partes, sem reservar as innocentes creaturas. Instrucções, etc.

30. Tinham positiva ordem dos padres para o não fazerem. Os que nos aborrecem (por estas expressões caracterisavam os Europeos) quando nos pretendam fallar, havemos de escusar sua conversação, fugindo muito da dos Hespanhoes... se acaso nos quizerem fallar, hão de ser cinco Castelhanos, nada mais. Não sejam Portuguezes, por que se viessem alguns dos Portuguezes, não lhes hade ir bem. O padre, que he o dos Indios, e sabe a sua lingua, hade ser o que sirva de interprete, e então se fará tudo, por que deste modo se fará tudo, como Deos manda, e senão, irão as cousas por onde o diabo quizer. » Instrucções, etc.

31. « Não queremos ir aonde vós estais, porque não temos confiança de vós outros. » Instrucções, etc.

32. Os padres faziam crer aos Indios que os Portuguezes eram gente sem lei, que adoravam o ouro.

33. As suas riquezas eram immensas : as suas casas, e os seus templos magnificos, fóra de quanto se póde imaginar em Europa. Nem he necessario ir tão longe : mesmo no Rio de Janeiro tinham os padres, entre outras immensas terras, a fazenda de Santa Cruz; tão grande, que nenhuma daquellas opulentissimas familias se achou

até hoje, com fundo para comprai-a. Tinham só nesta mais de mil escravos. O gado era sem numero. Com tudo isto, he coisa certa que se lhes não achou dinheiro de consideração no seu sequestro. Poucos dias depois de partirem daquelle porto se apresentou ao conde de Bobadella hum leigo pedreiro, dizendo, que vinha descobrir o lugar, onde por ordem dos padres tinha escondido o dinheiro. Com effeito já se não achou mais que o lugar uos alicerces da igreja nova. Elles assim que viram que o leigo despia a roupeta, fizeram-lhe huma ligeireza das suas.

34. Os Indios, e os Hespanhoes fazem do mate o uso, que os Chins fazem do seu *thé*. Este importantissimo commercio era todo dos jesuitas do Paraguay. Cultivavam as arvores que dão a tal folha, e fabricavam-na, e a faziam gyrar em surrões de pelle por toda a America Hespanhola. Só este negocio rendia em cada hum anno muitos milhões. Tudo suor dos miseraveis Indios.

35. *Seusima nos colimus faetis, que jecimus agris.*

VANIER. *Præd. rust. Lib. XIV.*

36. Tambem não he necessario ir ao Uruguay, para ter provas de excessivo trabalho dos Indios do serviço do padres. Entre a villa de Santos, e a cidade de S. Paulo ha huma serra muito ingreme, e dilatada : não se póde subir a cavallo. O conde de Bobadella, o melhor cavalleiro de seu tempo, cahio duas vezes togo a entrada, em cavallos, que tinha escolhido para isso entre muitos. Todos a sobem a pé com seu cavallo pela mão. Os padres como faziam voto de pobreza, contentavam-se de a subir e descer recostados em redes ás costas dos miseraveis Indios; nem já mais passaram por alli de outra sorte. Esse facto na Europa parece incrível; mas o autor o attesta.

37. Estas expressões não são ornato da poesia : passou na realidade tudo o que o autor aqui faz dizer a este Indio.

38. Estas terras nol-as deo Deos, e a nossos avós, e por isso só as possuimos em amor de Deos. *Carta sediciosa, etc.*

39. Esta mistura de sagrado com o profano, ou para melhor dizer, aquelle fazer servir a religião aos seus fins particulares, foi sempre o caracter dos jesuitas. Considere-se attentadamente este verso :

Non gentem imperio, sed religione tenemos.

VANIER, *Sup.*

40. O padre Lourenço Balda foi hum dos cabeças mais tenazes e que mais animava os Indios á rebellão.

41. Os jesuitas da America não eram tão escrupulosos como affectavam ser os da Europa. Era bem facil distinguir nas aldeias as Indias, que gozavam do favor dos padres. Da mesma sorte se distinguiam muito bem, entre os outros, os rapazes da familia. Na Asia era o mesmo. Leia-se a carta do bispo de Nankim a Benedicto XIV.

42. *quem candida Dido*

Esse sui dederat monumentum, et pignus amoris.

VIRG. *Æn. Lib. V.*

43. *Guaçu* na lingua dos Indios quer dizer *grande*. Alguns Indios mais soberbos ajuntam esta palavra ao seu nome, que fica soando desta sorte, entre elles, como sóa entre nós Carlos *magno*, Alexandre *magno*, etc.

44. Com esle nome o traz Marcgr. Bras. 242. Veja-se Linæ. System. Natur. Amphibia, Reptilia, Draco I.

45. Ainda que os padres tinham armado os Indios, e feito quanto podiam para os disciplinar, com tudo estavam bem longe de poder resistir ás tropas regulares. Era necessaria muita crueldade para entregar aquelles miseraveis á morte só por ambição, e por capricho.

46. E' dito por hypothese.

47. Quanto a miudo os jesuitas se sirvam de semelhante expediente nos casos mais apertados, só opode ignorar quem nunca leo a historia A morte imprevista de Innocencio XIII, quando estava de todo resolutõ a pôr cobro nas desordens dos jesuitas, ainda não houve quem pozesse em duvida ser obra dos mesmos. A mesma sorte teve o cardeal Archinto. Em Roma é cousa publica, que o cardeal Passionei morreo de *accidente jesuitico*. Este incomparavel purpurado dissera alguma vezes que esperava ter o gosto de vêr, antes da sua morte, a total extincção da companhia. Os jesuitas tiveram o orgulho de fazer-lhe este epitaphio : *Dominico S. R. E. Card. Passion S. J. superstes*.

48. Os Indios davam-se inteiramente a superstições, e tinham não só por verosimil, se não por certa quanta extravagancia se pode imaginar nesta materia : viviam na mais crassa ignorancia. Não lhes era licito saber mais do que aquillo, que podia servir de utilidade á companhia. Toda a doutrina, que lhes ensinavam, se raduzia a atemorisa-los com o inferno, senão obedecessem em tudo, e por tudo aos seus *santos padres*.

49. E' notorio quanto os jesuitas abusaram, e pretenderam servir-se da calamidade publica para consternar os povos, e reduzil-os aos seus perniciosissimos interesses. De sorte, que a não ser a serenidade de animo do nosso amabilissimo monarcha, verdadeiramente imperiturbavel, e a constancia do seu illuminadissimo ministerio, ficava para sempre Portugal sepultado nas ruinas de Lisboa.

50. Providencia sobre o terremoto.

51. Desentulho da cidade.

52. Reedificação de Lisboa, devida inteiramente á grandeza do coração de sua magestade, e ao incansavel espirito do illm.º e exm.º sr. conde de Oeiras.

53. A marinha real no florentissimo estado, em que a vemos, não é a ultima gloria deste felicissimo reinado; gloria que se deve principalmente ao zelo do illm.º e exm.º sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

54. Não feita no Rio de Janeiro, governando o illm.º e exm.º sr conde de Cunha, embutida de peregrinas madeiras de diversas cores, obra muito rara, e admiravel no seu genero.

55. Só a posteridade poderá justamente avaliar esta acção, que será sempre a mais brilhante entre todas as do nosso, tão applaudido ministro. Sem se fazer este passo, já mais poderia o reino sahir da ignorancia, em que o tinham.

56. Por aquelle famoso interdicto de Paulo V, os jesuitsæ, que em umas escabrosas circumstanicas queriam ter dá sua parte a curia sahiram de Veneza, onde finalmente depois de meio seculo tornaram a entrar. Parece incrível que os senhores Venezianos se tenham esquecido totalmente desta acção.

57. Quando o auctor escreveu estes versos estava bem longe de imaginar que a maior parte do que nelles se contém se havia de cumprir em seus dias. Temos agora de mais a mais boas espeanças de ver cumpido brevemente o resto.

58. Gabriel de Malagrida, diabolico martyr, que ca deixou a companhia para ultima prova do seu sedicioso e fanatico espirito. O jesuitas espalharam pelos seus devotos em Roma um estampa com esta letra : *V. P. Gabr. Malag. in Portug. pro fide occisus.*

59. Foi relaxado ao braço secular, etc.

60. Os jesuitas, que hoje negam altamente a verdade de factos tam evidentes, que faziam em outro tempo ostentação disto mesmo. O versos seguintes são do já citado jesuita *Vanier* na digressão a respeito dos Indios do Paraguay. *Præd. rust. XIV.*

..... arma, ducesque paratos
Semper habent, Martisque truces formantur in usus
Hæc operum requies, sacris jam rite peractis,
Timpanaque, et lituos festis audire diebus,
Et peditum turmas, equitunque videre sub armis.

61. O marechal D. Miuel Angelo de Blasco engsenheiro do mór reino.

62. Balda.

63. Reed. Ericú mal. 2 p. 53, t. 31. Veja-se Linæ. *Spesies plantarum*. Pentandr. Monog.

64. Este retrato é tirado ao natural de um leigo da companhia que o auctor conheceo.

65. Os Indios viviam na maior miseria, e apenas tinham as cousas necessarias absolutamente para a vida. Os padres, porém, viviam todos na abundancia, e tinham jardins deliciosos, onde recolhiam os espiritos cançados de trabalhar no vinha do Senhor.

66. Cleopatra.

67. Os nossos ainda conseguiram salvar o templo, do qual se remeteo a planta, e o prospecto a sua magestade. Os padres tinham mandado despedaçar as imagens e reduzir a pequenas partes o sacrario

68. O general não se podia peisuadir que os riquissimos ornamentos tivessem sido bordados naquelle paiz, até que se lhe mostrou um que foi achado juncto á sacristia ainda imperfeito no tear.

69. As façanhas dos jesuitas não estavam sepultadas só no Uruguay- Quem se admirar da pintura deste templo, considere attentamente a que elles tem na igreja do seu collegio romano, e na da casa profana, que com estar cobertas da mascara da religião, não deixam de ser ainda mais soberbas, e insultantes.

70. Henrique III assassinado por Fr. Jacques Clemente. Quem ha que ignore quanta parte tiveram nisto os jesuitas? E' publico o processo do P. Guignard, e quanto a companhia defende ainda hoje este seu digno filho. Vejam-se os seus auctores, e por todos o Juvency.

71. Na morte de Henrique IV soube-se esconder melhor a mão jesuitica; mas não se soube esconder nas duas occasiões antecedentes, em que se tinha intentado o mesmo parricidio. O padre Varade superior da companhia em Paris, foi quem desencaminhou ao misera vel Barriere : levou-o ao seu cubiculo, deitou-lhe a sua benção, con fessou-o, deo-lhe depois a communhão, etc. Os jesuitas do collegio de Clermont, e na sua igreja de S. Antonio, por meio de praticas, conferencias, meditações, e exercicios espirituaes corromperam o espirito de Chatel.

72. Tragam-se á memoria a tarde de 5 de janeiro, e a noite de 3 de setembro tão funestas para a França e Portugal, e que podiam cubrir de luto estas duas monarchias.

73. O throno da companhia está em Roma. La é o centro do seu poder. Alli recebe o seu geral os avisos do que se passa em todas as partes do mundo : e dalli com o maior despotismo envia as ordens ao fim da terra. Exterminal-a das outras provincias é fazer-lhe guerra pela rama : é necessario cortar-lhe a raiz. Ora os thesouros das duas Indias ajudavam muito a sustentar o credito dos jesuitas em Roma. Afortunadamente as presentes disposições todas annunciam a proxima total extincção daquelle corpo.

74. Os jesuitas em Portugal eram chamados os apóstolos : e escrupulosamente observavam a exterioridade do *misit illos binos*.

75. O rio das Amazonas por uma bocca de oitenta leguas sahe, encanado com tal força, que lança muitas leguas ao mar agua doce.

76. Os jesuitas até se jactam nas suas historias de ter descoberto a origem do Nilo.

77. Não ha palavras, que expliquem bastantemente a sujeição, em que viviam aquelles Indios. Vejam-se os fragmentos das cartas dos conde de Bobadella citadas na *Republica*, etc.

78. Os jesuitas do Brasil tinham uma fragata magnifica, em que o provincial sahia todos os annos a titulo de visitar a provincia; porém na realidade era a que fazia a maior parte do commercio que aquelles portos tem entre si. Em quanto a fragata recebia cargas estavam ociosas todas as outras embarcações; sendo os fretes daquella mais caros, a titulo de ir a fazenda mais segura. Ora os jesuitas nas al fandangas nunca pagaram direitos. O seu lucro era immenso. Para se conseguir melhor este fim, espalharam pelo povo uma prophecia do seu padre Anchieta, que aquella fragata nunca se perderia. Encalha

ram-na finalmente, e fizeram outra, que custou cincoenta mil crusa, dos. E sendo-lhes necessario perpetuar aquella sancta impostura mandaram pregar na nova algumas taboas da velha; e persuadiram aquelles bons negociantes, que bastava aquella parte para communi-car a virtude ao todo. O auctor vio muitas vezes esta fragata, e entrou nella. Trazia flammula, e bandeira com a insignia da companhia; tinha de mais a mais excellente artilheria. Ao entrar e sahir dos portos recebia todas as honras que se fazem ás náos do rei.

79. Os jesuitas da China no anno de 1645 aproveitaram-se da divisão daquelle grande imperio, entre os dous pretendentes, para o entregar ao Kam dos Tartaros. Foram em premio elevados á dignidade de mandarins, e ornados com os ricos vestidos e collares, que se podem ver na estampa, que nos deixou o P. Bonani no *Catalogo dos religiosos* etc.

80. E de mais a mais, o servirem-se, para nomear o verdadeiro. Deos, das vozes *Tien, Ceo, e Xamti*, supremo imperador : e fazerem certas oblações aos seus defuntos.

81. Sacerdotes da China.

82. E bem apezar della, que em fim cansou de lutar por mais de um seculo com a animosidade dos jesuitas. O fruto, que se tirou dos decretos das sagradas congregações publicados em 1645, foi o que Monsig. Maigrot em 1693, o cardeal de Tournon em 1704, Clemente XI em 1710, Benedicto XIII em 1727, Clemente XII em 1734, Benedicto XIV em 1742. Com tudo isto ainda hoje não cessam de repetir que são a guarda pretoriana do Papa; e o mais é que fallam verdade :

*En ses Pretoriens Rome eût autant des traitres,
Ils marchandent l'Empire, et tui donnaient des maitres.*

Le Philosophe de Sans-Souci dans l'Épître à Darget.

83. Confucio.

84. *Quatia forte dotent dites Orientis ad oras.*

..... erepta..... sibi regna ...

VANIER. SUPR.

85. Os jesuitas com as suas restricções mentaes não duvidaram ao principio calcar o crucifixo, por não perderem aquelle riquissimo commercio. Quem quizer fazer conceito da extensão desta e de outras curiosidades nesta materia, lêia as viagens de Mr. Duquesne mandado por Luiz XIV ás Indias Orientaes. Tom. III, pag. 81.

86. Os Padres Garnet e Oldecorne, réos convictos e confessos da conjuração da polvora.

87. Veja-se a *Deducção Chronologica*; obra que servirá de época á restauração das letras em Portugal; monumento de zelo e de fidelidade.

QUITUBIA

Faccia pompa d'Eroe l'Africa encora.

Melastasio.

Tu, Deosa de cem bocas, que nos pintas
As ondas do Mar Negro em sangue tintas,
E o Niester incerto, e irresoluto
Sem saber a quem pague o seu tributo,
Eterno assumpto de doiradas liras;
Agora que dos Reis³ dormem as iras,
Teus olhos sobre a escura Africa estende;
Depois, alada Deosa, os ares fende,
E entõa, ao som de barbara trombeta,
O forte Capitão da⁵ Guerra Preta.
Esforçado⁴ Quitubia, o Téjo sabe
Quanto valor dentro em teo peito cabe.
Herdaste de teu Pai o nome, e o brio
Que foi terror do perfido Gentio :
Fez-lhe sentir da nossa espada o pezo;
E levando nas mãos o raio acezo
Queimou⁶ a Corte da⁶ feroz Rainha.
Mas tu ganhaste, alem dos que elle tinha,
Novo direito á immortalidade :
He teo brazão a tua lealdade.
O titulo, que tens, deo-te a victoria :
C' o teo sangue compraste a tua gloria,
Que ainda que essa côr escura o encobre,
Verteste-o por teo Rei; he sangue nobre.
Em vão⁷ o Pai te quiz ás letras dado :
Estava o bravo⁸ Encogy acastellado
No fragoso rochedo ao Ceo vizinho,
Qual Aguia pendurada do seo ninho;
Quando a córagem, que teu peito encerra,
Gritou a teus ouvidos guerra, guerra.

Fugiste a Paz, correste aos inimigos;
 Foste buscar a gloria entre os perigos :
 Nem tornaste sem ver sobre ruinas
 Tremular na alta Pedra as Lusas Quinas.
 Depois atravessando o negro mundo,
 Duas vezes do incognito Balundo
 O Sertão penetraste valoroso :
 Lá he que nasce o⁹ Gangu tortuoso,
 Que desce até perder no¹⁰ Cuanza o nome,
 Aonde o ¹¹ crocodilho os pretos come.
 Tentaste então, em guerra trabalhosa,
 A barbara Quiçama sequiosa;
 Terra vil, de tostados horizontes,
 A quem negou o Ceu rios, e fontes :
 Mas no ventre das¹² arvores sombrias
 Resguardam do calor as agoas frias
 Da chuva, com que mal se apaga a sede,
 Que a ti, e aos teus ir mais avante impede,
 Apenas da fadiga descansado,
 Para diversa empreza nomeado,
 A estrada do valor de novo trilhas :
 Lá te vejo abraçar as ferteis¹³ Ilhas,
 Que a Cuanza em torno serpeando lava
 Que inda que as defendia gente brava,
 Evitar não poderão a ruina,
 Que a dura Lei da guerra lhes destina.
 Já passavas os dias em socego,
 Quando os réos Dembos, com orgulho cégo,
 Rompem a guerra : a Guarda retrocede;
 E soccorro, e vingança a hum tempo pede.
 O grande General te chama, e ordena
 Que os Dembos desleaes paguem a pena,
 Tu levantaste a voz, e o braço invicto :
 Conhecerão os Povos o teu grito;
 Longe de si o vil terror sacodem :
 Os Valentes de Ambaça á guerra acodem;
 Ambaça¹⁴, que teu Pai regeo um dia;
 Que rega da Lucalla a enchente fria :
 Pelas margens cubertas de palmeiras
 Vem terçando a azagaya as mãos guerreiras
 Arma os Valentes seus com igual brio

Combambe ao longo do espraiado rio,
 Que cercão verdes, debruçados ramos;
 Largo passeio dos¹⁵ hippopotamos.
 Já d'entre tanto arco, e frexa tanta,
 O Mancebo¹⁶ Cabôco se adianta;
 O valor pelos annos não espera :
 He timido inda mais que brava féra,
 E he seu direito, em que ninguem o iguala,
 Ser quem primeiro exponha o peito á bala.
 O Bengo, que se humilha ao Gram Tridente,
 Da arenosa Loanda a praia ardente;
 Massangano, que a¹⁷ prumo o Sol recebe,
 E que da Cuanza, e na Lucalla bebe;
 Todos á causa publica concorrem;
 E Moxima, e Calumbo ás armas correm.
 Já perdido de vista o patrio¹⁸ Pungo,
 Cortavas as campinas de Golungo;
 Já longe estava a gente valorosa;
 Quando instruido em guerra cavilosa,
 Com temerario pé pizando as raias
 O¹⁹ Mossulo c'os seus, cobrem as praias,
 Ea Capital assustam, pondo logo
 Toda a margem do Bengo a ferro, e fogo.
 O impavido Barão, que tanto pôde,
 Arma o resto da gente, e a tudo acóde.
 Tu passas sem que a nobre ira se abrande,
 O turvo Zenza : o emaranhado Dande;
 E vencedor dos asperos caminhos,
 Lhes vás fazer a guerra nos seos ninhos.
 Nem os²⁰ rebeldes Dembos te esperáram,
 Que as casas com a preza abandonáram.
 Hum frio susto o peito lhes congela,
 Vendo diante a morte, e a causa della.
 A vida vão salvar nas suas brenhas;
 Outros se acolhem ás nativas penhas;
 Cahe a idade innocente, a curva idade :
 Ah que eu sinto gemer a humanidade !
 Põe de balde a razão á ira o freio.
 Correndo vai a Mai c'o Filho ao seio;
 Não vê o precipicio, e o tem diante.
 Tu ordenas, e ficam n'hum instante

Os fructiferos troncos escachados;
Os toscos edificios arrazados;
E em severo castigo de seo erro
Devora a chamma o que escapou ao ferro.
Com o exemplo aterrada a infiel gente,
E Africa assim²¹ submissa, e obediente,
Já o illustre Barão, c'o a espada ao lado,
As vélas solta para o Téjo amado.
Tu com elle nas azas vens do vento,
Té ver fugir de instavel elemento
Com a frente torreada a gram Lisboa,
De quem tão alta fama ao longe sôa.
Que ha muito teu sensivel peito encobre
A ancia que tens, e o pensamento nobre
De ver inda uma vez na Patria bella
A alma grande, que viste longe della :
E que te fez sentir na adversidade
O raro dom do Ceo, doce amizade,
Que une as distancias, e que iguala as sortes,
Mais seguro nos bosques, que nas Cortes.
Nas mãos lhe achas as redeas do Governo.
E o mesmo coração, e peito terno :
Lagrimas doces, lagrimas saudosas
Viste cahir das faces generosas
De quem olhou constante, e resolutu,
Para a desgraça com o rosto enxuto :
Quando o viste maior foi na desgraça,
Com a poderosa mão te ergue, e te abraça,
E te encaminha aos pés do Throno Augusto.
Gozaste então entre prazer e susto,
Quanto a tua alma suspirado tinha.
Tu viste com teus olhos a Rainha
De seus Povos felizes adorada :
Tu puzeste a seus pés a invicta espada :
E cheio do respeito mais profundo
Beijaste a mão, que faz feliz o Mundo :
Ouviste o doce som da voz suave,
Que tem dos nossos corações a chave.
Porém leva gravado na memoria,
Que ao contar as batalhas, e a victoria;
Os crueis golpes; as mortaes feridas;

As cabeças dos corpos divididas,
E em sangue, e pó revoltos os cabellos;
Tu viste enternecer seus olhos bellos,
Não pôdes desejar honras maiores,
Firmou a Mão Real os teus louvores :
Declarou que se dá por bem servida,
Unico preço, por que arrisca a vida
Nação leal de gloria cobiçosa.
Agora torna aos teus : chama-te a esposa,
Que com agudos ais rompe o ar denso,
E estende os olhos pelo espaço immenso,
Contando os longos dias da saudade :
A razão, e o dever to persuade;
Torna aos teus, que te esperam cuidadosos,
Que á guerra te seguiram valorosos;
Mostra-lhe o premio, que a virtude anima :
Conta da bella Europa o doce clima;
Os usos, os costumes differentes,
Cheios de inveja os Souvas teus parentes
Na Corte o ouvirão da Real Tia.
E emquanto a Augusta, a Immortal Maria,
Manda do alto do Throno em paz, em guerra,
Seus raios, e seus dons ao fim da terra;
E com a vermelha Cruz te adorna o peito,
Com este loiro a tua testa enfeito.

NOTAS DO POETA

AO « QUITUBIA »

1. Foi escripto no mez de Novembro de 1791.
2. A Paz geral.
3. Este é o seo Posto, e assim se intitula.
4. He o seo nome de Guerra : quer dizer fogo ; o seu nome de baptismo Domingos Ferreira da Assumpção. Assim mesmo se chamou seu pai, que governou o presidio de Ambaca. E o mesmo nome teve já seo avô, que depois de obrar, proezas na guerra, foi o primeiro da sua côr, que disse missa no Presidio das Pedras.
5. Nas guerras, em serviço da Coroa, contra a Rainha Ginga sua tia. E obrigou-a a retirar-se, e passar para a outra parte do Rio Vhamba, e a pedir paz em 1744.
6. A Rainha avó desta chama-se D. Veronica; mas o seu nome é D. Bengue.
7. Na sua mocidade applicou-se aos estudos na Capital de São Paulo de Loanda : mas apenas se preparou a primeira expedição deixou os livros, e foi guerrear.
8. Potentado, a quem conquistamos a pedra, ou serra, que conserva o seu nome. Hoje é bom vassallo da Coroa com outros dous potentados, seus vizinhos, o Ambuella, e o Ambuila.
9. Rio, que vem do Sertão de Benguella.
10. Rio bem conhecido, que entra no mar ao sul da capital de Angola.
11. Guandu na lingua do paiz.
12. Estas arvores chamam-se embondeiros : algumas são tão corpulentas que doze homens não as abração. A casca é grosseira, e dura; o resto é tão brando, que com facilidade, e com qualquer instrumento se deixa cavar. Os negros fazem-lhe huma abertura pelo alto, e entrando dentro, lhe extrahem por ali quasi todo o interior. Naquella vasta cisterna depositam toda a agoa, que podem recolher da chuva, que deste modo conservão fresca, e saudavel, nem ha outra no paiz : a vegetação não só não padece, mas prospera, e a arvore cobre-se toda de folhas, de flores, e de fructos, que se assemelhão a confeitos.
13. Pertencem á Rainha Ginga.

14. Rio, que vêm das terras da Rainha e entra na Guanza.

15. Na lingua do paiz Guvo.

16. Souva Moço, que mostrou muito valor na guerra.

17. Esta fraze em rigor não designa só Massangano ; mas poeticamente exprime o effeito do calor, que é alli tão intenso, que succede muitas vezes incendiarem-se os tectos. Os moradores, em certos tempos, tem sempre agoa sobre elles.

18. Pedra mais alta que as outras, que se deixa ver de uma grande distancia. O primeiro Capitão Mór das Pedras, posto por Sua Magestade, foi Simão Dias.

19. O Dembo, que se propôz fazer diversão, e atacar a capital; e que se chegou para nós ao longo do mar até o Bengo ; intitula-se Marquez de Mossulo.

20. Forão o Quinguengo, e o Nabua Angongo, ambos d'além do Dande.

21. O Capitão Mór da Guerra Preta, que ficou na ausencia do valoroso Quitubia, é Luiz Gonçalves Vaz, seo discipulo na arte da guerra, e que faz honra ao mestre, sem ter a estatura do primeiro, tem todo o seu valor, como hem mostrou no caminho Encogy.

A DECLAMAÇÃO TRAGICA

POEMA DEDICADO A'S BELLAS ARTES

Theatris
Fundamenta locat scenis decora alta futuris
Virg. *Æneid.*

Tu, qu'os costumes nossos melhor que ninguem pintas,
Ensina-me o segredo, com que dás alma ás tintas.
Empresta-me as imagens, a quem dão vida as cores,
Quadros, que a tua mão quiz, semear de flores.
Tu nos deixaste as leis dos numeros diversos,
Despreaux, eu canto a Arte de recitar os versos
A Dama, qu' em teos muros, magnifica Lisboa,
Espera ornar a fronte co a tragica coroa,
Se quer qu' em seos louvores o povo se disvêl
Estude o que é theatro, antes de dar-se a elle.
Aprenda a magoar os insensiveis peitos,
E saiba da sua arte as regras e os preceitos.
Deve pensar, sentir, ou a balança justa
Do povo ha d'ensinar-lho um dia á sua custa.
A Corte lhe promette conquistas de mil almas,
E para a nobre testa pronta lhe offerece as palmas.
Do publico o bom gosto segura-lhe a victoria,
E abre-lhe um caminho mais facil para a gloria.
Lê nos turbados olhos do seo triumpho effeitos
Tem no theatro um throno, reina nos nossos peitos.

Vós, que buscaes a gloria, não procureis atalhos,
O placido descanso é filho de trabalhos;
Pizai o ocio vil, que flores tem por leito,

Exercitai a voz, e cultivai o peito.
 Lede no coração, sondai a natureza,
 Sabei as doces frases da lingua portugueza.
 Luzir não póde a dama, que a sua lingua ignora,
 A' pezar dos thesoiros, que espalha quem a adóra.
 O povo assim que a vê começa a assobiar :
 Para falar em verso, convem saber falar.

Julgai á sangue frio, e examinai por gosto
 Que paixões, que character exprime o vosso rosto.
 Nello não de respirar as iras, o furor,
 E por seo turno a raiva, o odio, a ambição, o amor.

Talvez a enternecer-nos vosso dezejo aspira?
 Fazei com esses olhos, qu' eu na feliz *Zaira*
 Veja a cruel batalha de hum peito generoso,
 Que perde as esperanças de vir a ser ditoso :
 Quando banhando as mãos do Pae, a quem adóra
 Prefere ao seo amante um Deos, que aind' ignora.

Nos papeis furiosos quereis levar a palma?
 Pinte o terror dos olhos toda a desordem d'alma :
 Seja funesta a voz, horrendo e incerto o passo :
 De vosso rosto o povo leia no breve espaço
 Projectos horrorosos, que fórma u' alma impia;
 E apenas vós sahis, em vós veja *Atalia*
 Que sobre si já sente a mão, que chóve os raios
 Cercada de remorsos entre crueis desmaios.
 Uni, se é que quereis arrebatat-nos logo,
 A um medonho aspecto, um coração de fogo.
 O publico, embebido co' a tragica grandeza,
 Olha p'ra o vosso estado, não olha p'ra belleza.

Estatuas, sobre tudo, Melpomene aborrece,
 Em cujos frios rostos paixão não apparece.
 Cheias d' affectação seos insensiveis peitos
 Com arte dão suspiros, chorando fazem geitos.
 A Dama presumida, estuda o dia inteiro
 Um brando mover d' olhos ao vidro lisongeiro.
 Vai um por um dispondo, por symetria, os passos,
 E aplaude ao movimento dos vagarosos braços.

Do vidro que t' engana, não sigas o conselho,
 Busca, que dentro d'alma tens o melhor espelho.
 Defronte dos cristaes, que adulam a vaidade,
 Não, a razão não julga : quem julga é a vontade :
 Porque feições alhêas, por obra do artificio,
 Vos formam da belleza o magico edificio;
 Co' a roupa fluctante azul, e cor de rosa,
 Cuidaes que fingis Venus, ou Pallas magestosa?
 Não vedes que a soberba vos allucina e céga?
 Voss' alma por ventura toda jamais se entrega?
 Os vossos olhos mortos nunca disseram nada?
 Moveis-me ao pranto ainda de lagrimas banhada?
 Mas vós continuaes com um doce sorriso !
 Assim, assim na fonte se contemplou *Narcizo*.

Dentro do vosso peito é que podeis achar
 A arte d'internecer, e o modo de agradar.

Depois de um longo estudo de um dia e de outro dia,
 Sahi, o vosso genio vos servirá de guia.
 Já o casquilho louco, que é de si mesmo amante,
 Chega, desaparece, torna no mesmo instante;
 Inficionando o ar co' almiscar, qu' em si deita,
 O serio magistrado s'inteza e s'indireita.
 O grosso negociante, que o ler tem por desdoiro,
 Todos os desejos comprando á pezo d'oiro.
 Pende de vossa boca no curvo amphiteatro :
 Fica a platea attenta co' os olhos no theatro,
 Por vós é que s'espera : está tudo em segredo;
 Olhai p'ra multidão sem enfiar de medo.

Mas nunca os vossos olhos doces e encantadores
 Pareçam que mendigam do publico os louvores.
 Desdenha esse artificio o publico arrogante,
 Zomba da namorada, honra a representante.

Entrando, o vosso andar simples e magestoso,
 Offreça aos nossos olhos hum ar imperioso.
 Conforme á agitação seja tambem diverso :
 Rapido ou vagaroso, como o pedir o verso.

Que sem affectação na encantadora sala,
 Imitem as acções tudo o que a lingua fala.
 Cuidai em reprimir-lhe o excesso tão sómente,
 Que sirvam as paixões de interprete eloquente.
 Não posso ver as mãos, que do seo sitio sahem,
 Êrguem-se por engonços, e por engonços cahem,
 Por isso as scenas mudas querem estudo á parte
 São como que o triumpho, e o complemento d'arte.
 Êntão é que o talento chêga á maior altura,
 A gloria das acções é toda da figura.

As vossas narrações mostrem o interno fogo,
 O publico impaciente quer tudo saber logo.
 Perca-se embora o verso, mas vagaroso e lento
 Da timida platea não canse o soffrimento.

Quem quer que um doce engano cause o maior deleite,
 Ao severo costume convem que se sujeite.
 Rio-me da figura, qu' indigna do seo posto,
 Sacóde o jugo, e traja como lhe pede o gosto,
 E que é tão atrevida, que por empreza toma
 Varrer com hum donaire o pó d'antiga Roma.

Fóra do seo lugar não affecteis riqueza :
 Olhai para o papel, segui a natureza.
 Representaes *Electra* nos criminosos lares?
 Lembrai-vos que é cativa, que vive entre pezares.
 Não brilhe a sua testa, não resplandeça o manto,
 Não soffre alegres cores rosto que offusca o pranto.
 O povo que vos julga, e que examina os erros,
 Não quer de vós rubins, quer tão sómente ferros.

Abri a antiga historia, ali vereis dispersas
 Pelos diversos climas trinta nações diversas
 Êxaminai-lhe os gostos, a inclinação, os Numes,
 Quaes erão seos vestidos, as artes— e os costumes.

A Fabula engenhosa— que uteis enganos tece,
 Todos os seos thesoiros liberalmente offrece.
 Ali é que a verdade, que ornatos vãos repróva
 Sendo no fundo a mesma, sempre parece nova.

Aqui encontraes *Dido*, que á pena não resiste;
 Seo rosto descorado sobre uma nuvem triste.
 Forceja o rôto peito luctando com a morte :
 Levanta-se trez vezes, e cahe da mesma sôrte.
 Seos olhos, que expirando guardam de Amor a chamma,
 Parece qu'inda pedem aos Ceos o Heroe qu'ell'ama
 Chóra de dor e d'ira : só com suspiros fala,
 Procura a luz do dia : geme depois de achal-a.

Niobe mais alem, mulher soberba e ousada,
 A mãi mais atrevida, e a mãi mais desgraçada,
 Os filhos uns sobr'outros, os filhos seos amados,
 Que vista dolorosa ! de settas traspassados,
 A' força de sentir, parece que não sente,
 O rosto descahido, olhando fixamente,
 Muda ficou; as magoas n'ella poderam tanto,
 Que se secou nos olhos a fonte do seo pranto.
 A'quele seo silencio nenhuma voz iguala,
 A voz da natureza no seo silencio fala.

Quereis que uma rainha, que tem comsigo guerra,
 Que traz no rosto os crimes, que vê rasgar-se a terra,
 Que a roupa e todo chão vê do seo sangue asperso,
 Ne ultimo suspiro dê a pancada ao verso?

Quereis que uma donzella, que creio em fé perjura
 Afflicta abandonada no horror da noite escura,
 Gritando se resolva ao temerario effeito,
 Que se lembre da Arte, quando traspassa o peito?

Rainha, que o theatro por breve tempo adóra,
 Esse orgulhoso fasto não conserveis cá fora.
 Deixai na scena o sceptro, a raça illustre e nobre,
 E a pompa, que a meos olhos vos rouba e vos encobre.

Tirou, dentre ruinas, *Ferreira* a Apollo acceito
 A pallida tragedia, com hum punhal no peito.
 Os velhos seos altares, junto do Tejo erguidos,
 Cobrio arêa e herva. Ainda mal cingidos
 (Seculos infelices, e tanto em fim podestes?)
 Murcharam sobre a frente os funebres ciprestes.

Apareceo C*** a voz, que move e encanta,
 O corpo sobre o braço Melpomene levanta.
 A ignorancia, a inveja, chorem de dor e d'ira;
 E' ella, eu ouço, eu vejo a timida *Palmira*,
 Que aos pés do velho pae, inda constante e forte,
 De um crime involuntario pede em castigo a morte.
 Ah ! Quando ao ver o Irmão nos ultimos desmaios,
 Lança do peito fogo, lança dos olhos raios,
 O' alma grande e rara, eu mesmo, eu mesmo o vi,
 O Genio de *Voltaire* erra ao redor de ti.

Mas eu dou-vos lições inuteis, e infleis,
 E a minha Musa irada arroja os seos pinceis;
 Se elles vos-não infundem soberba, que se estima,
 Soberba creadora, fogo que nos-anima,
 Não, não temais a afronta do publico insolente,
 Abrio, abrio os olhos á Lusitana gente.
 Se já vos-chamou vis, chóra de tel-o feito;
 Não, não despreza as artes, que adora no seo peito.

Eu sei que hum sabio illustre, a quem venera a Fama,
 Um que aborrece o mundo, e o mundo todo ama,
 Do seo retiro aonde móra a verdade nua,
 Troveja sobre vós com a eloquencia sua :
 E no seo ocio triste, cercado de desgostos
 Quiz corromper com fel todos os nossos gostos.
 Eu tremo, e a minha Musa por mais que se disvele
 Respeita este Demosthenes, inda queixosa d'elle.
 Mas contra as suas iras vos devo consolar;
 Um sabio em fim é homem, podia se enganar.
 Se elle de todo o mundo forma uma imagem feia,
 Nós porque não faremos uma formosa idea?

Dos credulos humanos, censores rigorosos
 Para que é ter inveja do que nos faz ditosos?
 Deixai-nos esta ao menos fantastica belleza :
 Um engenhoso engano adorna a natureza.
 Roubar-nos dos talentos os dons encantadores,
 É despojar a terra de fructos e de flores.
 Sabei pois rechassar seos frivolos intentos :
 Lá vão os seos queixumes levados pelos ventos.

Elle assim mesmo austero, bem pode ser vencido,
Fazei-vos estimar, e tendes respondido.

Lá n'uma região a nós desconhecida,
Sobre uma nuvem alta de purpura vestida
Levanta aos ceos um templo a soberba faxada.
Com temerosa mão prohihe o genio a entrada
A criticos pedantes, estupidos autores,
Que em vão forçar pretendem do seculo os louvores.
Mostra-se ali sem veio a candida verdade,
N'este palacio habita a immortalidade.
A preocupação, a quem o vulgo incensa,
Sem mascara, bramindo lhe fuge da presença.
As palmas, que das artes são premios verdadeiros,
S'enlaçam orgulhosas có as palmas dos guerreiros.
Neste lugar *Virgilio* passêa igual a *Augusto*,
Homero ao pé de *Achilles*, não sente horror nem susto.
Mistura a terna *Sapho* ornada de mil flores,
As murtas amorosas aos loiros vencedores.
Ovidio ali parece que *Julia* a amar ensine,
Champmeslé inda chora nos braços de *Racine*.
A irada *Lecouvreur* desgrenha a trança bella,
Para *Corneille* attento, e fixa os olhos n'ella.

Vós outras, a quem cinge Melpomene de flores,
Tendes assento ao pé dos immortaes autores;
Da horrivel *Dumesnil* o tempo não consome
Junto ao de *Crebillon* com sangue escrito o nome.
Clairon, a quem nenhuma se pôde comparar,
Poz junto de *Voltaire* a gloria o seo lugar,
Preparam lá triumphos para *C**** bella
Assim não se resolva á recebel-os ella.
Que magoas causaria o caso 'seo fatal!
Perdiam muito os homens se a vissem immortal.

ODES, CANTOS
E
POESIAS DIVERSAS

AS NUPCIAS

DE

D. MARIA AMALIA DE CARVALHO E MELLO

Epitalamio offerecido ao marquez de Pombal

1

Nimpha d'esta aspereza ao Ceo visinha,
Cingi-me a fronte de arrojado loiro :
Torne a correr a mão cansada minha
Com plectro de marfim as cordas d'oiro;
Ouça dos sete montes a Rainha
Ouça o Danubio, o patrio Tejo e o Doiro,
Amor na minha cythara se esconda,
E Amalia, Amalia o ecco me responda.

2

Vejo cisnes de pennas prateadas
Trazer do Ceo sobre o fecundo leito
Fitas de roza no pescoço atadas
Estrellas d'oiro no encrespado peito
Ja dão caminho as nuvens envolvidas,
Ja sente a terra o amoroso effeito :
Deixa rastros de luz no ar, que trilha
A bella Deosa das escumas filha.

3

Vem, ó Santo Hymineo, desce dos ares
 Coroado de lírios e de rosas,
 Rodêem teos purísimos altares
 Do Tejo as mansas aguas vagarosas,
 D'estes bosques os Deuses tutelares,
 Ornando as tranças negras e formosas,
 Irão co' as nuas graças e os amores
 Pelo chão espalhando as brancas flores.

4

Esposo afortunado, em quem tem posto
 A patria as suas doces esperanças,
 No meio dos aplausos e do gosto
 Ah ! conhece o que logras e o que alcanças.
 A fortuna, que a tantos vira o rosto
 Te pôe na mão as fugitivas franças,
 Premio do teo amor, a deusa cega
 Quanto te pode dar tudo te entrega.

5

Estas faces mimosas e serenas,
 A boca onde se forma o doce encanto,
 Causa de tanto susto e tantas penas,
 Os olhos que enche o vergonhoso pranto,
 A garganta de neve e de assucenas
 Tão desejada e suspirada tanto :
 Olha os signaes da doce magua sua,
 Alma feliz, esta belleza é tua.

6

Entra, Esposa immortál, de amor no Templo,
 Dá á Patria que te ama, e se disvéla
 Doces fructos de amor, eu os contemplo
 Successão numerosa illustre e bella;

Que siga os passos, e o paterno exemplo,
E se deixe guiar da sua estrella,
Que de fortes leões leões se geram,
Nem os filhos das aguias degeneram.

7

Se ameaçando a Europa injusto irado
Vai Frederico da victoria certo,
Vês o Heroe do teo sangue em campo armado
De pó, de fumo, e de suor cuberto;
Rotas as plumas do chapeo bordado,
A banda solta, o peito d' aço forte,
Livrando Austria do jugo e vituperio
Suster nos hombros o cadente Imperio.

8

Um dos dous tios do seo rei ao lado
Com o semblante placido e jucundo,
Governa ao longe o Imperio dilatado
Que separa de nós o mar profundo;
Outro gloria da Igreja e do Senado,
A quem a grande Capital do mundo,
Ha muito que magnifica prepára
A purpura, e lhe accena co' a tiara.

9

Não lhe mostres na Patria a estranha terra,
Os antigos illustres que passaram,
Mostra-lhe o grande Avô, em quem se encerra
Quanto os Heroes da antiguidade obraram;
E basta-lhe na paz e em dura guerra
Que se lembrem um dia, que beijaram
A mão, seguro arrimo da Coroa
A mão que da ruina ergueo Lisboa.

10

Quando dos Alpes ao famoso estreito
 A discordia cruel com vario estudo
 Fez armar tanto braço e tanto peito,
 Esta mão nos servio de amparo e escudo;
 Sentio ao longe o lacrimoso effeito
 Da quarta parte novo o povo rude,
 E a foz do rio, e o tumido caminho
 Cedeu com tanto cedro, e tanto pinho.

11

O monstro horrendo do maior delicto,
 Que abortou do seo seio a noite escura,
 Por obra d'esta mão no alto conflicto
 Manchou de negro sangue a terra impura,
 Range debalde aos pés do throno invicto
 A soberba, e debalde erguer procura
 A atterrada cabeça, em que descança
 O duro conto da pesada lança.

12

Quiz erguer a ambição com surdas guerras
 Fantastico edificio, aerias traves,
 Porém geme debaixo d'altas serras
 E tem sobre o seo peito os montes graves :
 Lá vão passando o mar a estranhas terras
 Os negros bandos das nocturnas aves,
 Com a inveja, ignorancia, e hypocrisia,
 Que nem se atrevem á encarar o dia.

13

Já tirar-nos não pode a sorte e o fado
 Esses alegres dias, que estão perto,
 Inda ha de ver a Patria e Reino amado
 O Ceo todo de nuvens descoberto,

Errar no monte sem pastor o gado;
E sem cultura, e sem limite certo,
Ondear pelo campo o trigo loiro,
Imagem da saudosa idade d'oiro.

14

Eu não verei passar teos doces annos,
Alma de amor e de piedade cheia :
Esperam-me os desertos Africanos,
Aspera inculta, e monstruosa arêa;
Ah ! tu fazes cessar os tristes damnos,
Que eu já na tempestade escura e feia...
Mas diviso, e me serve de conforto
A branca mão, que me conduz ao porto.

15

Assim as azas vai ao peito abrindo
E fôrça os mares co'a cançada prôa.
Grave, das cousas que mais prêsa o Indo
A nau, que torna do Oriente e Gôa;
Que as nuvens no horisonte descobrindo
De flamulas se adorna e se corôa,
Vencedora do mar, que lhe faz guerra,
E sauda de longe a amada terra.

ODE

A VASCO DA GAMA

illustre e ousado descobridor da navegação das Índias
Orientaes.

Os bellicosos peitos,
De mil triumphos nunca satisfeitos,
De que são testemunhas
Os illustres brasões que estão pendentés
Nas elevadas frentes,
Vencendo o vento irado e o mar profundo,
Passam a dominar a todo o mundo.
Guerra o Tejo pregoa,
O som vehemente pelos ares soa,
E vê turbada e triste
Que maiores triumphos Lysia somma,
A populosa Roma.
Armas se ajuntam pelo reino inteiro,
Palpita alegre o coração guerreiro.
Ja branqueam as velas
Objecto forte ás horridas procellas,
E o Tejo as crespas ondas
Vaidoso estende pelas longas praias,
Opprimidas das faias.
Da armada entrega o mando glorioso
O rei prudente ao Gama valoroso.

Já vão soltando ao vento
 As fortes náos do bellicoso accento
 Dos castellos respondem
 Sulphureas bocas, treme a terra, e soa
 Gloriosa Lisboa.
 Movem-se as náos que os mares vão rompendo,
 Mil triumphos a Lysia promettendo.

As flammulas nos ares
 Voam, e descem a beijar os mares,
 E o guerreiro valente,
 Que os brancos pannos vê mover na praia,
 Não se turba ou desmaia,
 Antes jura fazer sempre notoria
 Em toda a parte a lusitana gloria.

Vai-se a terra afastando,
 E a grande armada as ondas apartando,
 Quando na lusa praia
 O sacro Tejo a frente levantando
 Alegre e venerando
 Endireitando o collo e a barba espessa,
 Com grave accento assim dizer começa :

« O' fama generosa,
 « Suspende um pouco a trompa harmoniosa,
 « Com que por todo o mundo
 « Giras cantando o nome soberano
 « Do Grego e do Troiano,
 « Volta os olhos verás no mar sagrado
 « Mais digno empenho a teu clarim dourado.

« De Neptuno opprimido
 « Admira pelas praias o bramido,
 « Verás fugir as ondas
 « C'o temor do leão, que adorna a proa,
 « Com a regia corôa,
 « E os ventos esquecidos das procellas
 « Firmar os hombros nas redondas velas.

« Verás que senhorêa
« De Africa inculta a costa negra e feia,
« Verás prostrar por terra
« As soberbas columnas do Thebano
« Com valor mais que humano,
« Ignotas regiões irão surcando,
« Rudes, barbaros povos subjugando.

« Verás com aspecto iroso
« Arrancar da cabeça o louro honroso,
« Com que Lieu se adorna,
« E verás illustrar as praias pobres
« Com edificios nobres,
« Da grande Asia opprimida a maior parte
« Farão turbar de horror ao mesmo Marte.

« Esforça o nobre alento,
« Afina e muda as vozes do instrumento,
« Que na futura idade
« Serás ao som da trompa sonora
« De cantal-os vaidosa;
« Não duvides dos effeitos singulares,
« São Portuguezes os que vês nos mares ! »

ODE

AO CONDE DA CUNHA

primeiro Vice-Rei do estado do Brasil com assento no Rio
de Janeiro.

Outros cantem as bellicas fadigas
Dos vossos immortaes progenitores,
E as victorias antigas
De que são testemunhas
As serpes de ouro e as azuladas unhas,

Que eu das vossas emprezas
Direi alto senhor a menor parte,
E quero ao som da lyra
Ajuntar mais um echo á vosso gloria
Sem abrir os annaes da antiga historia.

Africa inculta e feia
Que estende a varias partes
Fertil de monstros a deserta area,
Illustrada por vós de novos lumes
Aprendeu menos asperos costumes.

Nós vemos restaurado o luzimento
Da tropa militar, as ilhas gemem
C'o peso de seguros edificios
Que encerram no oceano
Todos os raios que forjou Vulcano*

Admira o caminhante
 Nos lugares vizinhos
 Os vistosos caminhos,
 Os jardins odoríferos e bellos.
 E os montes coroados de castellos.

Se inimigos insultos não tememos,
 A vós é que se deve a segurança,
 Vós fazeis sem tardança
 Que as selvas nos marítimos lugares
 Desçam dos montes a povoar os mares.

O robusto madeiro,
 Que nasceu nestes climas quasi eterno,
 Vai ver nos mares o primeiro inverno,
 E abrindo as velas brancas e redondas
 Passa a ser novo habitador das ondas.

Não mais a antiga idade
 Celebre a nao guerreira,
 Que se atreveu primeira,
 Procurando diversos horizontes,
 Perder de vista os montes.

Eu vi que o deos Neptuno se appareilha
 A sustentar nos hombros
 O edificio nadante, que adornado^a
 De pintadas madeiras peregrinas
 Affronta o mar co'as lusitanas quinas

A augusta sombra do famoso tio,
 Que no meio de tanta invicta tropa
 Deu as pazes á Òropa,
 Ao ver nas vossas mãos todo o governo
 Fica vaidosa no descanso eterno.

O vosso illustre irmão ao pé do throno,
 Na soberba Lisboa,
 Atlante da corôa,
 Nas suas mãos encerra
 O arbitrio dos estranhos e da guerra.

Mas vós tendes mais gloria,
Pois quizestes pelo mar profundo
 Dar leis a um novo mundo
 Em remoto hemispherio,
Alma real, dignissima de imperio.

ODE

AO REI DOM JOSÉ I

no dia 7 de setembro de 1765, decimo quinto anniversario
de sua acclamação.

Os resplendores novos
A filha de Hyperion á terra envia,
E o sol brilhando aos portuguezes povos
Traz no adornado coche o claro dia,
Em que o lustro terceiro
Se completa, eis quando enchendo os ares
As vozes populares
Clamar-se ouviram pelo reino inteiro
Real, real, por dom José primeiro.

Ouvio o nome augusto
O rico Tejo, o fertil Douro undoso,
O Minho fresco, o Guadiana adusto,
E o torcido Mondego vagaroso
A noticia levaram
Ao antigo oceano; e emquanto ouvia,
E os fados presidia,
Os indomitos ventos se calaram,
E as nymphas pelas grutas o escutaram.

Sobe principe digno,
Sobe ao throno paterno, e delle ampara
A tua Lusitania; o ceo benigno

Em ti o seu soccorro lhe prepara;
 Se ao som do bravo Noto
 Com increspadas ondas o mar geme,
 Não pode o grande leme
 Regido ser por qualquer nauta indoto,
 Mas só por sabio e provido piloto.

Os pallidos aspectos
 Viram tremer a terra, e do alto cume
 Prostrados pelo chão ns nobres tectos
 Da cidade abrasada em vivo lume,
 Estende a poderosa
 Mão á afflicta Lisboa o rei clemente,
 E a face decadente
 Levantará do estrago mais formosa,
 Qual n'outro tempo a Thebas fabulosa.

Vive da patria tua,
 Amado pai, que os deoses te defendem;
 Por ti o reino indigno se destrua
 Dos negros monstros que a discordia acendem;
 A ignorancia por terra
 Se desterre, e se expulse como escrava
 Do solio que occupava :
 Tu restaura magnifico, e conserva
 Os sagrados altares de Minerva.

Por ti em varias partes
 Se costuma a fortuna a ter propicia
 O mercador pelas lucrosas artes,
 Que Mercurio ensinou aos de Phenicia
 Com a florida cabeça
 A ti de alto ceo Astrea torne
 Sempre o teu lado adorne,
 E claras leis, co'as quaes o reino cresça
 No candido regaço te offereça.

Farás cahir por terra
 Da mão de Marte a espada que as memorias
 Renovar quererá da dura guerra
 Nos peitos esqueridos das victorias :

Tu resistes severo
Ao Hespanhol terrível que se avança,
Nem soffras sem vingança
Que o pé ferrado do cavallo ibero
Trilhe a seara ao lavrador sincero.

Não mais c'o a mão no rosto
Poesia estarás triste e abatida
Com o solto cabello descomposto,
Quebrado o louro e a lyra enrouquecida :
Olha como contentes
As Tagides mil aras te levantam,
E docemente cantam
Da Arcadia os brandos versos innocentes,
Dando-lhe assumpto acções tão excellentes.

E vós, nymphas do Douro,
Virá tempo em que n'este alegre dia
Tambem as crespas longas tranças d'ouro
Orneis da rama que o Parnaso cria :
Mostrareis com espanto
Que o Tejo não é só ás musas grato,
E n'um plausível acto
Canções compondo dignas d'heroe tanto;
Começará a ouvir-se o vosso canto.

OS CAMPOS ELYSIOS

Canto offerecido aos Condes da Redinha.

1

Nos arvoredos bemaventurados,
Por onde o Lethes vagaroso gira,
Pelas sombras felizes habitados,
Entrei, fiado na thebana lyra;
Giravam juntos os ditosos prados,
Dous vultos; por quem a patria inda suspira,
Que trajavam, se a vista não me engana,
Manto ducal, e purpura romana.

2

Um era Paulo, o irmão do Alcides nosso,
Que de força invencível ajudado
Pizou da Hydra o aspero pescoço;
Outro era Nuno, ha pouco em flor cortado,
Noticias lhe pergunta ao duque moço,
Dos paizes, que cobre o sol doirado :
Elle os casos refere em doce estilo,
Chegam-se as outras sombras para ouvil-o.

3

Vive o famoso irmão, dice; annos largos
Esperareis, que desampare a terra;
Deu-lhe os hombros d'Atlante, os olhos d'Argos
Aquella mão, que os grandes desenterra;

Fogem os dias funebres e amargos,
Foge de arredor d'elle a iniqua guerra,
E sempre ao lado seo anda abraçada
Co'a candida justiça a paz dourada.

4

Quando dos olhos meos a luz fugia
Já vizinho a pagar tributo ao fado,
Um ecco mal distincto ao longe ouvia
Que o meo tronco ao seo tronco era enlaçado;
Com os olhos busquei a luz do dia,
Era o publico voto, ajoelhado,
Que repetia, erguendo as mãos ao Ceo
Hymineo, Hymineo, vem Hymineo.

5

Na tua toxa inextinguivel arda
O fogo animador d'almas famosas;
Descendencias de heroes o Ceo nos guarda
De quem se esperam obras gloriosas.
Descansa, Lusitania, o Ceo não tarda;
D'ambos os filhos, d'ambas as esposas,
Quaes os lindos amores inquietos,
Hão de cercar o avô os doces netos.

6

Se respirasses inda a aura serena,
Tu, que cantaste Achilles d'Asia espanto,
Acháras n'outra mais formosa Elena
Nova materia a nunca ouvido canto;
Porque sendo a bellissima Lorena
Tão bella, que não é formosa tanto
Na orvalhada manhã a fresca rosa
Inda o menos que tem é ser formosa.

7

Reviveo a esperança, que entretinhas,
Formou o coração mais firmes laços;
Doce união, que invejam as pombinhas,
E que imitam da hera os verdes braços.
Encheu o rei as esperanças minhas,
Que os nossos reis não foram nunca escassos,
E as novas honras no ditoso dia
A bella alma de Daun merecia,

8

Pintar-te de seus dotes o thesoiro
E' reduzir o mar á concha estreita;
Estima as artes, ama o verde loiro
Ditosa geração aos ceos acceita :
Por vós tornou ao mundo a idade d'oiro.
Dice e a sombra purpurea satisfeita
Airosa passeou no alegre prado
Cheia da idéa do sobrinho amado.

O MARQUEZ DE POMBAL

Canto offerecido ao mesmo marquez.

1

De ti a lira e o loiro a Arcadia fla,
Não invileças nunca o dom sagrado,
Canta do pai da patria; assim dizia
Com a tremula voz o Velho honrado;
Quando junto do Tibre, que o ouvia
Sobre tropheos antigos reclinado,
Cingio na minha frente o verde loiro,
E poz nas minhas mãos a lira d'ouro.

2

Amada lira, se o teo doce accento
Abala troncos, e levanta muros,
Enfrea as ondas, adormece o vento,
E abranda os corações dos tigres duros :
Acompanha o meo novo atrevimento,
Faze-te ouvir nos seculos futuros
Se te assusta ir comigo aos pés do throno,
Instrumento infeliz, busca outro dono.

3

Pôde hum heroe no bergo recostado
Despedaçar co' as mãos dragões torcidos,
Romper da eterna noite o horror sagrado
Mostrar a luz ao cão dos trez latidos;

E um dos joelhos sobre o chão firmado,
Os braços pelas nuvens estendidos,
Sustentar elle só cheio de assombros
Todo o pezo do ceo sobre os seos hombros.

4

Pode depois de longa resistencia
Ver á seos pés o susto do Erimanto,
Dar um asilo á tímida innocencia
Na terra, e o crime encher de horror e espanto;
Possuir os thesoiros da eloquencia,
Quem cuidou que os mortaes podiam tanto?
Pôde Pombal... O' Grecia, não duvides;
E tu cuidavas que eu cantava Alcides?

5

Afôga as serpes o indiano ousado,
E os feroces leões co' a garra erguida,
De curto ferro e de destreza armado
Lança por terra o caçador numida;
Porém contra as esfinges, que rasgado
Tem no seio da Europa alta ferida,
Deo o ceo um heroe aos Portuguezes,
Dadiva que o ceo dá bem raras vezes.

6

Europa, envolve o rosto em negro manto,
Tu viste o crime nos altares posto,
E viste o irmão da irmã, banhado em pranto,
O peito virginal rasgar com gosto;
Consagrar o punhal no Templo Santo
Para depois ferir voltando o rosto
Os velhos paes, os filhos innocentes;
Tanto a superstição pode nas gentes!

7

Infama agora um povo de guerreiros,
Vomita essas injurias, que tens prontas,
Porque entornava o sangue dos cordeiros,
Ou porque á branca rez dourava as pontas,
Os barbaros do mundo derradeiros
Não contam mais estragos, que tu contas :
O sangue humano, e não um crocodilo,
Tornou infame o habitador do Nilo.

8

Se a Lusitania diz em seo abono
Que não teme que a guerra hoje a destrúa :
Se são a fé, e o amor guardas do throno,
Grande Marquez, a gloria é toda tua.
Ninguém perturba da innocencia o sono,
Ensina aos povos a verdade nua
O sacerdote em candidos vestidos,
As mãos, e os olhos para os ceos erguidos.

9

O lavrador co' as uvas enlaçadas
Entoa em teo louvor alegre o hymno,
Responde o cégador co' as mãos doiradas
De seo nobre suor tributo dino;
E só co' a tua vista amedrontadas
Aos gelos Boreaes, ao Ponto Euxino,
Fogem de nós as guerras sanguinosas,
Detestadas das mães e das esposas.

10

No capacete a abelha os favos cria,
Curva-se em fouce a espada reluzente,
O insecto industrioso as roupas fia,
Outras fia a Serrana diligente;

Manda ao Tejo brilhante pedraria
O ultimo occaso, o ultimo oriente
Ao Tejo manda perolas redondas,
Arbitro antigo das ceruleas ondas.

11

Formoso Tejo, que do patrio assento
Respeitado das tropas do inimigo,
Vês ondear á discrição do vento
No elmo as plumas, na seara o trigo :
Reconhece do throno o firmamento,
A balança do premio e do castigo,
O pai da patria, o defensor da Igreja;
Vai ao grande Marquez, e os pés lhe beja.

12

Depois ao mar, que vio o caso triste,
Que a cinzas reduzio Lisboa inteira,
Pinta a nova Lisboa, e que lhe ouviste
Que não tinha saudades da primeira;
Conta-lhe a doce paz, dize que a viste,
De carvalho e pacifica oliveira
Enramadas as torres, o altos muros,
Ir pôr as mãos sobre os altares puros.

NOTAS Á ODE AO CONDE DA CUNHA

1. Dom Antonio Alves da Cunha, 1º Conde da Cunha, tomou posse da administração colonial do Brazil, como seu vice rei, com assento no Rio de Janeiro, em 16 de Outubro de 1763.

Foi incansavel em promover os melhoramentos materiaes da nova capital do Brasil.

N'estas breves e concisas palavras do conego Januario da Cunha Barbosa encerra-se a historia da sua administração vice-reinal :

« Cuidou logo na administração maritima; reforçou todas as fortalezas, pondo-lhes maior numero de tiros; visitava com frequencia e algumas vezes inesperadamente, as diversas obras publicas, on por mar ou por terra; construiu o deposito publico da polvora na ilha das Pombas, que por isso se ficou chamando Santa Barbara; estabeleceu na fortaleza da Conceição a fabrica das armas, para o que trouxe consigo de Lisboa um mestre armeiro. No seu govêrno regularam-se as tropas de linha, vindo o general João Henrique Bloem e os tres regimentos de Bragança, de Moura e de Estremoz. Foi desinteressado e firme em todas as suas determinações, e tão justo que fez passar para o Rio Grande o seu ajudante das ordens Alexandre Cardoso, por lhe constar que abusava da sua auctoridade. ». — *J. N.*

2. A ilha das Pombas, depois chamada ilha de Santa Barbara por causa do deposito do polvora que n'ella estabeleceu o conde da Cunha. — *J. N.*

3. A nau *Serpente*. Este nome foi depois mudado em *São Sebas* *trao*. — *J. N.*

4. Achava-se então o auctor na cidade do Porto, segundo se deprehende da ultima estancia d'esta ode. — *J. N.*

LENITIVO DA SAUDADE

NA MORTE DO PRÍNCIPE DO BRASIL D. JOSÉ

Entre cyprestes funebres sentado,
Em triste noite, ah quanta dor me opprime !
Vós lucidas estrellas, testemunhas
Sois do meu pranto : ó sol, tu mesmo involto
Em nebuloso veo passaste d'este
Ao opposto hemispherio : lá causando
Mágua no coração, agua nos olhos
Terás dito de Lysia o caso infausto.

Sorte fatal dos miseros humanos
O morrer uma vez? Mas que tão cedo
Roubasse a morte á lusitana gente
O seu principe augusto !... Não bastava
Dos longevos mortaes cortar a vida?
Porém de um jovem principe, delicias
E amor da gente humana, em quem crescendo
Lysia a sua ventura respeitava !...
Barbara crueldade! Mas que vejo?
Que subito temor me gela o sangue?
Um medonho semblante me apparece,

Eis a mão e a terrivel arma vejo
Fim dos humanos. Baculos, tiaras,
Sceptros, corroas, taes os seus despojos.
Que terrivel voz ouço : — « E tu pretendes
Oppôr-te as leis de cima? Desejavam
Sim os saudosos lusos longos annos
A José, sua luz, mas o contrario
No livro de destino estava escrito :

Não, não crêas injusta a Providencia. »
 Assim articulou. Não de outra sorte
 Que sanguineo relampago se ausenta
 Da minha vista; alheio dos sentidos
 Que horror, que pasmo e assombro me domina!
 Torno a mim; abro os olhos; mas que importa?
 Cercam-me sombras mais que a noite escuras.

Astros do ceo luzentes, emprestae-me
 Da vossa luz esplêndida algum raio!
 Bem como o cego, o quem por feliz sorte
 Succedeu de repente o ver; não de outro
 Modo a mim me acontece : os ceos eu vejo,
 Vejo os luzidos ceos e leio n'elles
 O quanto é justa e sabia a Providencia.
 Sim na magnificencia, na belleza,
 Na perfeição da machina celeste
 Eu leio o quanto é justo, o quanto é sabio
 O quanto é grande, o quanto é poderoso
 O soberano Auctor, que tudo rege.
 Nada sem seu querer, nada acontece;
 E o que somente quer é o melhor sempre.
 Justissimos são pois os seus juizos,
 Bem que juizo humano os não comprehenda.

Mas oh que bello objecto o pensamento
 A meus olhos presenta !... Quaes brilhantes
 Exhalações, que o vulgo julga estrellas
 Que se movem no ceo, taes do ceo descem
 Para mim tres donzellas refulgentes,
 E posto que em luz tanta, mal eu posso
 Descernir qualquer d'ellas; bem me mostra
 Ser uma a Piedade e as outras duas
 A Religão e a Liberalidade
 Tu, cara musa, agora me soccorre :

Primêiro a Piedade com voz terna
 Suavissimamente assim me fala :
 « — O' tu que de teu principe lamentas
 Saudoso a morte, sabe que chamado

Foi ao reino da gloria merecido.
Eu lhe ensinei o amor que a Deus se deve
A honra, a devoção, e tão perfeito
Se fez que inda seis lustros não completos
Quiz dar-lhe o rei dos ceos nos ceos a croa.

— Oh quanto ! Diz depois em tom sereno
A Religião. Oh quanto este heroe regio
Me foi sempre dilecto ! Sempre ao lado
Eu lhe assisti, e elle os meus dictames
Não somente observou, amou constante
Caro filho da sancta madre Igreja,
Do teu Deus tu ja gosas, cujo nome
Da minha mão no peito escrito tinhas. »

« — E o seu, me diz então Libralidade,
Por mim ficou gravado para sempre
Nos gratos corações dos Portuguezes
Tanta benevolencia, tanta graça,
Tantos favores, tantos beneficios
Eu lhe inspirei, que em quanto houver no mundo
Gratidão, hade o seu louvor ouvir-se;
Fazer felizes era o grande objecto,
Que lhe occupava o bella e amavel alma.
Assim soube elevar-se a tanta dita !
Tu agora annuncia, em fim me dice
Da justa saudade o lenitivo,
— Que José luz no ceo qual sol nascendo. »

N'isto desaparecem. Movo os olhos
Pelo horisonte e vejo o sol no oriente !

A LIBERDADE

CANÇONETA DE METASTASIO

(TRADUÇÃO)

Bem hajam teus inganos,
O' Nise, em fim respiro
No doce meu retiro,
Favor que o ceo me fez.
Tenho de todo livre
O imperio da vontade :
Não sonho liberdade,
Não sonho d'esta vez.

Cessou o ardor primeiro,
E agora socegado
Para fingir-me irado
Nem acho em mim paixão.
Não mudo mais de cores,
Se ouço o teu nome ausente :
Nem mais se estou presente
Me bate o coração.

Se vive alegre ou triste
O gosto ou pena sua,
Ja não é culpa tua,
Ja não é teu favor.
Tambem sem ti me agrada
O prado ou fonte pura ;
Comtigo a brenha escura
Tambem me causa horror.

Olha se eu sou sincero :
Ainda te acho bella;
Mas já não te acho aquella
Que é sem comparação.
E falo-te verdade,
No lindo rosto e peito
Ja te acho algum defeito,
Que não te achava então.

Quando quebrei teus laços,
Olha a fraqueza minha :
Julguei que me convinha
De penas acabar.
Mas para ter descанço,
Para emendar taes erros,
Para fugir de ferros
Tudo se deve obrar.

Se acórdo, o pensamento
Já hoje em ti não ponho;
Ja cada vez que en sonho
Não te costume ver.
Ausente de teus olhos
Na idéa não te pinto;
Perto de ti não sinto
Nem pena, nem prazer.

Lembra-me o teu semblante
D'elle não faço conta;
Lembra-me a minha affronta;
E não me posso irar.
Confuso á tua vista
Não fico a cada instante;
Com o teu novo amante
Póssô de ti falar.

Móstra-me agrado ou ira :
Mas vê que é n'este estado
Perdido o teu agrado
Perdido o teu rigor.

Não fazem os teus olhos
Em mim o antigo effeito;
Não achas o meu peito
Disposto em teu favor.

O leve passarinho,
Que nas manhãs serenas
Deixa no visgo as pennas,
E fôge da prisão :
Depois que as pennas todas
Renova em breve espaço
Brinca em redór do laço
Em outra occasião.

Não julgas apagado
Em mim o incêndio antigo,
Porque a miúdo o digo,
Porque o não sei calar.
E' natural instincto
E nas tormentas duras
Suavisa as desventuras
O gôsto de as contar.

Da sorte que o guerreiro,
Si acaso sahe com vida,
Mostra a cruel ferida
E conta o que passou.
Da sorte que o cativo,
Que esteve em grilhões prezo,
Mostra contente o pezo
Dos ferros que arrastou.

Supporto que em ti fale,
Não sei si és viva ou morta
Falo, mas não me importa
Si tu me crês ou não.
Falo, mas não pergunto
Si approvas o que digo
Nem si ao falar comigo
Terás perturbação.

Perdes por inconstante
O amor mais verdadeiro;
Não sei de nós primeiro
Quem se ha de consolar.
Eu sei que um firme amante
Não se acha a toda a hõra;
Uma alma enganadõra
E' facil de encontrar.

GLOSA

A quadra do Duque de Lafões :

*Muitas terras tenho audado
 Muito gente frequentei,
 Com todos tive fortuna
 Mas nunca melhor me achei.*

Nem pelo esplendor da C'roa,
 Nem pelos troféos antigos
 Por trabalhos e por p'rigos,
 De meu nome a fama vôa;
 Fumegava inda Lisboa,
 Eu deixando o Tejo amado,
 Entreguei-me á sorte, ao fado,
 Por adquirir novos lumes;
 Vendo gentes e costumes,
 Muitas terras tenho audado.

Vi a antiga e nobre H̃espanha
 A livre audaz Inglaterra
 Gallia illustre em paz, em guerra,
 E a sumptuosa Allemanha,
 Veneza a quem o mar banha,
 O Tibre das aguas rei,
 Bisancio com outro lei,
 A Grecia com outra rito;
 De Moscou ao sabio Egypto
 Muitas gentes frequentei
 Ora de murtas c'roadado
 Ora seguindo outro rumo,
 Coberto de pó e fumo,¹
 De nobre suor banhado;
 Vi o peloiro a meu lado
 Romper guerreira columna,
 Girando a foice importuna

Respeitou-me sempre a parca,
E do pastor ao monarca
Com todos tive fortuna.

Mas devendo a estes ares
Novo thesoiro adquirido,
Por quem eu tinha corrido
Tantas terras, tantos mares,
Tornei aos meus patrios lares,
As sciencias convoquei,
As artes bellas chamei,
Segui das musas o giro.
Hoje vivo em mais retiro
Mas nunca melhor me achei.

GLOSA

ao mote : *Tocando n'uma sanfona*

Cupido, tempo hade vir
Em que acabando os patetas,
Que não hão de as tuas settas
Nem penetrar, nem ferir,
Ainda te hão de ver cobrir
De grossa e parda japonsa;
E tua mãe fanfarrona,
Que dirá, vendo-te então,
Roto e cego atrás de um cão
Tocando n'uma sanfona.

O ENTRUDO

SATYRA

Que alegre era o Entrudo em outros tempos,
Gironte amigo ! quanto a idade muda !
Está tudo acabado; já não vemos
Arrojarem-se as celhas d'agua immunda;
De brancos pós aos céos erguer-se nuvens;
As ruas retumbar de sujas pulhas;
Dos marôtos a basta laranjada;
A pellota de barro, o esguicho, o rabo;
Do gallego servil a cara informe
De lama enlapuzada, e de tal c~~usa~~.
Hoje apenas se vê algumas gôtas
Espremidas cahirem das janellas
Por mãos mimosas de gentis donzellas.

Mas, oh das côrtes e cidades grandes
Destino providente ! nunca ao publico
Faltou quem dêsse novos espectaculos !
Quanto não riu n'este verão Lisboa
Vendo posto na Praça da Parada
O vaidoso Talaya, capitão,
Doutor, almotacé, poeta, et cœtera !
Tratando um bravo touro de chimera,
Crê fazer mais do que Bellérophonte¹ :
Que este o Pégaso alado cavalgava,
Mas elle tres sendeiros desazados.
A cada um arrastra seu desejo :
Comtanto que o consiga, não tem medo
Que o assobie o povo, e o mostre a dedo.

Zamparine apparece; adeus, Talaya!
 Zamparine em francez, em prosa, em verso;
 Nas salas, no theatro, nas tabernas,
 Tudo se enzamparina; os homens digo,
 Que as mulheres maldita graça lhe acham.
 Já de mil pretendentes rodeada,
 Se constitue Penélope ás avessas;
 Porque a outra esperava o errante espôso,
 Esta corre porém climas diversos,
 Vendo muitos costumes, e cidades,
 Sómente por buscar alguns Ulysses:
 Crê achal-os aqui, que a fama sôa
 De sr Ulysses quem fundou Lisboa;
 Até que um lhe appareça, astuta e destra,
 Vai fiando delgado os seus favores.

Por ella soam no estucado tecto
 As dobradiças da ferrada burra
 D'onde o negociante tira, e conta,
 As retinintes peças que encartuxa;
 Entanto o guarda-livros, vigilante,
 No=Ha de haver=da casa escreve, e lança
 Em « Despezas geraes » aquelle dia.
 Ferve a pêta, a anecdota, a praga; a intriga
 Chove como na rua aos directores;
 Nem te livras, asthmatico Theotonio,
 De venenosas linguas: 'té pintores
 Por ter de Zamparine exactas copias,
 Animam os pinceis, dão vida ás côres.
 O demonio de um louco enthusiasme
 Se apodéra da plebe dos orates
 (Disse orates, querendo dizer vates)
 Que imaginando com saber profundo
 Que ainda ha Saphos, ou Lesbias pelo mundo,
 Estrugem os ouvidos com romances,
 Décimas frias, râncidos sonetos,
 Que mal entende a actriz veneziana,
 E em os mal entender perde bem pouco*
 Eis que de auctor sagrado Ode á divina
 Pelo vulgo se espalha. *Asas tem Pluto*
 Sae a empatar-lhe as vasas no caminho;

squenta-se-lhes a bilis, fremem de ira;
 ue os poetas tem odios do diabo.
 'aqui Macedo, satyras fulmina,
 os seus sermões pelo teor moldadas,
 m verso solto, como o proprio auctor.
 e exordio, narração, invocação,
 ão se sabe escusar nas suas obras,
 ida que só fizesse um mau quarteto.
 'ali Monteiro, qual outro Lucilio ⁴,
 stando sobre um pé, faz n'uma noite
 erdendo seu trabalho, e seu azeite ⁵,
 rezentos pares de enfadosas rimas
 m estilo dialetico forense.
 mbos poetas são « Invicte Domino » :
 ste, quando o quer ser, se nos presenta
 orregedor da vara de Megéra;
 quelle traz o açoite de Tisiphone ⁶,
 om que o seu corpo castigar devia,
 efreando a licença, penitente.

ividem-se os juizes : defensores
 ccupam no Parnaso ambos os cumes.
 asilio faz lunatico a Macedo,
 lattos fal-o pastel de carne e massa.
 ão te faltam, Monteiro, mil sequazes,
 ue offerecem verter em teu serviço
 é á ultima gota do seų estro.
 'oca-se ás armas, temol-a travada !

tempo já houve, em que a Discordia féra,
 ue nos pequenos corações domina,
 erramou o seu livido veneno
 los peitos dos bréjeiros, e rapazes :
 iram-se então d'Alfama e da Pampulha
 remular as bandeiras; e os exercitos
 farcharem com furor á civil guerra,
 ue os campos infestou da Cotovia⁷

ós, igualmente divertis Lisboa,
 uidando acreditar-vos com discordias.
 ois do Entrudo as figuras; sois do inverno

Os Talayas, e a fabula do povo.
 Por mais que a gente séria ás gargalhadas
 Moteje á vossa custa de maus versos,
 Vós vos crêdes Homeros e Virgílios,
 Por vêr que quatro estúpidos vos louvam
 E se algúem vos não grita « Viva ! bravo !
 Este soneto é em phrase horaciana »,
 Sem ter vergonha o applaudis vós mesmos,
 As casas atroando com palmadas.
 Festas felices, bem aventuradas !

Deixa, amigo Monteiro, de secar-nos,
 Co'a antiga locução, áspera e dura;
 Confessamos que tem graça e energia,
 Lida nos bons auctores, que nos honram.
 Mas as palavras são como a moeda :
 O uso unicamente é o rei que faz
 Que ellas valham o que elle quer que valham.

Faze outra vez viver as esquecidas,
 Adopta embora as novas, funde as velhas,
 Lima as informes, pule as escabrosas,
 Enriqueça-se a lingua portugueza
 Com prudente licença e boa escolha;
 Porém nunca vocabulos nos digas
 Que arranham os bichinhos dos ouvidos.
 Nem a todos concede a natureza,
 Como concede a ti e á tua seita,
 Orelhas de aço, tímpanos de bronze.
 E tu, Macedo, falo-te sincero,
 Dou-te licença de queimar teus versos;
 Não nasceste poeta, tem paciencia,
 Emprega o tempo em lêr as Escripturas,
 Os Basilios, Chrysostomos, Gregorios*;
 Pois é pena que, tendo alguns talentos,
 Não saibam teus sermões a nada d'isto :
 Um estilo affectado e corrompido
 Não é a phrase simples do Evangelho.
 Admiram-te ignorantes; mas aos doutos
 Não podes agradar, nem compungir.
 Isto de poesia é bagatela,

Propria d'outro instituto, e d'outra idade;
Vê que a aurora do tardo desengano
Já começa a raiar nas tuas fontes.

Deixai ambos de ser alvo das gentes,
Quixotes cada um por seu feitio;
E agora que se chega a primavera,
Navegai para Anticyra, que tendes
Precisão ambos de tomar o « helléboro ¹⁰»

Musa, por que razão me não concedes,
Para encher de vergonha e confusão
A incorrigível raça dos pedantes,
Um espirito igual ao de Cervantes?

NOTAS DE ALBERTO PIMENTEL

1. João Dias Talaya Souto-Maior, bacharel em canones, que teve duas manias desastrosas : tourear a cavallo e fazer versos. Lobo de Carvalho satyrisa-o nos sonetos XLI e seguintes até ao L., incluído nas suas *Poesias*. Talaya deixou o 1.º tomo de uma collecção de *Rimas Ab. uno disce omni s.* O publico não quiz mais *Rimas*.

Filinto Elysio, referindo-se ás odes do Talaya, chama-lhes
... as gordas odes do cerval Talaya.

2. Heroe mythologico que, montado no Pégaso, venceu o monstro Chimera.

3. Este verso faltava no *Ms.* da Bibliotheca Nacional.

4. Lucilius é, chronologicamente, o primeiro poeta satyrico de Roma. Flagellou os costumes e as individualidades do seu tempo. No estilo tem rudezas grosseiras, aliás illuminadas por clarões de graciosa mordacidade. Á sua fecundidade como poeta allude o auctor d'esta satyra.

5. Este verso faltava no *Ms.* da Bibliotheca Nacional.

6. Megéra e Tisiphone eram, como Alecto, as mais temiveis Furias.

7. Referencia ás batalhas que o rapazio de Lisboa travava, dividido em facções, nos bairros populares ou mais solitarios da cidade antiga no Bairro Alto, em Alfama, na Penha de França e na Cotovia.

A instituição da policia civil ainda não pôde acabar inteiramente com este costume tradicional de que faz menção Pato Moniz na *Agostinheida*. Vide *A triste canção do sul*, cap. II, pag. 51 e 52.

8. Aqui suprimimos um verso, relativo ás moedas, mas cujo sentido é escuro. Esta suppressão em nada prejudica o pensamento de versos seguintes.

9. S. Basílio o *Grande*, S. João Chrysostomo o *Bocca de otro* e S. Gregorio Nazianzeno, o *Theologo*.

10. Anticyra, antiga cidade da Phócida, primitivamente Cyparisso hoje Negroponto, celebrou-se pelo helléboro que abundantemente vegetava nos seus arredores, e ao qual se attribuia a virtude de curar a melancolia e a loucura.

Diz o *Hyssope* :

Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres *Anticyras*

que é o mesmo pensamento de Horacio na *Arte Poetica* :

Tribus Anticyris caput insanabile.

A lenda devia referir-se ao helléboro fétido, a que o nosso povo dá o nome de erva besteira, e que tem qualidades drásticas, vermifugas, porque tanto o helléboro branco como o verde são muito venenosos.

11. Diz Innocencio (*Dicc. Bibl. IV, 271*) que uns attribuiram esta satyra a José Basilio da Gama e outros a Ignacio José de Alvarenga.

Tambem foi attribuida a Joaquim Ignacio de Seixas, medico nas Caldas, e a Francisco Xavier Lobo (em *Ms.* citado por Theophilo Braga na *Arcadia Lusitana*, pag. 360-361).

Francisco Xavier Lobo era um pintor, com certa veia de poeta satyrico. Fala d'elle Volkmar Machado na *Collecção de memorias*, pag. 209.

SONETOS

I

SONETO

AO MARQUEZ DE POMBAL

APRESENTANDO-LHE EM 1769 O POEMA URUGUAY

Ergue de jaspe um globo alvo, e rotundo,
E em cima a estatua de um heroe perfeito;
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
Que o seu nome enche a terra, e o mar profundo.

Mostra no jaspe, artifice facundo,
Em muda historia tanto illustre feito,
Paz, justiça, abundancia, e firme peito,
Isto nos basta á nós, e ao nosso mundo.

Mas porque póde em seculo futuro,
Peregrino, que o mar de nós afasta,
Duvidar quem anima o jaspe duro;

Mostra-lhe mais Lisboa rica, e vasta,
E o commercio, e em logar remoto, e escuro,
Chorando a hypocrisia. Isto lhe basta.

II

SONETO

AO REI D. JOSÉ I

RESTAURADOR DA CIDADE DE LISBOA DESTRUÍDA
PELO TERREMOTO

Bate as azas veloz fendendo os ares
A fama, e vôa ao templo da memoria;
Na sala entrou da portugueza historia
Onde sem numen viu um dos altares.

— Si buscaes filhos meus, diz, para honrares
N'este logar um idolo de gloria
A de José, já publica e notoria
Ambos os polos vê, ambos os mares. »

Calou-se a deusa e os heroes o indulto
Lhe concedem com gôsto e gravidade
Sem que o ciume lhes embace o culto.

Então desenha a deusa uma cidade
E erigindo a José um aureo vulto
No altar o deixa entregue á eternidade.

III

SONETO

AO MESMO REI

NO DIA DA INAUGURAÇÃO DA SUA ESTATUA
EQUESTRE, EM 6 DE JUNHO DE 1775

Fundou co'a forte espada a monarchia
Um Affonso, e outro Affonso heroe valente.
Coroou Ceres de Diniz a frente
Das musas na agradavel companhia.

Pedro adorou da amada a cinza fria.
João quebrou dos leões a garra, e o dente.
Manoel forçou as portas do oriente,
Por ver o berço aonde nasce o dia.

Pagou tributo de manchadas pelles
A quarta parte nova ao quinto Augusto.
Mas tu foste maior que todos elles :

Que lês por baixo do dourado busto
Amou os povos, foi amado delles
José, o pai da patria, o grande, justo.

IV

SONETO

AO MESMO REI

NO DIA FELIZ DA INAUGURAÇÃO DO COLOSSO REAL

Domador do bucephalo arrogante
Alexandre, où quem és ? por mais que estude,
Facil não é que de conceito mude,
Vendo a teus pés o indico elephante.

— O pai da patria — soa lá distante
A abobada do templo da virtude :
— Pae da patria — responde em lingua rude
A America emplumada, o fusco Atlante.

Reconheço a José. Pombal eu vejo,
Que a corôa na testa lhe sostinha.
Reverente me inclino, e o sceptro bejo.

Na mão o sceptro de ouro ao rei convinha :
Ou entre o Efestião, e o rei do Téjo,
Quem se enganasse bem desculpa tinha.

V

SONETO

A CERTO INDIVIDUO

QUE SENDO PROTEGIDO PELO MARQUEZ DE POMBAL
INCORRERA DEPOIS EM SEU DESAGRADO

Achou Fabio um torrão de barro louro,
Que amassou de vagar muito a seu geito,
E delle fez um homem tão perfeito,
Que a todos parecia ser de ouro.

Ninguem se lhe atrevia em seu desdouro,
Mas o tempo, que a nada tem respeito,
Na grande perfeição fez tanto effeito,
Que elle proprio lhe foi funesto agoûro.

Olhou Fabio, que é justo, e então pondera
Que a vaidade deste homem, a que elle ama,
Contra o mesmo factor logo se altera,

Levanta o braço e contra o vicio exclama,
Derriba a mesma estatua que fizera,
E do estrago somente dura a fama.

VI

SONETO

A' NAU SERPENTE

POR OCCASIÃO DE CAHIR AO MAR NO RIO DE JANEIRO
EM 8 DE FEVEREIRO DE 1767

Já do lenho as prisões se desataram,
E assustada serpente as aguas trilha,
Já ondêa no mar a instavel ilha,
E já no fundo as ancoras pegaram.

Os ventos sobre as azas se firmaram
Por ver de perto a nova maravilha,
E ao vasto peso da disfôrme quilha,
Gemeo Neptuno, e as ondas s'incurvaram.

Verdes Nymphas azues do pégo undoso,
Conduzi pelos humidos logares
Esse errante edificio magestoso :

E entre tantas emprezas singulares,
Veja o mundo qual é mais glorioso,
Dar leis á terra, se por freio aos mares.

VII

SONETO

A UMA SENHORA

NATURAL DO RIO DE JANEIRO, ONDE SE ACHAVA
ENTÃO O AUCTOR

Jo', Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas comigo de cautellas,
Qu' inda te espero ver, por causa d'ellas,
Arrendida de ter sido ingrata.

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrellas;
Verás murchar no rosto as faces bellas,
E as tranças d'oiro converter-se em prata.

Pois se sabes que a tua formosura
Por força ha de soffrer da idade os damnos,
Porque me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, em quanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos annos.

VIII

SONETO

A JOSÉ BASILIO DE GAMA

PELA SENHORA NATURAL DO RIO DE JANEIRO E
COM OS MESMOS CONSOANTES

Termindo, se Marfisa vos maltrata,
E' porque conheceo vossas cautellas ;
Porém ficai bem certo que por ellas
Nunca lhe pesará de ser ingrata.

Posto que o tempo tudo desbarata,
Em Marfisa são fixas as estrellas,
Que as deidades não deixam de ser bellas,
Inda que o oiro se converta em prata.

Se tivesseis poder na formosura,
Eu receára então maiores damnos,
E desgraça seria o que é ventura.

A tempo vos envio os desenganos,
Que fôra para mim pena mui dura
Ver tão mal empregada a flor dos annos.

IX

SONETO

A RESIGNAÇÃO

POR OCCASIAO DO SER O AUCTOR CONDEMNADO PELO
TRIBUNAL DA INCONFIDENCIA AO DEGREDO
DE AFRICA.

Temam embora a morte os que aferrados
Aos grossos cabedaes, que possuam,
Nunca tam de repente presumiam
Que lhes fossem das mãos arrebatados.

Sintam deixar co'a vida os começados
Muros d'altos palacios, que erigiam;
A cara esposa, os filhos, que cresciam;
Os brandos leitos; os tremós dourados.

Que eu sem bens e sem casa, vagabundo,
Mal coberto c'o manto da indigencia,
Ja não temo da morte o horror profundo.

No que me tira não me faz violencia,
Que o melhor modo de sahir do mundo
E' cheio ou de miseria ou de innoencia.

X

SONETO

A' DONA JOANA

A idade, aquella idade que primeiro
Viu em mão delicada o sceptro e o mando
E a Egypcia, que as ruinas pôde amando
Duas vezes causar ao mundo inteiro :

Que viu levada de furor guerreiro,
Parte da trança negra ao vento dando,
Correr c'um peito atado e outro ondeando
A usurpadora mãe do assyrio herdeiro :

Que viu co'a mão que erguia uma cidade
Confundir com o dom da mão troyana
Um resto de fraqueza e de saudade :

Que ultrajada belleza, alma romana,
Viu nadar o seu sangue, aquella idade
Tudo não viu por que não viu Joana.

XI

SONETO

A TUPAC AMARU

AO INCA QUE NO PERU ARMANDO ALGUMAS TRIBUS
DECAROU GUERRA AOS HESPANHOES E POR ALGUM
TEMPO OS DEBELLOU.

Dos curvos arcos, açoitando os ares,
Vôa a setta veloz do indio adusto;
O horror, a confuzão, o espanto, o susto
Passam da terra e vão gelar os mares.

Ferindo a vista os tremulos cocares
Animoso esquadrão de chefe augusto
Rompe as cadêas do hespanhol injusto
E torna a vindicar os patrios lares.

Inca valente, generoso indiano!
Ao real sangue que te alenta as vêias
Une a memoria do paterno damno.

Honra as cinzas de dor e injurias cheias,
Qu'inda fumando a morte, o roubo, o ingano,
Clamam vingança as tépidas areias.

XII

SONETO

AO MARQUEZ DE POMBAL

QUANDO EM SUA QUEDA, EM 1777, O POVO DE LISBOA
PEDIO QUE SE TIRASSE O SEU BUSTO, QUE SE HAVIA
POSTO NO MONUMENTO DO TERREIRO DO PAÇO

Não temas, não, marquez, que o povo injusto
De teus grandes serviços esquecido,
Pelos gritos da inveja enfurecido
Sollicite abolir teu nobre busto.

Para ser immortal teu nome augusto
Não depende do bronze derretido;
Em mais firmes padrões fica insculpido
Teu nome excelso, teu valor robusto.

Lisboa restaurada, o reino ornado
De sciencia, de industria e de cultura,
De policia, e commercio apropriado :

A tropa regulada, a fé segura,
O thesoiro provido, o mar guardado :
Eis aqui do teu genio a copia pura

XIII

SONETO.

À NOSSA SENHORA DA MADRE DE DEOS

QUANDO COM AS PESSOAS DO NAVIO, EM QUE FORA
PARA LISBOA, LHE OFFERECERAM O TRAQUETE, SEGUNDO
O VOTO FEITO EM GRANDE TEMPORAL

Se eu beijo a praia, e vos penduro o voto,
E se ainda respiro nestes ares,
Forão vossos prodigios singulares,
Não dextreza do palido piloto.

Qual fosse a furia do soberbo Noto
Mostram vossos santissimos altares,
Este despojo dos vencidos mares,
Farpado resto do traquete roto.

Cobrio-se o mar e o ceo de sombra escura,
E a nau pendente, e surda ao leme e á vela,
Nos fez tocar da morte a sepultura.

Porém veio a manhã serena e bella;
E como não viria, ó Virgem pura,
Sendo vós nossa aurora e nossa estrella !

XIV

SONETO

A' RAINHA D. MARIA I

Em quanto o Potemkim o Turco aterra
Junto ás faldas do Caucaso eminente,
E a palida, barbuda, infida gente,
Confusa de Bisancio as portas cerra;

Emquanto Brandbourg lamenta a guerra,
Que Leopoldo illudio astutamente,
E a Belgica rebelde abaixa a frente,
Até tocar co' o rosto o pó da terra;

Emquanto o fero Inglez, com manha e tento,
Novos planos projecta cada dia,
E o ligeiro Francez dá leis ao vento,

Hymnos ao Ceo a Lusitania envia,
Pelos bens, que recebe cento á cento,
Das mãos benignas da immortal Maria.

XV

SONETO

A ALMA DO REI DON SEBASTIÃO ENTRANDO
NOS CEOSPOR OCCASIAÕ DE INAUGURAR-SE A ESTATUA
EQUESTRE DE DON JOSE I

Entrava afflita nos celestes paços
A magnanima sombra, envolta em lutos,
Do Rei, cujo valor deixou por fructos
Na Maura terra a patria em duros laços.

Affonso a chama, e nos invictos braços
De seu paterno amor dando tributos,
Lhe beija a face e os olhos mal enxutos,
Consolando-o dos fados seus escassos.

Por preparar, lhe diz, á lusa gente
A idade d'ouro, que os destinos regra,
Quer qu'este mais desastres exp'rimente.

E correndo uma nuvem densa e negra,
José mostrou á Portugal contente,
E a sombra rindo, do seu mal se alegra.

XVI

SONETO

AO PADRE MANUEL DE MACEDO

POR OCCASIAÕ DE CONSTAR AO AUCTOR O MAL QUE
DIZIA DE SEUS ESCRIPTOS O MESMO PADRE

O chimico infernal drogas malditas
Ajunta no alambique sem demora;
Ferros, venenos, vibora trahidora
Cartas da mão de Machiavel escritas.

Em fogo lento pragas infinitas
Estilou tudo, e em pouco mais d'um' hora
Pelo gargalo do alambique fóra
Sahiram par a par dous jesuitas.

Mostrou uma tal obra ao reino escuro,
E tornando a deitar muito em segredo
Sahiu um Manigrepo inda mais puro.

O demo, que o formou, lhe teve medo;
Foi lançar o alambique n'um monturo;
Desta bõrra sahiu o gran Macedo!

XVII

SONETO

A JOÃO XAVIER DE MATTOS

QUE SE QUEIXÁRA DE HAVER E AUTOR CRITICADO
DE UM POETA SEU AMIGO

Amo o grego cantor, gosto de ouvil-o
Dando ao filho de Thetys peito d' aço
Amo o piedoso heroe, que immenso espaço
Correu buscando em terra estranha asylo.

Notei do Amphryso o pedantesco estylo;
O mesmo que então fiz, agora faço
Tu entendes Voltaire e Milton e Tasso
Como eu os hieroglicos do Nilo.

Lê pelo teu Camões; canta amor cego
Que ainda que não tens arte, amigo Albanc,
Alguma natureza te não nego.

Olha, aprende francez, italiano;
Dous dedos de latim, um pouco o grego;
E depois falaremos para o anno.

XVIII

SONETO

A UMA SENHORA

QUE O AUTOR CONHECEU NO RIO DE JANEIRO
E VIU DEPOIS NA EUROPA

Na idade em qu'eu brincando entre os pastores
Andava pela mão e mal andava
Uma nympha commigo então brincava
Da mesma idade e bella como as flores.

Eu com vel-a sentia mil ardores;
Ella punha-se a olhar e não falava;
Qualquer de nós podia ver que amava,
Mas quem sabia então que eram amores?

Mudar de sitio a nympha ja convinha,
Foi-se a outra ribeira; e eu naquella
Fiquei sentindo a dor que n'alma tinha.

Eu cada vez mais firme, ella mais bella;
Não se lembra ella ja de que foi minha,
Eu ainda me lembro que sou d'ella l...

XIX

SONETO

AO GARÇÃO

Lisboa, tres de Abril. Cheio de sarro
Roto o vestido, hirsutos os cabellos
A bocca negra, os dentes amarellos
Envolto em homem gira um certo escarro.

Reger das musas o soberbo carro
Quiz, mas porem frustraram se os desvelos,
Morde no chão, arranha-se de zelos
A fragil creaturinha que é de barro.

Do aureo côche as redeas prateadas
Larga, atrevido! põe-te na trazeira
Segue de teus avós, segue as pisadas.

A Gazeta até aqui vae verdadeira
Ficam quatro folhinhas reservadas,
Que prometto mandar-te na primeira.

XX

SONETO

A NICOLAU TOLENTINO

QUE MALSINARA DO MARQUEZ DE POMBAL, DECAIDO

Poeta portuguez, bem que eloquente,
Suspende o mordaz versos que recitas
Não vês que no teu corte não imitas
A conducta de um principe prudente.

Ser ferino o Marquez, ser insolente
De horroroso partido, acções malditas
Inventar mil clausulas exquisitas
E ser réo, ser indigno, delinquente;

Mas, que importa o Marquez não fosse digno,
Pela soberba vil, pela fereza,
Se achou para o perdão um rei benigno !

Não córtes, ó vassallo, que é vileza
Celebrar um vassalo por indigno
Quanto achou no seu rei tanta grandeza.

XXI

SONETO

AOS ANNOS DO ILLM^o E EXM^o SNR.
MARQUEZ DE POMBAL

Sobre as candidas azas suspendidos
Da Luzitania os genios tutelares
Levam ao surdo céo os seus pezares
Ardentes votos, e mortaes gemidos :

Como ligeiras settas despedidos
Perdem de vista a terra, e os fundos mares
E muito alem das regiões dos ares
Foram no seio eterno recolhidos.

Meteu na urna, que o futuro encerra,
O Fado a mão, de donde está pendente
O bem e o mal, a doce paz e a guerra

Tirou, abrio, a mão omnipotente
E fez feliz de ãa só vez a terra
Dando o grande Carvalho á lusa gente.

XXII

SONETO

Depois que de Clemente os frios ossos
Não vingados cubrio indigna terra;
A grande alma, lá onde o bem se encerra,
Benigna inda protege os casos nossos

Vio pulular os tumidos pescoços
Da hydra, que lhe fez tão dura guerra
Vio cavar o sepulchro ao heróe que a aterra
Quando nós lhe erigiamos colossos

Doeu-se então; e do estrellado assento
Cubriendo com o braço o illustre amigo
O golpe, e o auctor, tudo foi dado ao vento.

Lusitania, olha o seu, e o teu perigo !
Respira a hydra embora o impuro alento.
Ainda és grande; pois que o tens contigo.

XXIII

SONETO

NO DIA DOS FELICISSIMOS ANNOS DA AUGUSTISSIMA
SENHORA RAINHA MÃE DONA MARIANNA VICTORIA
OBJECTO DA SAUDADE PORTUGUEZA

Iris de Tejo, cujas mãos divinas
Com prizões doces para sempre ataram
Os rompentes leões, que ameaçaram
Co'a a garra horrenda as lusitanas quinas.

Não fizeram as gregas heroínas
Tanto; nem de taes louros se adornaram
Quando, solto o cabello, se lançaram
Entre os paes e os esposos, as Sabinas.

Vem alegrar, que é tempo, os nossos ares;
Onde, junto da placida corrente,
Cubrimos de mil flores teus altares.

Como o sol, que se esconde no occidente
E vae ver outras terras, e outros mares,
Mas torna a consolar a afflicta gente.

XXIV

SONETO

No mais forte lugar da torreada
Cidade eterna estão em alto erguidos
Bellicos instrumentos suspendidos,
Com que a gente do ceo triumphada

Purpureas settas; flamejante espada
Coriscos de mil formas retorcidos;
Tridente, que incha os mares desmedidos,
Se algum dia sacode a mão pesada.

De lá foi que mandado em um instante
O anjo de Portugal c'o ferro agudo
Fendendo os mares se te poz diante.

Conheço o forte braço, o immenso escudo
Não te salva, Senhor, o povo amante
Salva-te aquella mão que pode tudo.

XXV

SONETO

FAZENDO ANNOS O ILLMº E EXMº
MARQUEZ DE POMBAL -

- S'ò Delio Deos em mim resuscitara
Do Tracio Orfeo a magica harmonia,
As celestes moradas voaria,
E as infernaes cavernas penetrara.

Não profundos segredos indagara,
Nem das trevas Euridice traria,
As inflexiveis Parcas moveria,
E a vida de Carvalho lhe implorára.

Vede, dissera que este heróe armado
Por quem Lysia s'illustra, e em paz descança
No mundo fez seu nome venerado :

Desempenha do Rey a confiança,
E' delicia do povo, honra do estado
Numen do luzo imperio, e segurança.

XXVI

SONETO

A nua Venus, a formosa Flora;
Diana, e as caçadoras companheiras;
Do prado as pastorinhas lisongeiras;
Do mar a Ninfa, por que Axis chora.

Não são tão bellas, nem tão bella aurora,
Afugentando as sombras derradeiras,
Nem tão bello hum navio com bandeiras
Empavezado pelo Tejo fóra.

Iris de roupas verdes, e amarellas,
Paixoes, que os tentam a belleza sua.
Em fundo azul vivissimas estrellas :

No ceo sereno a prateada lua,
E outras coizas, que parecem bellas,
Não são tão bellas, como a belleza tua.

XXVII

SONETO

Ulisses vendo terras diferentes
Sem já mais guardar fé, nem lealdade;
Ariadna por Theseo na flor da idade
Abandonada a tigres, e a serpentes.

Dido vendo de longe as naus rompentes
Morta mais que da dor da saudade,
São coizas que inventou a antiguidade
Para entreter ouvidos innocentes.

Fingio que os homens tinham peitos duros,
Como fingis a ilha enganadora
Longas viagens, imperfeitos muros;

Não digo que não haja ûa pastora,
Que nos dê tempo de lhe ser perjuros,
Mas essa Fenis em que Arabia mora?

XXVIII

SONETO

Barbara, iniqua terra, ingrata, e injusta,
São estes os fantasticos agoiros
De quando t'adornei a frente adusta
De verdes, incertos, de sagrados loiros?

Ja me aparto de ti, ja me não custa
Deixar-te, e os teus fantasticos thesoiros,
Vou ver da minha Arcadia a frente augusta
Os olhos bellos e os cabellos loiros,

Com toda a acção dos braços me convida
A grande Roma, e a patria me desterra
E rende por favor deixar-me a vida :

Pagaste meu amor com dura guerra,
E's indigna de mim desconhecida
Barbara, ingrata, injusta, iniqua terra.

INDICE

Advertencia do editor litterario	1
Basilio da Gama, sua vida e suas obras	19
Bibliographia das obras de José Basilio da Gama	77
Principaes datas da sua vida	81
Peças justificativas	83
Obras poeticas de Basilio da Gama	93

POEMAS

O Uruguay	95
Notas do autor ao « Uruguay »	135
Quitubia	143
Notas do poeta ao « Quitubia ».	149
A Declamação tragica	151

ODES, CANTOS E POESIAS DIVERSAS

As Nupcias de D. Maria Amalia de Carvalho e Mello	161
Ode a Vasco da Gama	167
Ode ao Conde da Cunha	171
Ode ao rei D. José I.	175
Os Campos Elysios	179
O Marquez de Pombal	183
Notas à Ode ao Conde da Cunha	187
Lenitivo da Saudade, na morte do principe do Brasil, D. José. . .	189
A Liberdade. — Cançoneta de Metastasio. (Traducção)	192
Glosa. — A quadra do Duque de Lafões	196
Glosa. — Ao mote : Tocando n' uma sanfona	198
O Entrudo. — Satyra. —	199
Notas de Alberto Pimentel	204

SONETOS

I. — Soneto : Ao Marquez de Pombal.	209
II. — Soneto : Ao rei D. José I.	210

III. — Soneto : Ao mesmo rei	211
IV. — Soneto : Ao mesmo rei	212
V. — Soneto : A certo individuo	213
VI. — Soneto : A' Nau Serpente	214
VII. — Soneto : A uma senhora	215
VIII. — Soneto : A José Basilio da Gama	216
IX. — Soneto : A Resignação	217
X. — Soneto : A Dona Joana	218
XI. — Soneto : A Tupac Amaru	219
XII. — Soneto : Ao Marquez de Pombal	220
XIII. — Soneto : A Nossa Senhora da Madre de Deos	221
XIV. — Soneto : A Rainha D. Maria I	222
XV. — Soneto : A Alma do rei Don Sebastião entrando nos ceos	223
XVI. — Soneto : Ao Padre Manuel de Macedo	224
XVII. — Soneto : A João Xavier de Mattos	225
XVIII. — Soneto : A uma senhora	226
XIX. — Soneto : Ao Garção	227
XX. — Soneto : A Nicolau Tolentino	228
XXI. — Soneto : Aos annos do Illm ^o e Exm ^o Sr. Marquez de Pombal	229
XXII. — Soneto	230
XXIII. — Soneto	231
XXIV. — Soneto	232
XXV. — Soneto : Fazendo annos o Illm ^o e Exm ^o Marquez de Pombal	233
XXVI. — Soneto	234
XXVII. — Soneto	235
XXVIII. — Soneto	236

FIN DO INDICE

PARIS. — IMPRIMERIE LEVÉ, RUE DE RENNES, 71





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).